



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CURRÍCULO, LINGUAGENS
E INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

JUSSARA SILVA CAMPOS

**O *MEME* COMO DISPOSITIVO PARA AMPLIAÇÃO DO
REPERTÓRIO LINGUÍSTICO, COMUNICATIVO E
CULTURAL DOS ALUNOS EM FORMAÇÃO NO IFES**

**SALVADOR
2023**

JUSSARA SILVA CAMPOS

**O *MEME* COMO DISPOSITIVO PARA AMPLIAÇÃO DO REPERTÓRIO
LINGUÍSTICO, COMUNICATIVO E CULTURAL DOS ALUNOS EM
FORMAÇÃO NO IFES**

Projeto de intervenção apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas - do Mestrado Profissional em Educação - da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

Professora Orientadora: Prof^a Dr^a Salete de Fátima Noro Cordeiro

**SALVADOR
2023**

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Campos, Jussara Silva.

O *Meme* como dispositivo para ampliação do repertório linguístico, comunicativo e cultural dos alunos em formação no IFES / [recurso eletrônico]
Jussara Silva Campos. - Dados eletrônicos. - 2023.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Salete de Fátima Noro Cordeiro.

Projeto de intervenção (Mestrado Profissional em Educação) -
Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2023.

Disponível em formato digital.

Modo de acesso: <https://repositorio.ufba.br/>

1. Tecnologia educacional. 2. Tecnologias digitais da informação e comunicação. 3. Memes. 4. Cidadania. 5. O contemporâneo. 6. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo. I. Cordeiro, Salete de Fátima Noro. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. Programa de Pós - Graduação em Currículo, Linguagens e Inovação Pedagógicas. III. Título.

CDD 371.334 - 23. ed.



Programa de Pós-graduação em Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas
Mestrado Profissional em Educação

ATA DA ATIVIDADE DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE **JUSSARA SILVA CAMPOS** DO CURSO DE Mestrado Profissional em Educação DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CURRÍCULO, LINGUAGENS E INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA.

Aos **20** dias do mês de **outubro** do ano de dois mil e **vinte e três** às **08** horas e **30** minutos, reuniram-se de modo *on-line*, por meio do link <https://conferenciaweb.rnp.br/webconf/salete-de-fatima-noro-cordeiro> a banca examinadora composta pelos/as professores/as doutores/as, membro(s) externo(s) **JOSEILDA SAMPAIO DE SOUZA**, membro(s) interno(s) **GISELLY LIMA DE MORAES** e **SALETE DE FÁTIMA NORO CORDEIRO**, orientador/a, para analisar o percurso do trabalho de conclusão de curso intitulado **O MEME COMO DISPOSITIVO PARA AMPLIAÇÃO DO REPERTÓRIO LINGUÍSTICO, COMUNICATIVO E CULTURAL DOS ALUNOS EM FORMAÇÃO NO IFES**. Após a discussão, a banca analisou o referido trabalho, chegando ao seguinte parecer:

Projeto relevante, com referencial teórico atual e pertinente. Objeto de pesquisa com discussão e contribuições para o campo da educação. Apresenta denso estudo sobre o objeto meme, com linguagem clara para o leitor. O texto apresenta todos os requisitos necessários para o cumprimento das exigências do programa. A banca considera o trabalho aprovado e indica para publicação.

Prof/a. Dr/a. SALETE DE FÁTIMA NORO CORDEIRO

Orientador/a

Documento assinado eletronicamente

Documento assinado digitalmente
 GISELLY LIMA DE MORAES
Data: 30/10/2023 09:54:36-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente
 SALETE DE FATIMA NORO CORDEIRO
Data: 20/10/2023 11:27:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente
 JOSEILDA SAMPAIO DE SOUZA
Data: 20/10/2023 22:11:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

DEDICATÓRIA

À minha família, motivo de minhas escolhas.

AGRADECIMENTOS

Durante a vida vamos tecendo sonhos, buscando e trilhando caminhos desejosos de realizá-los. Este é um deles, mas que mesmo sendo sonho não vem apenas com suavidades. Foram muitos desertos atravessados nesse percurso, uns reais e outros tantos imaginários. Tive a graça e a honra de ter mãos estendidas, palavras amigas e encorajadoras, abraços acolhedores, que me nutriram e me deram energia para que cada passo me conduzisse até a linha de chegada.

Em especial agradeço...

... a meu marido, Robson Fernando, com quem tenho dividido a vida, com suas cores e dores, e que me acompanhou por toda essa jornada, ajudando com suas palavras e com seus silêncios;

... a meus filhos, Caio, Agnes e Lícia, por quem tenho um amor infinito e cujos esforços não são medidos;

... a minha querida companheira de trabalho Jucélia, que me deu apoio e incentivo desde o primeiro instante;

... às queridas colegas Josi Cani e Adriana Falqueto, que me socorreram em momento decisivo, a quem minha gratidão é imensa;

... ao meu colega de Mestrado e agora de trabalho, Gilson, com quem dividi algumas aflições do percurso;

... ao Ifes, pela oportunidade e apoio;

... à minha turma de Mestrado, que mesmo a distância se mostrava solidária e com uma sinergia incrível;

... aos meus queridos professores do Mestrado, cuja humanidade e amor pela educação são inspiradores e fortalecedores;

... aos membros do Grupo de Pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologias (GEC) que trouxeram boas contribuições ao longo das etapas;

... às professoras integrantes da Banca, Giselly e Sule, pelas valiosas contribuições, compartilhando conhecimento e ternura;

... à minha querida orientadora, minha prô Salete, de sapiência e criticidade invejáveis, fonte de inspiração;

... à minha mãe, Madalena, que, sem ter oportunidade de estudar como gostaria, foi minha primeira professora.

RESUMO

Este trabalho se pautou em oportunizar ambiências no espaço escolar para que professores e estudantes possam vivenciar e refletir maneiras de buscar um fazer pedagógico em sintonia com as tecnologias digitais, cada vez mais presentes em nosso meio. Nesse sentido, o Projeto de Intervenção foi delineado a partir do meme, por ser uma das formas comunicativas mais expressivas que atualmente circulam nos ambientes digitais. A fim de que se construísse uma proposta interventiva produtora, teve-se como objetivo geral conhecer as concepções que docentes e discentes do IES Santa Teresa têm sobre o meme, empregando para tanto uma pesquisa de abordagem qualitativa, cuja produção de dados foi alcançada tendo como dispositivos questionários, rodas de conversa e entrevistas. A análise de dados, por sua vez, foi ancorada na Análise Textual Discursiva (ATD), de Galiazzi e Moraes (2011). O resultado levou à elaboração de uma Oficina Memética, durante a qual os participantes são estimulados a interagir, criar e remixar memes, exercendo a criatividade de maneira individual, mas também coletiva e colaborativa.

PALAVRAS-CHAVE: tecnologias digitais; memes; coletividade; contemporaneidade; cidadania.

ABSTRACT

This work was based on the demand of making space at school for teachers and students to live and think over ways for the pedagogical work to adjust to the digital technologies, more often each day in our environment. This way, the Intervention Project was designed from memes, since they are one of the most expressive communicative ways which are currently present in our digital environment. Aiming at designing a productive and proactive proposal, qualitative data were collected from teachers and students at The Federal Institute of Espírito Santo (IFES), campus Santa Teresa, about their opinions concerning memes. In order to get the data, it was applied qualitative research performed by semi-open questionnaires, collective conversations and interviews. The data were analyzed under Galiazzi's and Moraes's (2011) Discourse Textual Analysis (DTA). The results afforded the design of a memetic workshop when the participants are elicited to interact, create and remix memes, being creative individually as well as collectively and collaboratively.

KEYWORDS: digital technologies; memes; collectiveness; contemporary; citizenship.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização dos campi do Ifes	36
Figura 2 - Localização geográfica da cidade de Santa Teresa/ES.....	37
Figura 3 - Vista aérea parcial do Ifes Santa Teresa.....	38
Figura 4 - Vista aérea parcial do Ifes Santa Teresa.....	38
Figura 5 - Prédio Pedagógico do Ifes Santa Teresa	39
Figura 6 - Entrada principal do campus	39
Figura 7 - Gif da personagem Nazaré	51
Figura 8 - Meme da personagem Nazaré	51
Figura 9 - Quadrinho (proto-meme) publicado na revista Judge	53
Figura 10 - História em quadrinho publicada na revista Wisconsin Octopus.....	53
Figura 11 - Imagem real flagrada do “Patriota do caminhão”	58
Figura 12 - Meme Patriota do caminhão (1).....	58
Figura 13 - Meme Patriota do caminhão (2).....	59
Figura 14 - Meme Patriota do caminhão (3).....	59
Figura 15 - Meme Patriota do caminhão (4).....	59
Figura 16 - Meme Patriota do caminhão (5).....	60
Figura 17 - Meme Patriota do caminhão (6).....	60
Figura 18 - Meme O que digo x O que pensam.....	64
Figura 19 - Meme Leitura Dinâmica.....	64
Figura 20 - Meme Só Aceita Bb	64
Figura 21 - Meme Eclipse e Terra plana.....	65
Figura 22 - Meme Antes e Depois	65
Figura 23 - Meme sobre dinheiro	65
Figura 24 - Meme Sextou Bebê.....	68
Figura 25 - Meme O Inferno É Aqui	69
Figura 26 - Meme Férias, Vem Ni Mim	69
Figura 27 - Memes sobre “Divas”	69
Figura 28 - Meme Gênios Incompreendidos	70
Figura 29 - Charge Eleições 2022	75
Figura 30 - Charge Teto de gastos	75
Figura 31 - Charge Qatar World Cup 2022.....	76
Figura 32 - Trecho da conversa via Direct - Macaquinho Sincero.....	78

Figura 33 - Trecho da conversa via Direct - Artes Depressão	78
Figura 34 - Meme sobre a Copa 2022.....	80
Figura 35 - Meme sobre a Copa 2022.....	81
Figura 36 - Meme sobre erro gramatical (1).....	81
Figura 37 - Meme sobre erro gramatical (2).....	81
Figura 38 - Meme sobre erro gramatical (3).....	82
Figura 39 - Meme sobre erro gramatical (4).....	82
Figura 40 - Meme sobre os dilemas da vida	83
Figura 41 - Meme sobre preocupações	83
Figura 42 - Meme racista.....	85
Figura 43 - Meme racista.....	85
Figura 44 - Meme gordofóbico.....	86
Figura 45 - Meme gordofóbico.....	86
Figura 46 - Meme misógino.....	86
Figura 47 - Meme misógino.....	87
Figura 48 - Meme da Ditadura - “Os dias eram assim...”	88
Figura 49 - Meme da Ditadura.....	88
Figura 50 - Evento do Partido dos Trabalhadores - 2013.....	90
Figura 51 - Meme Lula e Dilma ladrões - 2020.....	90

LISTA DE SIGLAS

ATD	Análise Textual Discursiva
AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CGI.br	Comitê Gestor da Internet do Brasil
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
Ifes	Instituto Federal do Espírito Santo
LP	Língua Portuguesa
LPL	Língua Portuguesa e Literatura
MCI	Marco Civil da Internet
MEC	Ministério da Educação e Cultura
NEM	Novo Ensino Médio
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
ProUni	Programa Universidade para Todos
Saeb	Sistema de Avaliação da Educação Básica
SISU	Sistema de Seleção Unificada
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
UFBA	Universidade Federal da Bahia

SUMÁRIO

1 CAMINHOS TRILHADOS E A TRILHAR	10
2 INTRODUÇÃO	19
3 METODOLOGIA	34
3.1 O LOCUS DA PESQUISA	35
3.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA	39
3.3 OS DISPOSITIVOS E AS ETAPAS DA PESQUISA	41
3.4 A ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA	45
4 MEMES E MEMES	48
4.1 DO MEME OFF AO MEME ON	52
5 MEME: LINGUAGEM, COMUNICAÇÃO E CULTURA	55
5.1 A LINGUAGEM DO/NO MEME	57
5.2 A COMUNICAÇÃO DO/PELO MEME	72
5.3 A CULTURA DO/PELO MEME	92
6 ENTENDENDO OS CAMINHANTES NO CAMINHAR	97
6.1 OS DOCENTES E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS	98
6.2 OS DOCENTES E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS NO FAZER PEDAGÓGICO ..	99
6.3 OS DOCENTES E SEUS PROCESSOS FORMATIVOS	103
6.4 A INFRAESTRUTURA DO CAMPUS E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS POSSÍVEIS	105
6.5 ESTUDANTES, PROFESSORES E TECNOLOGIAS DIGITAIS	107
6.6 ESTUDANTES, PROFESSORES E MEMES	112
7 PROPOSTA INTERVENTIVA	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
REFERÊNCIAS	128
APÊNDICE A – PROPOSTA INTERVENTIVA COMO ATIVIDADE E EXTENSÃO	136
APÊNDICE B – Questionário para os Estudantes	144
APÊNDICE C – Questionário para os Professores	147
APÊNDICE D - Roteiro de Roda de Conversa com os Estudantes	149
APÊNDICE E - Roteiro de Entrevista aos Estudantes	150
APÊNDICE F - Roteiro de Entrevista aos Professores	151
APÊNDICE G - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE - Estudante ..	152
APÊNDICE H - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE - Responsável do(a) Estudante	156
APÊNDICE I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE - Estudante ..	160
APÊNDICE J - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE - Docente ..	164

1 CAMINHOS TRILHADOS E A TRILHAR

Esta pesquisa que ora me aventuro a produzir vem um tanto tardiamente em minha carreira profissional, no entanto saindo das mãos de quem disse que seria professora desde a infância. Da criança que brincava de “escolinha”, que tinha uma porta de sua casa como quadro onde escrevia a giz, lecionando para alunos imaginários, muitos foram os percursos que me fizeram a profissional que sou hoje, com as inquietudes e questionamentos sobre a educação de nossos adolescentes diante desse contexto de sociedade acelerada e conectada, movida e modificada pelas tecnologias digitais.

Filha de um casal de classe socioeconômica baixa, nasci em 1969, em Colatina, cidade ao noroeste do Espírito Santo, onde ainda resido. Meu pai era basicamente o único provedor financeiro da casa, trabalhando como operário em uma gráfica; já minha mãe era “dona de casa”, que conciliava o trabalho doméstico com bordados à mão e crochê, o que resultava em renda extra para a família. Tínhamos uma vida básica, morando de aluguel em uma casa com as mobílias tradicionais, com uma tevê em preto e branco sendo a nossa distração por um bom tempo, com a companhia de um rádio a pilha, que basicamente era ligado no período da manhã.

Às vezes eu tinha o “luxo” de poder escolher o presente de Natal, mas o pouco dinheiro nos conduzia a pedidos simples. Assim, aos 12 anos de idade ganhei uma máquina de escrever portátil, que me possibilitava apresentar os trabalhos de escola datilografados, o que era ostentação diante das condições financeiras que tínhamos. No ano seguinte, passamos a ter um telefone fixo em casa, algo raro para uma família de nossa classe social no início dos anos 80. Ele raramente tocava, porque quase nenhum familiar ou conhecido também tinha o aparelho. Nesse mesmo ano, consegui ganhar a tão sonhada máquina fotográfica, porém os registros eram raros e escolhidos a dedo, devido ao preço que era um filme e a revelação das fotos. Uma realidade muito distante da atual, até para pessoas da classe econômica mais baixa como era a minha.

As imagens ganharam uma proporção incrível, proliferando “por meio de avançadas tecnologias desenvolvidas para atingir – e agora interagir – o maior número de pessoas, no maior número de lugares, no menor espaço de tempo possível” (Pretto, 2013, p. 51). Elas tornaram-se um dos espaços mais importantes de sociabilidade e comunicação do século XXI (Beiguelman, 2021), provocando muitos

desdobramentos, o que se torna um tema de suma importância ao se pensar na educação de nossos jovens hoje.

Voltando à minha trajetória, nos anos seguintes à máquina fotográfica vieram como presente de aniversário um toca-discos portátil e um rádio gravador, sempre modelos mais baratos para caberem no orçamento. Minhas distrações de adolescente se resumiam em torno desses aparelhos e de livros literários.

O gosto pela leitura se mostrou quase que ao acaso, visto que meus pais nunca haviam demonstrado interesse por esse tipo de distração, e na escola a leitura de livros literários era sempre posta como atividade obrigatória, cuja finalização se dava com fichas de leitura ou algo similar para nota. Alguns anos depois consegui incentivar minha mãe a ler também. Os livros vinham emprestados de colegas de escola, depois fiz por uns meses assinatura de uma espécie de Clube do Livro, que vi anunciado em uma revista, tendo alguns dos exemplares ainda guardados.

Cosson (2014, p. 35) pontua que “crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas”, sendo “papel do professor [...] proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação dos seus horizontes de leitura”. Esse pensamento, com o qual coadunamos, nos faz questionar como a escola vem lidando com a leitura ao longo dos tempos, em especial na contemporaneidade, em que as formas de ler têm sido alteradas pelas mídias digitais, exigindo dos leitores muito mais que letramento.

Sobre meus estudos, frequentei escola pública estadual no 1º e no 2º grau, fazendo o curso de Magistério entre 1983 e 1985. Embora sempre dissesse que queria ser professora de Matemática, os caminhos me levaram a um curso de graduação em Letras, no ano de 1987, na minha própria cidade, quando pela primeira vez experimentei como estudante a educação privada. Iniciei a faculdade no mesmo ano em que comecei a trabalhar como professora de primário em uma escola de ensino privado, o que me permitia pagar as mensalidades do meu curso.

Nas escolas em que estudei, a infraestrutura era básica, tendo como recursos habituais o quadro e o giz, além de retroprojetor, que raramente era utilizado. As bibliotecas tinham pouquíssimos exemplares, muitos já antigos, que eu assim como os demais alunos, raramente acessávamos, inclusive na graduação. Ter escola quase sem livros e sem aparatos tecnológicos era a minha referência na época, não só por

aquelas onde estudei como as por onde estagiei, e em nada me causava estranheza, uma vez que em casa também havia poucos aparelhos e raros livros.

Pensar hoje nos cursos profissionalizantes que fiz me faz refletir sobre muitos aspectos. No Magistério, havia a disciplina de Didática, que nos ensinava a ensinar os conteúdos aos alunos que futuramente seriam nossos. O Magistério nos preparava para um ensino pautado na transmissão de conteúdos, em escolas que se faziam a “giz e cuspe”, quiçá um mimeógrafo a álcool, dando-nos a oportunidade de oferecer às crianças folhas A4 um pouco mais decoradas e estilizadas. Alguns artefatos manuais eram confeccionados para auxiliar no ensino da Matemática, cujo manuseio seria também pelo professor, podendo ter a participação de algum aluno que talvez tivesse mais dificuldade de aprender a matéria ensinada. A verdade é que, durante minha experiência como professora de primário, raros materiais desses foram utilizados, dando-me a impressão que a maioria deles serviu para cumprir minha obrigação de estudante, mas que na prática tinham pouca funcionalidade.

Na graduação, por sua vez, que iniciei em 1987, havia um tecnicismo muito acentuado no desenvolver das disciplinas estudadas. O objetivo do curso era preparar professores que ensinassem aos alunos os conteúdos de Língua Portuguesa e Literatura (LPL), talvez aplicando alguma dinâmica que envolvesse os estudantes, mas que nunca foi realizada conosco nos anos de faculdade. Em quatro anos de graduação em Letras me foi exigida a leitura de um único livro literário, que se encerrou com uma prova, que nada mais era que uma Ficha de Leitura novamente. Livros, retroprojeter, uma única tevê, quadro e giz resumiam os recursos didáticos utilizados na faculdade, atestando que temos uma história de cursos de formação de profissionais sempre aquém do que o mundo requer, uma vez que mudanças ocorrem de forma muito veloz e em grandes dimensões (Pretto, 2013).

Na minha primeira experiência profissional, aos 18 anos de idade, lá estava eu, cheia de ilusões e expectativas, diante de uma turma de alunos com média de 8 anos de idade, com quadro, giz, um único retroprojeter para a escola toda e mimeógrafo a álcool. Era uma escola particular bem pequena, que em nada disputava com o modelo de escola que até então eu conhecia e para a qual havia sido “preparada”. No ano seguinte, em 1988, surgiu a oportunidade de trabalhar em outra escola particular da minha cidade, bem mais estruturada em todos os aspectos.

Com muito mais espaço físico, muito mais turmas, ofertando aula da pré-escola ao 2º grau, havia pátio grande, campos de futebol, quadras, piscinas, galpões, um auditório que também funcionava como teatro, e um “audiovisual”, que consistia em uma sala equipada para projeção de filme, slide e afins. Poder-se-ia dizer, então, que se tratava de uma escola precoce na sua capacidade de viver plenamente a “civilização da imagem e da informação” que se despontava no início dos anos 90 (Pretto, 2013¹). Na prática da rotina diária, porém, o ensino continuava a se desenvolver à base de quadro e giz, com o audiovisual sendo disputado em épocas específicas, como Dia das Crianças e fim do ano letivo, apenas para passar filmes a fim de divertir a meninada. Em outras palavras, uma escola com infraestrutura para atender à clientela típica de escola privada, mas cuja prática estava “fundamentada apenas no discurso oral e na escrita, centrada em procedimentos dedutivos e lineares” (Pretto, 2013, p. 122).

Em alguns momentos de encontros formativos que havia na escola, buscava-se incentivar quanto ao uso da sala de audiovisual, mas não passava de mera utilização como forma de atrair a atenção dos estudantes para uma “aula diferenciada”, bem como deixar evidente para seu público estudantil os recursos que a escola tinha, como forma de justificar os altos custos das mensalidades.

No ano de 1990, concluí minha faculdade e no ano seguinte me aventurei a me inscrever no processo seletivo do Estado para professor temporário de LPL. Fui selecionada para dar aula na escola onde havia feito meu curso de Magistério, acumulando, assim, uma dupla jornada de trabalho, em duas escolas distintas: a de ensino privado e a pública. Cada escola tinha seus desafios básicos.

Na de ensino público, eu era professora no curso de Magistério. As estudantes², em sua grande maioria, tinham poucos recursos financeiros e livros não faziam parte de suas aquisições comuns nem de seus hábitos, e eu estava ali contribuindo para a formação profissional daquelas jovens alunas. Já na escola particular, com um público estudantil em sua maioria com melhor poder aquisitivo, era preciso trabalhar a importância da leitura, mas sem perder de vista uma gama extensa

¹ A primeira edição dessa obra de Pretto, intitulada “Uma escola com-sem futuro”, é datada de 1996.

² No curso de Magistério só havia estudantes do sexo feminino.

de conteúdos previstos no programa do colégio, que visava a bons resultados futuramente no vestibular. Nessa época não havia ENEM, SISU ou ProUni.

Duas escolas em uma mesma cidade, com localização próxima uma da outra, apresentando duas realidades distintas quanto ao poder aquisitivo de seu público estudantil e em sua infraestrutura, porém com o ensino praticamente acontecendo da mesma maneira: na sala de aula, com quadro e giz, basicamente.

Na escola de Magistério, fiquei como professora temporária até o ano de 1995. No colégio particular, por sua vez, fiz parte do quadro de professores por 14 anos, passando depois das séries do ginásio para professora do 2º grau. Boa parte da minha concepção de educação e de atuação docente veio dos incontáveis encontros de formação promovidos por essa instituição, que eram constantes.

Acompanhando as tendências educacionais mais modernas da época, houve implantação de laboratório de informática naquele espaço escolar, porém era utilizado de maneira muito pontual, em pequenas atividades que eram praticamente obrigatórias de serem desenvolvidas. Levar os alunos para o laboratório de informática para usar computadores era sinônimo de ensino moderno, mesmo que fosse apenas para substituir o caderno por um arquivo de texto, o que normalmente era feito. Dessa maneira, os novos recursos serviam “apenas para animar uma educação cansada” (Pretto, 2013), visto que não havia tanta novidade assim. Eram as velhas práticas, às vezes com um ou outro software diferente, que davam o toque de inovação, mas que bem pouco renovavam o ensino.

Desvinculei-me desse colégio em 2001 e retornei em 2006, ministrando aulas para turmas de 7ª e 8ª séries, passando a ser professora novamente do Ensino Médio no ano seguinte. A essa época, ferramentas tecnológicas não faltavam, como um computador e um projetor em cada sala, dois laboratórios de informática, com cerca de 20 computadores cada, e um audiovisual reformado, porém, em vista do perfil predominante de estudantes na escola, todos esses recursos não eram atraentes, pois os computadores não conseguiam competir com as máquinas individuais que havia na casa da maioria dos estudantes, e o audiovisual não chamava tanto a atenção para alunos que poderiam frequentar cinema a hora que bem desejassem.

Pretto (2013), ao levantar reflexões acerca das escolas no contexto do início dos anos 90, comenta que as mídias, nessa época, estavam chegando nas casas, nas cidades e nas escolas, resultado de pressões das indústrias de equipamentos,

que viam o potencial do mercado educacional, ou adentravam até mesmo pelos alunos, que já conviviam com essas tecnologias em ambientes fora da escola. Contudo, o autor ainda comenta que esses recursos midiáticos, para estarem nesses espaços, precisavam “adaptar-se ao ritmo, aos valores, enfim, à lógica atual da escola” (Pretto, 2013), portanto logo o ar de inovação desses equipamentos desaparecia e tudo não passava de quase um momento lúdico apenas.

Em 2010, prestei concurso para professor de LPL no Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), e nesse mesmo ano passei a fazer parte do quadro de docentes do Campus Santa Teresa, onde estou até hoje. Daí, novos desafios, a começar pela primeira vez trabalhar longe de casa, em um município vizinho, cerca de 40 km de distância, porém creio que o desafio maior veio do fato de ser uma escola completamente diferente daquela onde eu trabalhava há 18 anos.

O Ifes Santa Teresa³ é de base agrícola, ocupando uma área de fazenda localizada à beira da rodovia estadual ES-080 e apresentando um ritmo totalmente distinto do qual eu estava habituada. Oferta ensino técnico integrado ao ensino médio, com aulas em período integral, matutino e vespertino, atende um público estudantil, em sua maioria proveniente de áreas agrícolas ou de zonas periféricas de cidades maiores. Além disso, na escola particular o foco era aprovação dos alunos para obterem vagas nas universidades, mas no Ifes essa meta compete com a formação profissional técnica.

A escola tem uma área enorme, porém com melhor estrutura voltada para o núcleo profissionalizante agrário, objeto de formação. As salas de aula seguiam naquele mesmo modelo de minha infância. Havia projetor, que ficava em uma espécie de “sala de apoio”, no entanto para usar éramos nós mesmos, os professores, que tínhamos que fazer toda a instalação e no momento da aula, contando com a ajuda de algum aluno. Havia a opção de usar o aparelho em um dos auditórios também, porém o dilema para utilizá-lo era o mesmo.

O próprio campus dispunha de cerca de meia dúzia de *notebooks* para que os professores pudessem levar para a sala de aula, porém muitos já estavam sem funcionar adequadamente e sem previsão de manutenção. Ainda permanece essa

³ Ao falar do Ifes Santa Teresa empregarei verbos no passado e no presente, porque há algumas características do campus da época em que entrei no Instituto, sendo hoje uma outra realidade, enquanto há outros aspectos que lhe são peculiares, portanto ainda presentes.

situação. Uma sala apertada, sem janelas e mal estruturada era o laboratório de informática, que estava sempre trancada, isso sem considerar que não havia quem auxiliasse na parte técnica dos equipamentos. Éramos nós naquela sala, professores e estudantes, com uns 12 computadores, alguns funcionando normalmente e todos muito lentos, pois eram antigos.

Diante desse cenário ficava fácil entender por que essa sala passava a maior parte do tempo fechada, com usos bem esporádicos, acumulando poeira nas máquinas. Assim, para os alunos, as cadeiras tortas e quebradas desse “laboratório” e a falta de recursos tecnológicos para a sala de aula compunham um cenário normal, denunciando que em nada se diferenciava de suas experiências escolares anteriores.

Alguns anos depois e algumas pequenas reformas, duas salas em um outro prédio se tornaram laboratórios de informática, contendo cerca de vinte computadores cada, desativando a sala anterior. Essa mudança ocorreu para atender primeiro a um curso de graduação em Informática que havia sido implantado recentemente no campus, logo alguns dilemas continuavam a se impor. Os horários de uso ficavam restritos e continuávamos sem um assistente para as aulas, portanto a utilização dessas salas era bem rara entre os professores que não eram da área de informática. Mas quando a aula acontecia nesses laboratórios, era diversão garantida para os estudantes, pois eram bem poucos os que tinham computador em casa. Nessa época, viam-se raros celulares na escola e os que havia eram apenas celulares, ou seja, não tinham conexão com a internet.

Em se tratando de internet, fazer uso desse recurso nas aulas sempre foi muito problemático, daquela época até os dias atuais. Dada a localização de zona rural do campus, à mercê de um único provedor, recebemos um sinal extremamente oscilante, resultando em uma situação de precariedade que se arrasta ao longo dos anos. Esse é um fato com o qual, pelo menos ainda, temos que aprender a lidar, uma vez que não temos como resolver, entretanto outras questões sim.

Com a passar do tempo, melhorias de infraestrutura foram sendo realizadas, contudo em passos lentos, dada a precariedade com que a educação vem sendo tratada em nosso país ao longo de sua história, mas que se intensificou entre os anos de 2016 e 2022, com vultosos cortes de verbas públicas e discursos que visavam à desvalorização da escola. Estratégias políticas visando a uma população enfraquecida e ignorante, portanto mais facilmente manipulada e explorada.

Atualmente, o Ifes Santa Teresa conta com quatro laboratórios de informática, porém essas instalações ocorreram para atender ao novo curso de graduação na área de Informática, que veio para substituir o anterior, além de um curso técnico nessa área, que iniciou em 2020. Dessa forma, esses laboratórios ficam praticamente de uso exclusivo para os estudantes desses cursos, não sobrando horário para que professores das demais áreas possam utilizar.

Vivemos momentos de transformações aceleradas, de ressignificações variadas em nossa sociedade como um todo, enquanto na escola essas mudanças são morosas.

Sem dúvida, as influências dessas tecnologias estão alterando o 'modo pedagógico' com que a escola vinha operando. [...] Temos constantemente convivido com o novo, o inusitado, o inesperado, trazidos pela chamada geração Alt-Tab⁴ para o ambiente escolar. Uma geração que tem dialogado com diferentes espaços de aprendizagem, enquanto a escola continua centrada numa dinâmica verticalizada, onde o paradigma de transmissão do professor continua pautando as práticas educativas (Rocha, 2005, p. 132).

A forma com que a escola vem concebendo as tecnologias digitais ainda está pautada na instrumentalização desses recursos, ficando a exploração de suas potencialidades a cargo de especialistas na área de Informática, de certa forma ignorando o que tem acontecido fora de seus muros e com nossos estudantes. Enquanto mudanças estão acontecendo, como produções coletivas e colaborativas, utilizando as tecnologias digitais como potencializadoras do protagonismo nos ambientes virtuais, a escola, em sua maioria, ainda se faz com transmissão de conhecimento, aula expositivas, com caderno, caneta e lápis, achando que a modernidade foi trocar o giz pelo pincel e trazer o computador para alguns de seus espaços, mais como substituto do quadro.

Tem-se uma gama de aparelhos disponíveis, internet que nos permite acessar quaisquer informações, formas comunicativas variadas, no entanto nossos estudantes trazem praticamente as mesmas dificuldades de outrora, não usufruem de toda a potencialidade que o digital traz. E nós, professores, em geral ainda não estamos preparados e sabendo como lidar com tudo isso que está presente em nosso tempo. Daí a necessidade de conhecermos e investigarmos o que já vem sendo discutido por vários teóricos, seja no campo da educação e do digital.

⁴ Essa denominação, tendo como referências as duas teclas do computador que podem ser acionadas simultaneamente, foi cunhada por Nelson Pretto para denominar a geração de crianças pertencentes à era digital, que conseguem fazer várias atividades ao mesmo tempo, alternando entre uma e outra.

Precisamos encontrar formas de conceber a educação em consonância com a realidade de cada tempo, e este tempo em que vivemos nos coloca de forma ubíqua no mundo, tornando os espaços sem fronteiras, chamando ao protagonismo.

A abertura à resignificação cria possibilidades para que as transformações do sistema educacional emergjam de dentro dele próprio, fortemente articuladas ao conjunto de transformações sociais mais amplo, uma vez que implicam as concepções, os valores e as práticas de cada sujeito do processo pedagógico (Bonilla, 2005, p. 64).

Mais que explicações, é preciso buscar entendimentos e alternativas que possam contribuir para a qualidade do ensino e a formação cidadã dos estudantes. Não se pode pensar em educação para a contemporaneidade sem considerar competências e habilidades que envolvam as tecnologias digitais e toda a potencialidade que elas podem nos oferecer para esse processo de ensino e aprendizagem. Queremos que nossos jovens estudantes se sintam acolhidos em suas falas e felizes na escola, percebendo a educação como chave para as transformações pessoais e sociais.

É nesse contexto escolar e profissional que se desenvolve este trabalho, tendo como pesquisadora um eu que experimentou durante toda a vida escolar o que era estar à margem dos aparatos tecnológicos da época, refletindo em muitas dificuldades, sob vários aspectos, e que almeja e luta por uma educação que faça sentido para nossos jovens.

2 INTRODUÇÃO

O avanço constante das tecnologias tem trazido muitas transformações na sociedade, levando as pessoas a modificarem seus comportamentos, seja em espaços de trabalho, de estudo ou sociais. Evidência disso está nos processos de sociabilidade, produção da comunicação, trabalho, cultura, economia e das próprias identidades individuais e coletivas, que estão permanentemente sendo reconfiguradas. O advento da tecnologia digital tem levado a sociedade a uma incessante busca de readaptação e de aprendizagem, inclusive em relação àquelas nossas atividades mais comuns do cotidiano, e a isso precisamos acrescentar a dinâmica e a velocidade em que acontecem. “O que mais impressiona não é tanto a novidade do fenômeno, mas o ritmo acelerado das mudanças”, considera Santaella (2010, p. 18). Dessa forma, ações rotineiras como ir ao banco para realizar atividades financeiras ou à banca de jornais para adquirir o último exemplar com notícias e acontecimentos vão dando, paulatinamente, ares de um passado remoto.

Outro fator do qual não devemos descuidar é que, se há pouco tempo a tecnologia digital era associada a profissões específicas, como desenvolvedor ou engenheiro de softwares, analista de sistemas, administrador de banco de dados e programador de jogos digitais, atualmente a realidade é outra. Desde o surgimento da Web 2.0 temos a possibilidade de configuração de redes, que associada à convergência de tecnologias digitais em dispositivos móveis, por exemplo, tem resultado em uma interatividade ampliada. Podemos, através de tutoriais e participação em comunidades de desenvolvedores, aprender a programar e a reconfigurar softwares que possuem seu código-fonte aberto, melhorando sua segurança ou suas aplicabilidades. Ou, ainda, temos a oportunidade de criar perfis em páginas web e redes sociais, que possibilitam a cada pessoa exercer seu protagonismo, tanto na produção como na emissão de conteúdos, ideias e informações. Um grande facilitador nesse processo é a convergência de mídias presentes nos smartphones, aparelhos de tamanho reduzido, de custos razoáveis e que reúnem uma diversidade de aplicativos e de funcionalidades. Ao estarem conectados à internet, possibilitam a qualquer pessoa deixar de ser um usuário para

transformar-se em um interagente⁵ (Primo, 2003), tendo a oportunidade de produzir, criar, compor, montar, apresentar e difundir seus próprios produtos (Santaella, 2010), independente de ser especialista ou leigo no campo da informática.

Assim, nesse cenário de mudanças, os meios e as formas de comunicação e de informação vão sofrendo reconfigurações e ressignificações. A conexão em rede tem feito com que noticiar um acontecimento ou expor um fato não seja mais tarefa exclusiva de sites especializados na temática, como nos indicam Cordeiro e Bonilla (2017, p. 1):

[...] estamos diante de um momento potente em relação ao acesso, troca de informações e conhecimentos, onde o protagonismo não está voltado apenas para empresas de comunicação e jornalismo, mas para o cidadão comum, todo aquele que tem interesse por um fato ou uma temática.

Também nos chama a atenção o fato de que, “digitalizada, a informação se reproduz, circula, se modifica e se atualiza em diferentes interfaces” (Santos, 2005, p. 197), permitindo que os papéis de interação comunicativa aconteçam simultaneamente, corroborando com o conceito de “interagentes”, uma vez que

Emissores podem ser também receptores e estes poderão ser também emissores. Neste processo, a mensagem poderá ser modificada não só internamente pela cognição do receptor, como também poderá adquirir novas possibilidades de formatos. Assim o sujeito, além de receber uma informação, poderá ser, potencialmente, um emissor de mensagens e conhecimentos (Santos, 2005, p. 200).

Concomitante a esse potencial de comunicação e cultura, está presente a produção deliberada de notícias falsas com intenções e públicos diversos a atingir (Gomes; Dourado, 2019; Alves; Maciel, 2020). Conteúdos com esse teor, produzidos de maneira profissional e organizada, chegam a diversas camadas da população e são absorvidos e/ou reproduzidos sem o cuidado da averiguação de fontes e dados⁶, problema que necessitamos enfrentar com a mesma energia com que são

⁵ O termo *interagente* é utilizado por Alex Primo em substituição ao termo *usuário*, uma vez que, segundo o próprio autor, “deixa subentendido que tal figura está à mercê de alguém hierarquicamente superior, que coloca um pacote a sua disposição para uso (segundo as regras que determina” (2003, p. 2). Assim, ele opta por *interagente*, “que emana a própria ideia de interação” (2003, p. 2), que “é a ‘ação entre’ os participantes do encontro. [...] o foco se volta para a **relação** estabelecida **entre** os interagentes, e não nas partes que compõem o sistema global.” (2003, p. 2 - *grifos do autor*).

⁶ De acordo com pesquisa realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br), apenas 37% das pessoas que acessam internet exclusivamente pelo celular disse ter buscado verificar se uma informação que encontrou no ambiente *online* era verdadeira (<https://www.cgi.br/noticia/releases/92-milhoes-de-brasileiros-acessam-a-internet- apenas-pelo-telefone-celular-aponta-tic-domicilios-2022/>).

implementadas, pois causam prejuízos de toda ordem, seja pessoal, social, política, dentre outras (Alves; Maciel, 2020).

Nesse sentido, é preciso destacar que a tecnologia não é neutra (Silveira, 2021), provêm daí sua característica ambivalente e a certeza de que precisamos (in)formar os cidadãos, para que possam interagir com senso crítico e segurança nos ambientes digitais. Um dos potenciais meios de (in)formação, por exemplo, são os processos educativos que estimulem o pensamento divergente, isto é, a capacidade de questionar os fatos, os acontecimentos e tudo aquilo que pertence ao senso comum, e que ensinem os estudantes a filtrarem as informações e os conteúdos que recebem, transformando-os em elementos que colaborem para uma concepção crítica, para o exercício da cidadania e para a democracia. Outro meio de (in)formar é através de oportunidades em que os jovens possam experimentar o potencial dessas tecnologias, possam aproximar-se desses recursos conhecendo suas qualidades, propiciando maneiras de entretenimento, comunicação, cultura, produção de renda, qualificação profissional, entre outros.

Se atualmente as tecnologias digitais fazem com que a simultaneidade da função emissor-receptor permita ações variadas, como produzir conteúdo e cultura, é também possível utilizar esse potencial para promover/possibilitar visibilidade e protagonismo social, numa perspectiva autoral (Bonilla; Pretto, 2015). Essa capacidade de receber, modificar, produzir e emitir conteúdos revela uma forte capacidade para que um número considerável de pessoas tenha alcance a diversos tipos de serviços, acesso à informação qualificada e, assim, possa exercer sua cidadania.

Entretanto, o que podemos observar é que uma grande parte da população se encontra fragilizada no que tange à compreensão dessas tecnologias, bem como em relação à recepção dos conteúdos que circulam na web, fato esse ligado a diversos fatores, dentre os quais estão a ausência de conectividade e acesso pleno à cultura digital, como nos indica a pesquisa promovida pelo Comitê Gestor da Internet do Brasil (CGI.br) em 2022. Os dados mostraram que o país, embora tenha chegado em 2020 com aumento de usuários em relação a 2019, indicando crescimento histórico nos domicílios de todos os segmentos, mostrou estabilidade em 2021 e 2022, entretanto cerca de 90% das casas pertencentes às classes D e E tinham conexão à rede

exclusivamente pelo celular⁷. Esse dado já indica um grave problema no tipo de conexão desse grupo, pois geralmente o acesso é feito através de pacotes de dados, que são limitados, e pela prática do *Zero Rating*⁸. Isso significa que, além de estarem excluídos de processos mais robustos que envolvem a cultura digital, estão presos a práticas que levam à restrição do uso e entendimento do que seja a própria internet, ou seja, ficam limitados a algumas redes sociais e aplicativos, conforme acordos com as operadoras. A limitação ao uso específico de alguns serviços fere o princípio da neutralidade da rede, garantida pelo Marco Civil da Internet (MCI), entre outros desdobramentos que envolvem o campo dos direitos individuais dos usuários (Intervezes, 2017).

Sobre a presença de computadores nos domicílios, a pesquisa mostrou que em 2021 houve estabilidade nos domicílios das classes mais altas, onde o computador já é presente (99% na classe A e 83% na classe B), enquanto nas classes D e E os domicílios com computador diminuíram, somando apenas 10%. Quanto às zonas rurais, os dados indicaram que nessas localidades o computador só está presente em 20% dos domicílios, já em localidades urbanas chegam a 42%. As estatísticas comprovam que os grupos populacionais economicamente desfavorecidos são os que mais ficam à margem das tecnologias digitais e, por consequência, a tudo que elas proporcionam para uma melhor qualidade de vida.

Esses dados podem ser analisados a partir de alguns fatores, como a ausência de políticas públicas para acesso às tecnologias digitais (dispositivos e banda larga), principalmente para as classes subalternizadas; dependência tecnológica no setor, uma vez que são fracas ou ausentes as políticas de incentivo à inovação no país (Turchi; Moraes, 2017), e aumento da crise econômica, que acarreta agudo empobrecimento da maior parte da população, levando-a a priorizar em seu orçamento as necessidades básicas fundamentais, conforme apontou a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua 2022.

⁷ Fonte: <https://www.cgi.br/noticia/releases/92-milhoes-de-brasileiros-acessam-a-internet- apenas-pelo-telefone-celular-aponta-tic-domicilios-2022/>

⁸ O *Zero Rating* permite que o tráfego de dados móveis e uso de determinados aplicativos não sejam descontados, ou seja, não contem para o uso mensal da franquia ou do pacote de dados adquirido pelo cliente.

Entendemos que cidadania na contemporaneidade inclui ter acesso às tecnologias digitais, possuir um preparo técnico⁹ e político para lidar com elas e, na mesma proporção, ter formação crítica para operar com tudo o que circula nas redes. Todas essas questões têm provocado, inclusive a mim como professora da educação básica, que trabalha especificamente com jovens, muitos questionamentos sobre como a escola tem se colocado diante das tecnologias digitais e desse cenário de reconfigurações e ressignificações. Sendo ela o lugar por excelência destinado à formação da democracia e da cidadania, a cultura contemporânea exige que pensemos a relação do ser humano com as tecnologias do seu tempo e que, portanto, a cultura digital necessariamente deva fazer parte dos cotidianos escolares. Diante das transformações da economia e do mercado, que reverberam também no campo da educação, principalmente quando verificamos a penetração de grandes corporações internacionais que trabalham com coleta de dados e oferecem pacotes educacionais como material didático e plataformas¹⁰, é de se perguntar sobre nossa posição, se é de subserviência ou de protagonismo, bem como refletir sobre os valores que estão em pauta em nossos currículos, se os de liberdade, democracia, emancipação e cidadania, ou de colonialismo, dominação, alienação, sujeição e submissão.

A instituição escolar não é apartada do contexto sócio-histórico, no entanto esse ambiente tem se modificado lentamente, ainda reproduzindo em certa medida o modelo de sua criação, que atendia (e ainda atende) aos ideais políticos e econômicos, resultando na “educação bancária”¹¹. Apesar de nossas ações cotidianas e comuns de vida em sociedade estarem sendo reconfiguradas pelas tecnologias digitais, a escola continua tendo o quadro e o pincel – em muitos casos ainda o giz – como seus recursos diários mais habituais, fazendo, quando muito, o uso de recursos

⁹ Sérgio Amadeu da Silveira, em sua obra *Colonialismo de dados*, aborda a falta de preparo técnico para lidar com as tecnologias digitais, o que “alavanca a alienação do trabalho e se dissemina com a ideia de que as tecnologias são apenas meios, nada mais que instrumentos a nosso serviço.” (2021, p. 44).

¹⁰ Durante a pandemia, os professores do Ifes podiam usufruir gratuitamente do Google Meet com gravações de aulas de fácil manuseio, que eram salvas automaticamente no Drive. Passado o pico pandêmico, sem maiores divulgações esse recurso de forma gratuita foi suspenso, passando a ser oferecido ao Instituto a custos altíssimos.

¹¹ A expressão “educação bancária” foi criada por Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia do Oprimido* (1987), significando a forma de ensinar nos ambientes escolares, tendo a figura do professor como centro, detentor de todo o saber, com a função de “depositar” nos alunos todo o conhecimento.

digitais como ferramentas e em momentos pontuais, como produção de slides, vídeos e textos, ou pequenas interações em blogs. Isso não quer dizer que acreditamos que a tecnologia seja a salvacionista, pois concordamos com Morozov (2018) que é uma ilusão pensar que os problemas podem ser resolvidos apenas com soluções tecnológicas, uma vez que eles têm profundas raízes políticas e econômicas, contudo somente poderemos contribuir com a formação cidadã e democrática dos estudantes estimulando seu protagonismo, criando condições para que todos, no ambiente escolar, experienciem plenamente a cultura digital.

Segundo a PNAD Contínua, que investigou em 2021 o acesso à Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), embora “a telefonia móvel celular seja um recurso de comunicação e de obtenção de informação que vem sendo visto cada vez mais como integrante do cotidiano de um número crescente de pessoas”, há certas discrepâncias no grupo de estudantes. Enquanto 93,2% dos estudantes da rede privada tinham telefone móvel celular para uso pessoal, esse percentual foi de apenas 69,2% entre os da rede pública. Já em relação à não utilização da internet durante o período pesquisado, 94,7% dos estudantes eram do ensino público, tendo como motivo para esse comportamento questões financeiras. Para 25,4% o serviço de internet era caro, enquanto para 18,8% o alto custo estava no equipamento necessário para o acesso, o que evidencia e reitera a necessidade de políticas públicas que promovam a inclusão digital das classes sociais menos favorecidas economicamente. Soma-se a essas questões de falta de acesso dos estudantes o tipo de conectividade a partir dos celulares, uma vez que, de acordo com os pacotes de dados adquiridos, tornam-se reféns das operadoras e do que elas oferecem, na maioria das vezes criando “bolhas” em relação ao acesso às informações e ficando limitados a algumas redes sociais, como mencionamos anteriormente.

Toda essa disparidade no acesso à conexão também se reflete no espaço escolar da educação básica brasileira. De acordo com o censo escolar de 2020, somente 32% das escolas públicas do ensino fundamental possuem acesso à internet para os estudantes, já as públicas do ensino médio chegam a 65%, o que indica um crescimento muito modesto para uma sociedade que, de modo geral, está convivendo com tecnologias digitais em suas práticas rotineiras e em seus serviços essenciais. Logo, desenvolver práticas cotidianas utilizando as tecnologias digitais passa por políticas públicas necessárias e urgentes que visem, dentre outras questões, à

formação docente e à infraestrutura, o que poderá refletir efetivamente na construção da cultura digital nos espaços escolares públicos. Insistimos nisso, pois muitas vezes é exclusivamente nesses ambientes que o jovem estudante tem contato direto e sistematizado com as tecnologias digitais. Se o que se pretende da escola é uma aprendizagem significativa, é preciso oferecer suporte para atender às demandas de seu tempo, portanto faz-se necessário trazer para dentro dela o que emerge fora de seus muros.

É nesse contexto de cultura digital, de convergências, de riqueza e abundância de conteúdos, de dispositivos e maneiras variadas de comunicação, mas também de toda uma problemática social que incide sobre dificuldades, como acesso à educação de qualidade, esvaziamento de princípios democráticos dentro dos currículos escolares, políticas públicas em educação enfraquecidas, que vou criando inquietudes no meu cotidiano de trabalho, algumas das quais explico aqui em forma de questionamentos. De que maneiras podemos contribuir para a formação dos jovens mais fortalecida e conectada com seu tempo, que lhes ofereça um espaço educativo favorável para o preenchimento de lacunas remanescentes de seus percursos formativos ao longo dos anos e, ao mesmo tempo, favorável à abertura de possibilidades para construção de conhecimentos significativos? Como oferecer, mesmo diante de uma infraestrutura tecnológica precária e de concepções de currículo conservadoras, condições para que se desenvolvam conhecimentos necessários, com o propósito de que nossos estudantes possam compreender e lidar com as tecnologias digitais e perceber o que elas representam, de maneira consciente e crítica, uma vez que essa é uma condição contemporânea de cidadania?

Desde o ano em que passei a fazer parte do corpo docente do Ifes Santa Teresa, em 2010, lecionando a disciplina de LPL para os cursos técnicos, encontro um público estudantil cujo perfil tem pouca variação. São, na sua maioria, alunos de zonas urbana e rural do próprio município ou de pequenos municípios vizinhos, além de zonas periféricas da Grande Vitória¹², sendo a maioria massiva proveniente de escolas públicas.

¹² Vitória é a capital do Espírito Santo. Entende-se por Região Metropolitana da Grande Vitória os municípios de Vitória, Vila Velha, Guarapari, Cariacica, Viana, Serra e Fundão.

Uma boa parte dos estudantes residentes das zonas interioranas traz uma experiência cultural familiar ancorada em tradições da descendência italiana e pomerana, típica da colonização da região do entorno do campus, e da cultura do local onde vivem, que normalmente se caracteriza por aspectos religiosos e/ou vaquejadas e rodeios. Já os oriundos da Grande Vitória, apesar de residirem em ambientes urbanos, trazem como vivências culturais as práticas de entretenimento populares mais comuns de zonas periféricas, como praia e visitas esporádicas a shopping center. Normalmente são de famílias que viajam pouco e o acesso à internet se dá basicamente por aparelho celular. São bem poucos os alunos do ensino técnico do Campus que possuem computadores de uso pessoal, situação que percebo pelas atividades que desenvolvo nas aulas de Literatura, mas muitos comentam terem acesso a plataformas *streaming*, nas quais assistem a séries, principalmente. Durante a pandemia, por exemplo, 51% dos alunos que recebiam auxílio financeiro tiveram o que se chamou Auxílio Digital, que consistia no empréstimo de dispositivo (*tablet*) com pacote de dados, para poderem acompanhar as aulas em sistema remoto.

Os alunos do Campus Santa Teresa normalmente relatam, também, vivência de poucas experiências em atividades de leitura e de escrita nos ambientes escolares já vividos, o que também se estende aos outros ambientes que eles frequentam, inclusive seus ambientes privados, pois não vêm de uma cultura de leitura literária, uma vez que diante de sua renda os livros tornam-se muito caros, além de pais e/ou familiares com os quais convivem terem nível de escolaridade baixo. As dificuldades no trato das questões de leitura e escrita são expostas pelos próprios estudantes e facilmente comprovadas pelo cotidiano da sala de aula, algo vivido por uma grande parcela de brasileiros, conforme demonstram pesquisas e avaliações em nosso país.

Se pensarmos que a escola é o lugar destinado ao aprendizado formal para a leitura e escrita, ou seja, todo o conhecimento que a criança carrega de seu ambiente linguístico deveria ser aprimorado e desenvolvido dentro do espaço escolar, então esse processo não pode ser encarado como mera formalidade. Deve pautar-se por um processo envolvente, que estimule os estudantes desde a tenra idade a encontrarem significado no ato de ler e escrever, por se tratar de “práticas sociais, vistas como pilares de uma educação preocupada com os desafios do futuro que os espera” (Kersch; Guimarães, 2012, p. 535) - e do presente também. A percepção, porém, que vou tendo a cada ano é de uma crescente falta de interesse pela leitura,

além de uma considerável dificuldade na escrita, seja nos aspectos ortográficos ou na organização da escrita como tradução do pensamento. Leitura e escrita são entendidas “como interação, como diálogo entre sujeitos historicamente construídos, de forma a atribuir sentidos, [...] para agir no mundo” (Kersch; Rabello, 2016), portanto se essas duas atividades não são dominadas, fica-se à margem em muitos aspectos sociais, não exerce plenamente sua cidadania.

Em nosso país, há levantamentos estatísticos que servem de base para definição de políticas públicas voltadas ao ensino, tendo como um dos parâmetros as competências de leitura, como é o caso da Prova Brasil¹³, uma avaliação censitária¹⁴ criada pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) em 2005, contemplando as disciplinas de Língua Portuguesa (LP) e de Matemática. As questões de LP são formuladas a partir de matrizes de referências, com descritores¹⁵ voltados à leitura, compreensão e interpretação de texto. Em 2019, a prova aplicada mostrou que apenas 36% dos alunos aprenderam o que se considera adequado na competência de leitura e interpretação de textos até o 9º ano, e 34% até a 3ª série do ensino médio¹⁶.

Os resultados do Sistema de Avaliação da Educação Básica¹⁷ (Saeb) de 2019 mostram que a maior proficiência média em Língua Portuguesa, no ensino médio, foi obtida por estudantes das escolas de administração federal. Por outro lado, os dados apontam que os resultados são melhores na área urbana do País em comparação com a área rural, assim como a média na capital é superior à média geral do Brasil, mas no interior ela é ligeiramente inferior. O Ifes Santa Teresa se encontra nesse

¹³ A partir da edição de 2019, a Prova Brasil mudou a nomenclatura, sendo, então, chamada de Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), sistema que existe desde os anos 90 e que passou a nomear o conjunto de avaliações da Educação Básica.

¹⁴ A avaliação é voltada para as escolas públicas das redes municipal, estadual e federal, aplicada a cada dois anos para estudantes da série final de cada ciclo: 5º ano (Ensino Fundamental I), 9º ano (Ensino Fundamental II) e a partir de 2019 para os de 3ª série (Ensino Médio).

¹⁵ Descritores da prova: Procedimentos de leitura; Implicações do suporte, do gênero e/ou do enunciador na compreensão do texto; Relação entre textos; Coerência e coesão no processamento do texto; Relações entre recursos expressivos e efeitos de sentido; Variação linguística.

¹⁶ De acordo com o número de pontos obtidos na Prova Brasil, os alunos são distribuídos em quatro níveis em uma escala de proficiência (Insuficiente, Básico, Proficiente e Avançado), sendo considerados alunos com aprendizado adequado aqueles que estão nos níveis Proficiente e Avançado.

¹⁷ As provas padronizadas aplicadas pelo governo durante toda a educação básica tinham três nomes diferentes: Prova Brasil, Saeb e Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA). Os exames também tinham calendários diferentes. Em 2018, o MEC decidiu unificar o nome – todos passaram a ser chamados de Saeb – e as datas de aplicação, cujas diferenças passaram a ser a indicação da etapa e das áreas do conhecimento avaliadas.

contexto de escola de administração federal, porém localizado em município interiorano do Estado e em zona rural.

Sabemos o quão importantes são esses dados para se direcionarem as ações governamentais, porém, lamentavelmente, a história nos mostra que as avaliações em larga escala não são acompanhadas por políticas educacionais que fortaleçam a educação e melhorem esses índices. Juntando-se a isso, as desigualdades sociais profundas exigem outros olhares em relação aos dados quando nos referimos a escolas públicas e privadas, e de zonas urbana e rural. Precisamos levar em consideração as condições de vida, sociais e econômicas das populações, antes de avaliar as escolas e quantificar a capacidade de alunos e professores, conforme nos aponta Seabra (2009, p. 88):

Quando consideramos as diferenças territoriais, é maior a probabilidade de os alunos que residem longe dos centros urbanos ou nas periferias destes e nas regiões do interior terem menor desempenho escolar do que os que residem em zonas de maior desenvolvimento econômico e cultural [...].

Para realidades com dificuldades nas avaliações externas deveriam ser dadas condições especiais para superarem suas fragilidades, com investimentos em acompanhamento sistemático, políticas públicas em diversas áreas, desde formação de professores, assistência aos alunos e suas famílias em suas maiores necessidades, melhoria da infraestrutura técnica nas escolas, bem como maior valorização dos profissionais da educação, dentre outros.

Uma pesquisa feita pelo Instituto Pró-Livro¹⁸ entre outubro de 2019 e janeiro de 2020, envolvendo municípios de todas as regiões brasileiras, estima que no país há cerca de 100 milhões de leitores no total, dentre os quais apenas cerca de 52 milhões são leitores assíduos¹⁹, com a maior concentração na população de até 17 anos de idade, estudantes, pertencentes às classes A e B, residentes em municípios de região metropolitana e que possuem pais e/ou responsáveis com maior escolaridade e que também são leitores. No Ifes Santa Teresa, cerca de 41% dos estudantes dos cursos técnicos integrados estão nas classes sociais D e E, e 49% residentes em municípios

¹⁸ A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-Livro a partir de 2007, é a única em âmbito nacional que tem por objetivo avaliar o comportamento leitor do brasileiro. O objetivo da pesquisa é conhecer o perfil do leitor e do não leitor brasileiro, identificando seu comportamento leitor quanto a intensidade, forma, limitações, motivação, representações e condições de leitura e de acesso ao livro – impresso e digital.

¹⁹ A pesquisa considera como leitor toda pessoa que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos três meses antes da realização da coleta de dados.

interioranos²⁰ ou em zonas rurais, conforme dados do Registro Acadêmico do Campus.

Os dados da pesquisa apontaram ainda que a grande maioria declarou que gostaria de ler mais (82%), no entanto a falta de tempo e a preferência por outras atividades são dificultadores, e aqui destaco a informação de que um maior percentual declarou que tem o hábito de ocupar o tempo livre com internet, WhatsApp e TV, mostrando-nos que a forma com que as pessoas, em geral, estão lidando com a leitura e a escrita diante das tecnologias digitais tem se modificado visivelmente. Uma aprendizagem significativa deve estar ancorada nos mais diversos textos que se apresentam na sociedade, aprimorando a capacidade de leitura, de escrita, de compreensão e de interpretação, apropriando-se de forma ampla dos textos criados e que estão sendo circulados nos ambientes virtuais, reverberando fora deles.

Temos vivenciado processos comunicativos com manifestações linguísticas variadas, criando interações diferentes e talvez nunca pensadas. Nesse espectro polissêmico, há uma diversidade de narrativas, dentre as quais estão os textos com predominância imagética, em diversos formatos, que por sua vez têm assumido lugar de destaque nos canais comunicativos, a exemplo de vídeos e imagens que viralizam imediatamente à sua postagem. Sob a ótica de Beiguelman (2021), as imagens tornaram-se um dos espaços mais importantes de sociabilidade e comunicação da contemporaneidade.

O uso de linguagem não verbal como ato comunicativo não é novidade. Ao contrário, é um recurso de origem remota. Das primeiras manifestações rupestres do período pré-histórico, que eram feitas por meio de desenhos e formas – o que possibilitou estudos importantíssimos sobre a trajetória humana sobre a Terra – aos dias atuais, esse tipo de linguagem foi ganhando refinamento nas intenções de atrair a atenção dos destinatários da mensagem, sendo reconfigurada de tal forma que, hoje, as imagens podem ser facilmente produzidas por softwares e não mais exclusivamente por mãos humanas com habilidades para as artes plásticas. O recurso imagético é tão fortemente comunicativo, que o aparecimento da palavra ao longo dos tempos não fez desaparecer esse tipo de manifestação não verbal e, sim, propiciou a associação de ambas – imagem e palavra, resultando no que se considera

²⁰ Os dados referentes à renda familiar são levantados no ato da matrícula dos estudantes.

multimodalidade textual²¹ (Marcuschi, 2008) – para um processo de interação com múltiplas intencionalidades, indo desde ganhar a atenção do receptor da mensagem pelos recursos que as manifestações não verbais permitem de forma mais diversificada, até questões mais amplas e mesmo complexas, como fazer interpretações que requerem muito mais que a simples apreciação de imagens, cores e formas²².

Kress e Van Leeuwen (2001) afirmam que o avanço das tecnologias digitais tem levado a uma quantidade crescente de textos em que a produção de sentidos acontece a partir da interação direta entre as diversas linguagens. Dentre esses gêneros emergentes, dá-se destaque aqui ao gênero textual meme, cuja estrutura tende a conter a linguagem sob variados modos. Embora os memes como textos de imagem existam muito antes da Web 2.0, circulados no meio físico²³, eles ganharam popularidade com os ambientes virtuais, sendo imediatamente associados a textos de gênero digital.

De uso comum, os memes são extremamente atraentes para os usuários das redes sociais (Knobel; Lankshear, 2007), indo de muitas curtidas a vários compartilhamentos. Há inúmeras páginas nas redes sociais que são “fábricas de memes”, ou seja, todo o seu conteúdo é voltado para a produção de memes, cuja sobrevivência e crescente popularidade se dá pelo número de seguidores, que curtem e replicam as postagens. Porém é um tipo de texto que tem ficado praticamente restrito a esse uso no ambiente virtual, ocupando pouquíssimo ou nenhum espaço nos ambientes de sala de aula, considerado por grande parte das pessoas, senão da maioria, como mais um tipo de texto peculiarmente irônico, com objetivo maior de ser apenas uma crítica divertida – e até mesmo “inocente”.

Os memes possuem uma linguagem muito atrativa e criativa, que gera um forte apelo entre os internautas, pois sua construção se dá a partir de situações do ser humano ou de fatos/episódios atuais, correspondendo a um dos elementos fundamentais para a formação de um gênero discursivo sob a ótica de Bakhtin (1997):

²¹ Multimodalidade indica a utilização conjunta de quaisquer recursos semióticos, verbais e não verbais, que, juntos, dão sentido ao texto.

²² Giselle Beiguelman, em sua obra *Políticas da imagem - Vigilância e resistência na dadosfera* (2021), discute sobre como o uso de imagens nas redes tem se tornado um dos territórios de disputa da atualidade.

²³ Chamados de *memes offline*, eram as charges publicadas em canais físicos, como revistas, jornais, folhetins e outros do gênero.

o conteúdo. Com a utilização de códigos visuais e verbais oriundos em grande parte dos elementos cotidianos em sua composição, os memes vão sendo compartilhados, remixados, ressignificados e novamente replicados, resultando em textos multimodais de rica significação, com intertextualidade presente em sua composição e nos sentidos que querem transmitir, mas que só são devidamente entendidos por quem é capaz de entender esses códigos (Cani, 2019). Nesse caso, estamos nos referindo tanto à dimensão interpretativa da mensagem quanto à percepção de ideologias que podem estar ali submersas, camufladas em seus recursos semióticos.

Considerando as estatísticas sobre leitura em nosso país e tendo consciência de que ela interfere diretamente na compreensão e interpretação dos textos, há lacunas nos processos educativos para as quais são necessárias estratégias para que nossos estudantes estejam preparados para lidar com os mais diferentes tipos de textos que se apresentam, dentre os quais os *memes*, seja compreendendo-os, interpretando-os, analisando-os com profundidade e senso crítico (Coscarelli; Kersch, 2016). Há preocupação em se alcançar níveis mais elevados de habilidades de leitura e de escrita dos estudantes para além dos conhecimentos rudimentares, atendendo às demandas socioculturais do cotidiano contemporâneo.

Diante dessas questões, algumas interrogativas vão se colocando em nossa prática profissional: a) como desenvolver as habilidades de interpretação textual de nossos estudantes?; b) como é possível construir a cultura digital no Ifes Santa Teresa, inserido em um cenário de corte de gastos públicos na educação e que, como espaço escolar público, sofre com infraestrutura precária quanto às tecnologias digitais?; c) como promover o protagonismo juvenil no meio físico, mas também no virtual, com a maioria dos estudantes do Ifes Santa Teresa tendo acesso limitado às tecnologias digitais?; d) como contribuir para que se tenha ética nas interações comunicativas nos espaços virtuais?

Uma vez que as criações nos ambientes digitais podem ser manifestações autênticas de vivências e culturas individuais e do(s) grupo(s) a que cada pessoa pertence, essa proposta de *pesquisaintervenção*²⁴ baseia-se em oportunizar aos

²⁴ A junção de termos justifica-se a partir das discussões travadas pelos teóricos cotidianistas. Aqui busca enfatizar o campo de criação de descobertas que o mestrado profissional tem levado a cabo, não se contentando com preceitos dominantes da ciência moderna, mas instaurando campo de desafios e desconfiâncias diante das certezas.

alunos do Ifes espaços para explorar diversas linguagens proporcionadas pelo contexto contemporâneo, principalmente as imagéticas. Estamos sugerindo que essa experiência se inicie com o meme, por ser uma linguagem de grande interesse dos jovens estudantes, algo que se percebe pelas postagens e compartilhamentos em suas contas nas redes sociais. Dessa apropriação interpretativa das várias formas de comunicação que nos chegam é que se desenvolve o pensamento crítico, que possibilita formar cidadãos conscientes de seu papel como ser social em uma sociedade em constante transformação. Para Mattar (2010), educar os jovens nascidos já sob esta era de avanço digital tem como interessante desafio “encontrar meios para incluir reflexão e senso crítico em seu aprendizado” (Mattar, 2010, p. 11), o que corrobora com a proposta aqui apresentada.

O ensino técnico do Ifes tem como premissa formar profissionais que sejam conscientes, críticos, éticos, preparados para a vida e para o mundo do trabalho. Acreditamos que atividades com esse gênero textual podem contribuir com a formação desses jovens, auxiliando-os no desenvolvimento de suas habilidades cognitivas por meio da sua capacidade de ter um olhar ampliado sob as várias situações que lhe serão apresentadas em seu cotidiano. Diante da problemática percebida, que é a fragilidade desses estudantes no que concerne a uma apropriação plena dos processos de leitura e escrita, envolvendo os diversos gêneros textuais, e da nossa preocupação que se tornem cidadãos críticos e emancipados diante de um contexto que tem oferecido possibilidades de múltiplas linguagens, pensamos na construção de uma proposta interventiva que acione possibilidades de protagonismo e autoria por parte dos nossos estudantes. Como objetivo de intervenção pretendemos oportunizar ambiências para discutir, problematizar, refletir e produzir memes, de forma lúdica, consciente e criativa, resultando na utilização desse gênero textual como forma de expressão de pensamento crítico e cidadão. Como objetivos específicos da proposta interventiva, pretendemos conhecer os estudantes e a comunidade sobre as práticas que têm exercido com memes em seus cotidianos e convidá-los a refletirem criticamente sobre seus usos e significados; sensibilizar para a apropriação das potencialidades dos memes; oferecer, como manifestação do protagonismo, condições técnicas de produção e remix de memes através de soluções e licenças abertas; apresentar o gênero meme e suas características

sociolinguísticas como forma de propiciar possibilidades de uso no ambiente escolar e social.

Considerando que uma intervenção pedagógica cria possibilidades de modificar o processo educacional à medida que novas estratégias vão sendo construídas para a abordagem de conteúdos, o uso de memes poderá ser um recurso interessante para favorecer o protagonismo dos estudantes no que diz respeito à manifestação de seus pensamentos e possíveis sugestões de melhoria dos espaços em que atuam, além de possibilitar formas diversificadas de trabalho interdisciplinar entre as diversas áreas do conhecimento.

Para que pudéssemos construir uma proposta de intervenção adequada à realidade do Ifes e seus praticantes, tivemos como **objetivo geral** de pesquisa conhecer as concepções que professores e alunos têm sobre o meme, e como **objetivos específicos**, procuramos analisar as diferentes concepções sobre meme; saber se professores e alunos têm feito uso do meme e sob que circunstâncias, e saber se professores e alunos têm construído alguma relação comunicativa com o meme como gênero textual.

3 METODOLOGIA

Para que esta pesquisa alcançasse seu propósito, fomos a campo a fim de que os sujeitos diretamente envolvidos no processo educacional pudessem ser ouvidos e entendidos em suas concepções acerca de nosso objeto de estudo, o meme.

Minayo (2014, p. 17) afirma que “a pesquisa alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação”. Essa concepção vai ao encontro desta nossa pesquisa, que buscou investigar os sujeitos diretamente envolvidos nos processos de ensino e de aprendizagem no espaço escolar do Ifes Santa Teresa, a fim de traçar uma proposta de intervenção, cuja intenção é contribuir na formação dos estudantes do Campus, além de sensibilizar educadores para maneiras mais conectadas (com o presente) de tratar a construção do conhecimento e pensar percursos formativos.

Destacamos que esta pesquisa está fundamentada na concepção do Programa de Pós-Graduação em Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas - Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), com vistas a propor inovação na rede da qual faço parte, por meio das intervenções teórico-práticas, conforme Almeida e Sá (2021, p. 944) pontuam:

[...] as ações curriculares são voltadas aos cotidianos das redes educativas em que os mestrandos estão inseridos, com estímulos para discussões acerca de seus espaços de trabalho, da valorização da experiência nos processos investigativos e do levantamento de possibilidades de intervenções teórico-práticas específicas de cada rede.

Pereira (2019, p. 35) nos traz também importantes contribuições acerca da concepção de *pesquisaintervenção* na educação:

Por pesquisa de intervenção em educação, entendemos um conjunto de metodologias de investigação que intervêm na educação, de modo multirreferencial para produzir conhecimentos científicos com os coletivos sociais sobre suas condições, objetivas e subjetivamente, intencionando a transformação crítica de tais condições, sendo, portanto, um conhecimento advindo de uma práxis investigativa, centrada no diálogo humano com vistas à emancipação social.

A práxis investigativa precisa estar pautada em algum método de pesquisa, os quais sabemos existirem vários e todos levam a algum resultado, no entanto nem sempre revelam a contento o que se busca conhecer e/ou compreender, não pela ineficácia do método, mas pela escolha deste que pode se dar de forma equivocada. Sendo assim, é imprescindível considerar diversos elementos que envolvem os “coletivos sociais” de que nos fala o autor supracitado, dessa forma acreditamos que o método a ser utilizado praticamente emerge diante das considerações elencadas.

Nesse sentido, ao considerarmos que nossa pesquisa visa a um projeto interventivo no âmbito educacional e que, para tanto, é necessário o envolvimento de professores e estudantes em seu espaço escolar, considerando o coletivo desse ambiente mas também as individualidades no que tange a seus processos formativos e sua realidade sociocultural, o método qualitativo se mostrou mais eficaz, podendo produzir resultados mais condizentes com a nossa proposta. Apoiamos nossa decisão nas palavras de Minayo (2014, p. 57), ao dizer que

O método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam.

Em outras palavras, a pesquisa de cunho qualitativo se apresenta como meio importante para se conhecer e entender objetos de estudo, que são fenômenos localizados no tempo-espaço, como manifestações culturais, sociais e cognitivas que ocorrem em processos educativos. Essa concepção encontra eco na perspectiva de Chizzotti (2003) ao comentar que “qualitativo” implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, “para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível” (Chizzotti, 2003, p. 221), sendo o que nos permeou por todo o percurso investigativo.

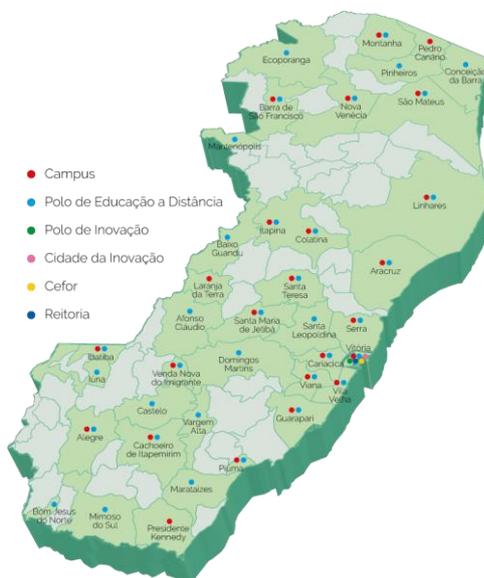
De acordo com Casarin e Casarin (2012, p. 33), “independentemente do título e do tema pesquisado, os objetivos de uma pesquisa qualitativa envolvem a descrição de certo fenômeno, caracterizando sua ocorrência e relacionando-o com outros fatores”. Entendemos que esses fatores são todas as relações que possam existir entre os diversos conjuntos associados às ações educacionais, sejam os sujeitos (aluno, professor), o conhecimento, a situação, o contexto, assim “o conhecimento e a prática são estudados como conhecimento e prática locais” (Denzin; Lincoln, 2006, p. 24). Considerar o *locus* da pesquisa com seus sujeitos e elementos constituintes teve como intenção a colaboração para se tentar entender os fenômenos da pesquisa, o que permitiu a análise mais crítica e consciente.

3.1 O *LOCUS* DA PESQUISA

A pesquisa se desenvolveu no Ifes Santa Teresa, onde sou professora de Língua Portuguesa e Literatura. Trata-se de um dos 25 campi do Instituto Federal do

Espírito Santo, uma escola da esfera pública federal, que tem grande importância social e econômica no local onde se insere.

Figura 1 - Mapa de localização dos campi do Ifes



Fonte: <https://ifes.edu.br/institucional>

Localizado à margem da rodovia ES-080, no distrito de São João de Petrópolis, zona rural de Santa Teresa, município interiorano do Estado do Espírito Santo, o Ifes Santa Teresa movimenta a economia no seu entorno devido ao grande público estudantil que atende, vindo de diversas localidades, além de seus professores e demais servidores. O campus também tem uma enorme relevância social, em especial por ser uma escola da esfera federal localizada em ambiente rural, oportunizando a educação gratuita e de qualidade para muitos filhos e familiares de pequenos agricultores, que levam o conhecimento adquirido nos cursos técnicos para suas propriedades, melhorando a produção e consequente condição de vida, uma vez que um dos principais cursos técnicos integrados ofertados é o de Técnico em Agropecuária. Ainda, no Ifes Santa Teresa há a possibilidade da verticalização acadêmica com o curso de Bacharel em Agronomia, que se iniciou em 2010.

Ressalta-se que o Campus Santa Teresa tem sua identidade agropecuária, no entanto tem buscado ampliar a área de oferta de seus cursos, tanto no nível técnico como no superior. Desde 2011 há o Curso Técnico em Meio Ambiente, além do Técnico em Informática para Internet iniciado em 2020. Todos os cursos técnicos do Campus são integrados ao ensino médio. Ampliando o rol dos cursos superiores, há

o de Licenciatura em Ciências Biológicas desde 2010, e o mais recente, Tecnologia em Sistemas para Internet, iniciado em 2022.

O Ifes Santa Teresa completou neste ano de 2023 seus 83 anos de existência. Nascido como Escola Prática de Agricultura e passando por várias mudanças ao longo dos anos, tornou-se parte do Instituto Federal do Espírito Santo em 2008, o que aumentou ainda mais seu conceito de escola pública com oferta de educação gratuita e de qualidade. Possui uma área com mais de 600 hectares, tendo vários setores montados para um ensino técnico de qualidade, além do privilégio de ser ornado por uma extensa faixa da Mata Atlântica,

Dada a sua localização em zona rural, por um lado o coloca em posição privilegiada de espaço físico e de natureza exuberante, mas por outro encontra algumas sérias barreiras, dentre as quais destacamos serviço de internet local bem precário, estando à mercê de oferta única de mercado. Além disso, como qualquer outra instituição de ensino, vem sofrendo cortes de verbas públicas, acentuados nos últimos anos, dificultando melhorias na sua infraestrutura, principalmente a tecnológica, que ainda se encontra muito aquém do que se considera adequada para uma escola que tem como função primordial a formação integral de seu sujeito aprendente.

Figura 2 - Localização geográfica da cidade de Santa Teresa/ES



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Teresa_%28Esp%C3%ADrito_Santo%29

Figura 3 - Vista aérea parcial do Ifes Santa Teresa



Fonte: <https://shre.ink/nTzb>

Figura 4 - Vista aérea parcial do Ifes Santa Teresa



Fonte: <https://shre.ink/n8sT>

Figura 5 - Prédio Pedagógico do Ifes Santa Teresa



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 6 - Entrada principal do campus



Fonte: Arquivo pessoal

3.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Sobre os sujeitos envolvidos nesta pesquisa, o recorte esteve nos alunos e docentes do ensino técnico integrado do campus, por ser o segmento no qual atuo como professora de LPL, o que me situa socialmente como observadora no mundo do observado (Denzin; Lincoln, 2006, p. 33).

Considerou-se também para a investigação o perfil desse público estudantil do ensino técnico integrado do Ifes Santa Teresa, haja vista que

[...] o ato da pesquisa qualitativa não pode mais ser visto a partir de dentro de uma perspectiva positivista neutra ou objetiva. A classe, a raça, o gênero e a etnicidade influenciam o processo de investigação, fazendo da pesquisa um processo multicultural (Denzin; Lincoln, 2006, p. 32).

O Ifes Santa Teresa atualmente tem um total de 58 professores efetivos que atuam nos três cursos do ensino técnico integrado, sendo 26 professores responsáveis pelas disciplinas do núcleo comum e 32 professores responsáveis pelas diversas disciplinas técnicas. Nos cursos técnicos integrados há, ao todo, 536 alunos matriculados, sendo 332 no Técnico em Agropecuária, 111 no Técnico em Meio Ambiente e 97 no Técnico em Informática para Internet. Participaram da nossa pesquisa, na etapa do questionário, 116 estudantes e 38 professores, dentre os quais uma parcela participou da roda de conversa e da entrevista, cuja dinâmica será trazida mais à frente.

Podemos dividir os estudantes dos cursos técnicos integrados do Ifes Santa Teresa em basicamente dois grupos, dada a proveniência: um grupo da região da Grande Vitória, em sua maioria massiva residindo em bairros periféricos, e um grupo residente em pequenas cidades interioranas do Estado e/ou em zona rural. São bem poucos os estudantes que residem em outros estados. Dados esses contextos, há questões principalmente culturais que são bem distintas entre esses grupos, o que possibilitou um olhar múltiplo sobre as perspectivas, expectativas e vivências desses sujeitos sobre o objeto investigado, o que certamente pôde enriquecer em grande medida nossa pesquisa.

A fim de zelar pelo anonimato dos sujeitos que, espontaneamente, aceitaram participar da pesquisa, conforme preconizam as normativas vigentes de pesquisas com humanos, confirmando nossa conduta ética e zelosa durante todo o processo, identificamos os participantes por meio de códigos, a depender de sua área ou grupo, conforme discriminados na tabela abaixo.

Professor do Núcleo Comum	Prof. NC*
Professor do Núcleo Profissionalizante	Prof. NP*
Estudante	E*

* As siglas vêm acompanhadas de um número, cada qual se referindo a um dos participantes

3.3 OS DISPOSITIVOS E AS ETAPAS DA PESQUISA

Toda pesquisa realizada no âmbito do Ifes precisa ser submetida ao Comitê de Ética da própria instituição, por meio de cadastramento feito pela Plataforma Brasil. Assim, após realizada a etapa de Qualificação, a pesquisa foi cadastrada, porém a autorização de execução veio em tempo posterior ao esperado, visto que foram solicitados ajustes em dois momentos distintos para a realização das etapas, o que nos fez lembrar que “somente uma ciência maleável pode atravessar a *rigidez* da mente calculadora” (Galeffi, 2009, p. 20 - *grifo do autor*).

Dessa forma, foi necessário rever etapas e prazos da pesquisa, ajustando o calendário desta de acordo com o calendário acadêmico do Campus. Aproximava-se o fim do semestre, coincidindo com aplicação de provas e férias escolares, logo o processo investigativo aconteceu em um curto espaço de tempo – apenas um mês –, porém sem prejudicar o levantamento de dados, que acreditamos ter sido consistente e que atendeu ao propósito da pesquisa.

Ressaltamos que já havia um dificultador para o desenvolvimento das etapas, pois as aulas no Ifes Santa Teresa acontecem em período integral, isto é, nos turnos matutino e vespertino, durante toda a semana, ficando poucos alunos no alojamento do Campus. Sendo assim, nossas etapas de pesquisa, que inicialmente seriam três, aconteceriam em momentos de aulas vagas, porém resultou em duas etapas apenas, de acordo com as disponibilidades dos estudantes e dos professores que se dispuseram a participar, devido às questões supramencionadas.

Iniciamos nossa primeira etapa por meio de questionário, cujo convite para participação foi feito a todos os professores e estudantes dos três cursos técnicos do Campus. Acreditávamos que ter a participação de alunos de todos os cursos e de docentes das diversas áreas traria fortes elementos para a análise, principalmente por haver um curso da área de informática e outros dois de outro campo, além de nossa proposta interventiva, ainda que não delineada, já estar pautada na coletividade, nos processos colaborativos em grupo, cuja troca de conhecimento de áreas diversas enriqueceria o projeto. Destaco que nossas expectativas não foram frustradas.

O convite à participação livre e espontânea das etapas da pesquisa foi realizada todas de uma só vez, em sala de aula, com a devida autorização da gestão geral do Campus e em comum acordo com os professores, que se mostraram solícitos em ceder alguns instantes de suas aulas para a apresentação rápida da proposta,

dada a relevância da *pesquisaintervenção*, que lhes foi anteriormente exposta em uma etapa de Partilha denominada *Escuta da Rede*, conforme calendário do curso do Mestrado Profissional da UFBA. O reforço ao convite foi feito pelos grupos de WhatsApp que os professores tinham com suas respectivas turmas. No momento do convite em sala, aos que se dispuseram a participar, foram entregues os Termos de Consentimento ou de Assentimento Livre e Esclarecido (TCLE e/ou TALE), a depender da idade do estudante.

Embora fosse uma quantidade bem grande de pessoas convidadas, sabíamos que não dependeria apenas da vontade em participar, mas também, e principalmente, da disponibilidade de horário. Essas condições nos levaram à participação de 116 respondentes estudantes no total, mais 15 professores do núcleo comum e 23 da área técnica, totalizando 38 docentes, sendo todos os participantes - alunos e professores - pertencentes aos três cursos técnicos do Campus, de todas as séries. Esses números nos permitiram traçar um perfil do corpo docente e do discente do Ifes Santa Teresa acerca do tema pesquisado, o que, segundo Macedo (2004), contribui de forma significativa com o pesquisador, já que se poderão detectar pontos em comum e em conflitos que contribuirão para a compreensão da situação analisada.

A partir de então passamos para a etapa descritiva, peculiar à pesquisa qualitativa, quando se fizeram necessárias as adequações das etapas, conforme dito anteriormente. Inicialmente havia o planejamento de se fazer rodas de conversas com grupos separados de estudantes e de professores e, a partir dessa dinâmica, convidar alguns desses participantes para a entrevista. O tempo de período letivo que restava e os horários livres que os dois grupos de sujeitos tinham nos levaram a realizar os dois dispositivos de forma simultânea, a depender da disponibilidade que os participantes tinham. O convite para essa etapa foi reforçado pelos grupos de WhatsApp anteriormente mencionados, oferecendo várias opções de dia e horário ao longo de três semanas, a fim de que pudessem escolher conforme sua disponibilidade. Assim, foi possível realizar uma roda de conversa com um grupo de dez estudantes e entrevistas com os demais que se manifestaram, incluindo docentes e discentes, totalizando a participação de vinte estudantes e de doze professores.

Fizemos opção pela roda de conversa por esse dispositivo priorizar “a experiência da narração, acolhendo o fluxo da conversa, puxando os fios da memória e sua potência generativa” (Macedo, 2015, p. 83). Sendo um espaço dialógico, permite

fortalecimento e empoderamento mútuos, além de ser um momento formativo pelo potencial articulador dos conhecimentos e do respeito que marcam os diálogos (Warschauer, 2017).

A concepção da roda de conversa como momento valorativo também é trazida por Moura e Lima (2014). As autoras comentam que o diálogo no contexto da roda de conversa

é um momento singular de partilha, uma vez que pressupõe um exercício de escuta e fala. As colocações de cada participante são construídas a partir da interação com o outro, sejam para complementar, discordar, sejam para concordar com a fala imediatamente anterior. Conversar, nesta acepção, remete à compreensão de mais profundidade, de mais reflexão, assim como de ponderação, no sentido de melhor percepção, de franco compartilhamento (Moura; Lima, 2014, p. 98).

Sobre o recurso da entrevista, devemos entender que sua utilização nos leva a “recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo” (Bogdan; Biklen, 1994, p. 134). Sendo um momento bem próximo entre os sujeitos, Manzini (2004) nos chama a atenção para os cuidados que devem envolver questões de linguagem e o roteiro a ser utilizado, que necessita ser planejado cuidadosamente. Dessa forma,

com o objetivo da pesquisa em mente, o entrevistador irá conduzindo a entrevista tentando relacionar o objetivo pretendido com as informações que estão sendo apresentadas pelo participante. [...] É indicada para estudar particularidades de forma mais profunda (Manzini, 2012, p. 155).

A roda de conversa e as entrevistas foram realizadas nas dependências do Campus, conforme a disponibilidade dos locais. Uma vez que os participantes escolhiam a data e o horário, verificávamos com o setor de apoio do prédio pedagógico uma sala de aula disponível e lhes informávamos o local. Antes de iniciarmos a dinâmica, lembrávamos aos participantes sobre alguns dos itens do TALE ou do TCLE, que asseguravam o anonimato dos sujeitos, bem como a liberdade em optar por responder ou não cada questão trazida em pauta. As conversas foram gravadas em meu smartphone e posteriormente transcritas, para análise dos dados.

Para ambos os dispositivos – roda de conversa e entrevista –, procuramos trazer descontração para os participantes, para se sentirem à vontade, como em uma conversa informal. Ao trazer questões sobre meme nesses momentos, eram

apresentados alguns memes impressos²⁵, selecionados pela frequência com que circulavam nas redes sociais, a fim de que os participantes se sentissem incentivados a tecer seus comentários e/ou expressar suas opiniões de forma mais espontânea.

É fato que toda pesquisa nasce de um “observador que percebe aquilo que aparece” (Galeffi, 2009, p. 29), que desde seu início cria expectativas e suposições acerca do objeto a ser investigado. No entanto, uma vez entendido que a abordagem qualitativa procura analisar a realidade a partir da ótica de seus sujeitos, frente às suas condições sociais, históricas, com suas classes, valores e significados (Denzin; Lincoln, 2006; Galeffi, 2009; Minayo 2014), cabe ao pesquisador ter a sensibilidade de escutar para além do que está sendo dito. Além disso, uma vez que este sujeito também tem suas peculiaridades sócio político culturais, deve-se colocar aberto às questões trazidas, deslocando-se dos paradigmas para o mundo empírico (Denzin; Lincoln, 2006), havendo um imbricamento entre pesquisador e participante, porém tendo cuidado para não tendenciar as respostas ou as interpretações.

Nesse sentido, guiar uma pesquisa sob os métodos qualitativos é conhecer e analisar a vivência dos sujeitos no ambiente escolar, com seus entendimentos, anseios e problemáticas, buscando o equilíbrio entre o rigor e a flexibilidade da pesquisa, visto que não estamos em busca de verdades absolutas (Galeffi, 2009), o que nos leva ao cuidado que devemos ter nas análises críticas, nas teorias que nos embasam e no comprometimento com a pesquisa e os pesquisados (Macedo, 2004).

Dessa forma consideramos que “rigor e flexibilidade andam juntos na pesquisa qualitativa, porque o excesso de rigidez deve ser corrigido ou equilibrado com a flexibilidade, assim como o excesso de flexibilidade tem que ser corrigido com o tensionamento justo” (Galeffi, 2009, p. 38), entendendo que “o verdadeiro rigor não consiste na aplicação de métodos infalíveis e sim na qualidade de aferição” (Galeffi, 2009, p. 45). Afinal, “o que está em jogo são os conhecimentos que se podem alcançar e construir para o benefício e realização dos indivíduos” (Galeffi, 2009, p. 27), concepção essa que vai ao encontro da intenção de nossa investigação, visto que buscamos elaborar uma proposta interventiva que colabore com a educação de nossos jovens.

²⁵ Os memes utilizados foram *Nazaré Confusa*, *Que tistreza!*, *Você pode substituir* (Bela Gil) e meme do ator Will Smith com Chris Rock.

3.4 A ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

Cada instrumento de pesquisa envolvendo o público respondente foi elaborado a partir dos objetivos propostos, atentando sempre à ética e ao cuidado no trato com os participantes, entendendo que “faz parte da ética a necessidade de o pesquisador observar-se a si mesmo e a seu comportamento no campo, visando a uma postura de respeito para com seus interlocutores, num movimento conhecido como ‘reflexividade’” (Minayo; Guerriero, 2013, p. 4). Devemos sempre nos atentar ao fato de que

[...] pesquisas qualitativas estão fortemente conectadas com os desejos, as necessidades, os objetivos e as promessas de uma sociedade democrática, pois os pesquisadores que atuam nesses campos devem assumir compromissos de cidadania com as pessoas e os temas com os quais trabalham (Minayo; Guerriero, 2013, p. 3).

Assim, buscando garantir o cuidado com a pesquisa e com os sujeitos participantes, tendo a ética como questão basilar no trato desta *pesquisaintervenção*, em todas as suas etapas buscamos o seu rigor, para que de fato ela cumprisse seu propósito de trazer “modificações expressivas em seu meio” (Galeffi, 2009, p. 37). Colocamo-nos, portanto, de forma aberta às questões trazidas pelos sujeitos participantes, a fim de que a análise da realidade refletisse realmente a visão de cada um deles.

Dessa forma, concluída a coleta de dados, passamos à etapa da análise desses dados, para a qual utilizamos o conceito de análise textual discursiva (ATD) de Moraes e Galiuzzi (2020). Visto que a pesquisa qualitativa intenciona a interpretação dos fenômenos que investiga partindo de uma análise rigorosa e criteriosa das informações obtidas, a ATD vem contribuir de forma assaz nesse propósito (Moraes; Galiuzzi, 2020), sendo cada vez mais empregada nesse tipo de pesquisa, pois sua premissa é “a compreensão, a reconstrução de conhecimentos existentes sobre temas investigados” (Moraes; Galiuzzi, 2020, p. 33).

Tendo como objetivo principal a captação dos significados subjacentes nos textos, a ATD infere a necessidade de procedimentos analíticos que transcendem a simples descrição superficial do texto, buscando explorar suas dimensões semânticas, discursivas e pragmáticas, o que só é possível a partir do contexto da produção, as relações de poder e as influências socioculturais presentes na sua elaboração. Nesse sentido, a ATD, segundo os autores, se examina a partir de três

focos principais, formando um ciclo ordenado: “desmontagem dos textos”, “estabelecimento de relações” e “captando o novo emergente” (Moraes; Galiazzi, 2020).

O primeiro momento, compreendendo a *desmontagem dos textos*, também chamada de *unitarização*, consistiu em examinar os detalhes dos textos, fragmentando-os em face a produzir unidades constituintes, isto é, enunciados referentes aos fenômenos estudados. Essa concepção indica que a construção das unidades de significado representa um movimento de interpretação dos textos, uma leitura rigorosa e aprofundada do *corpus* da pesquisa (Moraes; Galiazzi, 2020), entendido aqui como os textos produzidos durante a investigação, que para nós foram as transcrições da roda de conversa e das entrevistas.

Já o segundo momento, entendido como *estabelecimento de relações* ou *categorização*, significa “construir relações entre as unidades de base, combinando-as e classificando-as, reunindo esses elementos unitários na formação de conjuntos que congregam elementos próximos” (Moraes; Galiazzi, 2020, p. 34). Buscamos estabelecer relações, nas quais os temas identificados foram organizados em grandes categorias, conforme suas relações possíveis, consistindo na fase propriamente dita de categorização dos dados.

Encerrando o ciclo, o terceiro momento, denominado *captação do novo emergente*, também chamado de *interpretação e/ou teorização*, supõe uma compreensão renovada do todo, advinda da análise dos textos realizada nos dois momentos anteriores. Nessa etapa, é possível aparecer sentidos e significados novos, ou mesmo indícios inéditos para novas pesquisas a serem realizadas no futuro. Aqui é construído o *metatexto*, isto é, a partir da desconstrução dos textos anteriores, vai se criando um outro texto a partir das relações e compreensão do fenômeno investigado. Segundo os autores, nesse momento, no limite entre ordem e caos, criam-se as condições para a emergência de novas ordens, novas compreensões, novas aprendizagens (Moraes; Galiazzi, 2020). Nesta pesquisa, o metatexto se apresenta nas seções e subseções de análise dos dados.

Concluimos que a ATD proposta por Moraes e Galiazzi (2020) permite uma abordagem aprofundada e crítica que conduz à captação do sentido presente nos discursos apresentados, ao mesmo tempo em que permite a emersão de tantos outros sentidos subjacentes, permeados por influências socioculturais em sua produção.

Destacamos, por fim, que toda análise, embora tenha uma base teórica de apoio, é de ordem subjetiva, portanto todas as concepções não devem ser vistas como a verdade em si, mas uma aproximação da realidade naquele instante, a partir dos elementos e contextos de inserção, tanto do pesquisador como dos sujeitos da pesquisa.

4 MEMES E MEMES

Aristóteles já dizia que os seres humanos só existem no coletivo, isto é, só há sentido na sua existência vivendo em sociedade. Nesse contexto, a linguagem é considerada “o nexos mais poderoso que mantém uma comunidade humana interligada, intraligada, coesa” (Bagno, 2014, p. 11), portanto a linguagem só pode ser considerada integralmente em um contexto social (Halliday, 1982; Bakhtin, 1997). O contexto social contemporâneo é marcado pelas tecnologias digitais, o que faz das plataformas de redes sociais um espaço de grande interação entre as pessoas (Recuero, 2007), provocando uma revolução nos modos sociais de interagir linguisticamente, resultando na adesão a certos gêneros textuais para atender a essa demanda comunicacional.

Marcuschi (2008, p. 198) comenta que

Se tomarmos o gênero enquanto texto concreto, situado histórica e socialmente, culturalmente sensível, [...] servindo como instrumento comunicativo com propósitos específicos como forma de ação social, é fácil perceber que um novo meio tecnológico, que interfere em boa parte dessas condições, deve também interferir na natureza do gênero produzido.

O autor complementa dizendo que, “mais do que em qualquer outra época, hoje proliferam gêneros novos dentro de novas tecnologias, particularmente na mídia eletrônica (digital)” (Marcuschi, 2008, p. 198). Dentre esses gêneros, chamamos a atenção para o meme, que tem sido uma das formas mais utilizadas de interação linguística nas redes sociais. Não há quem as acesse e não se depare com memes, que se transformaram “em uma espécie de comentário à queima-roupa de todos os acontecimentos cotidianos, constituindo um noticiário paralelo baseado em imagens” (Beiguelman, 2021, p. 180).

Marcados sempre pelo tom humorístico, muitas vezes jocoso ou irônico, os memes são um gênero midiático, assumindo vários formatos em sua composição (Chagas, 2021), com uma pitada de criticidade na maioria das vezes, “e que se desenvolvem em razão de sua dimensão social nas redes” (Beiguelman, 2021, p. 183). Assim, ao se falar de meme, há uma associação imediata aos ambientes virtuais, “compreendidos como potencializados pela rede e parte da dinâmica social desses ambientes” (Recuero, 2009, p. 122), contudo o termo surgiu em um campo muito distinto da linguística, bem antes do advento da internet popularizada e das redes sociais virtuais.

“Meme”²⁶ foi um neologismo de autoria do biólogo britânico Richard Dawkins, em sua obra *O Gênio Egoísta*, publicada em 1976. A palavra originou-se por uma aférese²⁷ a partir do grego “mimema”²⁸, que significa “imitação”, e por analogia ao vocábulo “gene”.

Precisamos de um nome para o novo replicador, um nome que transmita a ideia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de *imitação*. “Mimeme” provém de uma raiz grega adequada, mas eu procuro uma palavra mais curta que soe mais ou menos como “gene”. Espero que os meus amigos classicistas me perdoem se abreviar mimeme para meme (Dawkins, 2007, p. 231).

Na teoria exposta por Dawkins, assim como os genes passam os traços hereditários de pessoa a pessoa, de geração a geração, algo similar devia acontecer com os traços culturais, que seriam também transmitidos e, assim, assimilados e reproduzidos por “imitação”, resultando em uma espécie de “evolução cultural”. Portanto, para o biólogo evolucionista o “meme” seria o “gene” da cultura, perpetuado ao longo do tempo, ainda que um pouco modificado. Aqui podemos, então, encontrar pontos de convergência entre o “meme de Dawkins” e o meme de internet, capazes de irem fornecendo pistas sobre a transmutação do termo cunhado no campo biológico para o campo dos gêneros textuais: imitação, ainda que com um pouco de mudança, e transmissão. Segundo Shifman (2013), imitação e transmissão são alguns dos atributos²⁹ principais dos memes, de particular relevância para a análise da cultura digital contemporânea.

Ainda na teoria de Dawkins, os memes, tal como os genes, seriam “replicadores”, passados de cérebro a cérebro das pessoas como se fossem vírus, cuja capacidade de sobrevivência só seria alcançada por aqueles mais aptos, característica também semelhante aos genes. Segundo a cadeia evolutiva de Darwin, três características são essenciais aos genes: a mutação (ou variação), a retenção (ou hereditariedade) e a seleção natural. Tal similaridade foi concebida por Dawkins

²⁶ O termo “meme” foi dicionarizado em 1997, no *Oxford English Dictionary*, que traz como definição “imagens, vídeos ou textos que são copiados e divulgados por internautas, muitas vezes com variações”.

²⁷ Aférese é um processo de criação vocabular em que há supressão de sílaba inicial da palavra de origem.

²⁸ O vocábulo grego “μίμησις” [mímisis], cuja raiz é a mesma de “mimese”, tem no inglês a forma “mimeme”. Sendo assim, o próprio termo “meme” é considerado um meme.

²⁹ Shifman (2013) destaca três atributos relevantes para os memes como elementos de análise da cultura contemporânea: fenômeno social compartilhado, reprodução por vários meios de imitação, difusão por meio de “competição” e “seleção”.

aos memes, atribuindo-lhes igualmente três características fundamentais: fecundidade, longevidade e fidelidade. Em uma explicação breve, os memes culturais precisam garantir sua transmissibilidade (fecundidade), assegurando sua permanência ao longo dos tempos (longevidade), mantendo suas cópias as mais parecidas possíveis (fidelidade). Recuero (2007) considera que esses mesmos critérios identificam os memes de internet, uma vez que muitos são propagados de forma dantesca (fecundidade), assim como alguns conseguem ter vida longa nas redes sociais, até ressurgindo depois de um certo tempo (longevidade), havendo também os que são replicados com modificações, embora mantendo a ideia original (fidelidade).

Podemos trazer como exemplo dessa consideração da autora o meme “Nazaré confusa”, originado de um *gif*³⁰ (Figura 7). Usando uma cena da personagem Nazaré, que fazia parte da lista de personagens da telenovela brasileira *Senhora do Destino*, exibida em 2004, o *gif* foi criado doze anos após, em 2016, tornando-se rapidamente popular entre os internautas. Não tardou para que desse origem ao meme, que passou a ter variações a partir do *gif* (fidelidade), como o mais conhecido que consiste em uma montagem com quatro imagens da personagem, exibindo seu semblante mais confuso, cercadas de fórmulas matemáticas (Figura 8). O meme “Nazaré confusa” ganhou tal popularidade que em 2017, ao anunciarem a reprise da telenovela, ele foi usado como parte da divulgação, bem como ultrapassou as barreiras nacionais, sendo usado em páginas de redes sociais nos Estados Unidos, por exemplo, sem sequer saberem que se referia a uma personagem da teledramaturgia brasileira (fecundidade), recebendo outros nomes como “Math Ladie” ou “Confused Blonde”. Esse meme ainda faz sucesso nas redes sociais (longevidade), chegando a dar nome a páginas anônimas no Instagram, como *Nazaré Sincera* e *Nazaré Amarga*, esta também no Twitter. Exemplos como esse atestam o alcance e a velocidade dantescos que as redes sociais podem ter.

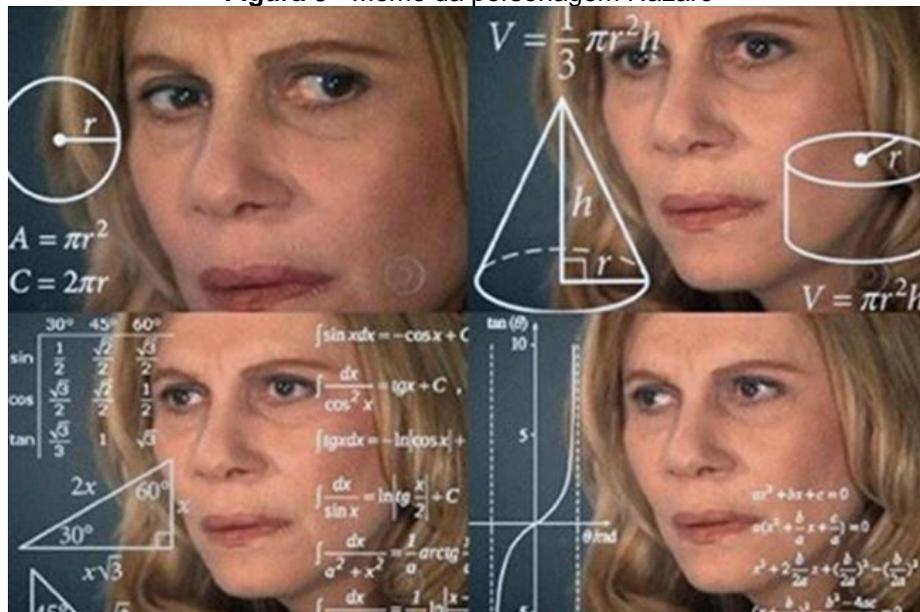
³⁰ Graphics Interchange Format (*formato para intercâmbio de gráficos*) ou GIF é um formato de imagem de *bitmap*, desenvolvido por uma equipe do provedor de serviços *on-line* CompuServe, liderado pelo cientista de computação americano Steve Wilhite, em 1987. Desde então vem sendo muito utilizado na World Wide Web devido ao seu amplo suporte e portabilidade entre muitas aplicações e sistemas operacionais.

Figura 7 - Gif da personagem Nazaré



Fonte: <https://museudememes.com.br/collection/nazare-confusa>

Figura 8 - Meme da personagem Nazaré



Fonte: <https://museudememes.com.br/collection/nazare-confusa>

Voltando aos memes culturais de Dawkins, Blackmore (2000), ao se aprofundar na teoria do biólogo, defende a ideia de que as pessoas são “infectadas” pelos memes por diversos meios (livros, fala, internet etc.). Os memes de internet também “infectam” as pessoas pelas redes, isto é, “viralizam” pelas redes, termo usado por analogia a “vírus”, que metaforicamente indica uma “contaminação em massa”, o que significa “ultrapassar amplamente os padrões médios de leitura e compartilhamento, alcançando milhões de usuários” (Ribeiro, 2018, p. 19). Essa viralização é possível graças à velocidade que a internet proporciona, seja no envio ou na propagação, dessa forma os memes espalham-se pelas redes sociais, “impactando-as, a partir da interação entre os indivíduos” (Recuero, 2007, p. 24). A partir desse contexto, Recuero

(2007) acrescentou às três propriedades dos memes de internet (fecundidade, longevidade e fidelidade) uma quarta característica: o alcance.

Apoiada nos estudos de Granovetter (1973)³¹ e alguns outros autores, Recuero (2007, p. 24) comenta que

as redes sociais são conjuntos de redes interconectadas, onde laços fortes e fracos conectam indivíduos através da interação social. Assim, a distância é um elemento que frequentemente compõe o estudo dessas redes, associada à proximidade ou ao distanciamento entre os indivíduos entre si.

Assim, ao incluir o alcance como um dos atributos ao meme de internet, tem-se a intenção de compreender sobre a propagação dessa forma comunicativa nas redes de weblog³², onde se constituem laços sociais conectando os indivíduos (Recuero, 2007).

4.1 DO MEME OFF AO MEME ON

Como dissemos no início deste capítulo, meme³³ e rede social têm associação imediata, porém é um tanto difícil indicar com precisão quando essa relação passou a existir. É possível dizer, entretanto, que os memes nasceram muito antes desses espaços virtuais e até mesmo sem que soubéssemos que eram memes. O que se viu em momento anterior à internet eram publicações que mesclavam uma imagem em destaque com um texto escrito, quase que em espécie de legenda, que, na sua essência, são o que atualmente se conhece como meme, sem ainda na época ter recebido a nomenclatura. Tais textos de composição imagético-verbais de tempos passados são hoje denominados “proto-memes” (Marino, 2018).

Uma publicação³⁴ (Figura 9) na edição de 1921 da revista satírica estadunidense *Judge*³⁵ vem sendo considerada o primeiro meme, não pela publicação em si. A própria publicação da *Judge* trazia como referência outra publicação de uma

³¹ Mark Sanford Granovetter, sociólogo americano e professor da Universidade de Stanford, é mais conhecido por seu trabalho na teoria das redes sociais, particularmente sua teoria sobre a disseminação de informações em redes sociais conhecida, como *The Strength of Weak Ties*.

³² Recuero (2007, p. 23), apoiada em Blood (2002), define weblogs como “ferramentas para a publicação na internet, [...] onde pequenos blocos de texto são organizados cronologicamente”. São exemplos de redes sociais que utilizam a estrutura de weblogs o Facebook, o Instagram e o Twitter.

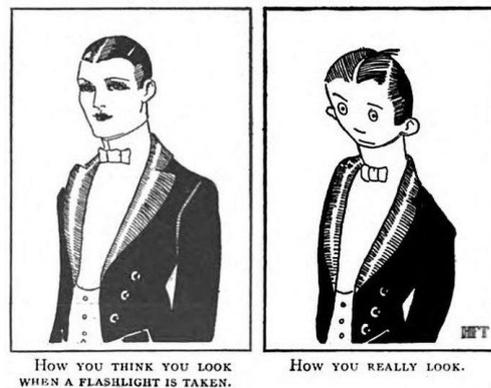
³³ A partir deste momento, ao usar o termo “meme”, estarei sempre me referindo ao meme de internet, simplificando, assim, a expressão.

³⁴ <https://shre.ink/moLc>

³⁵ *Judge* era uma revista semanal que existiu entre 1881 e 1947. Sua publicação era feita pela Universidade de Iowa.

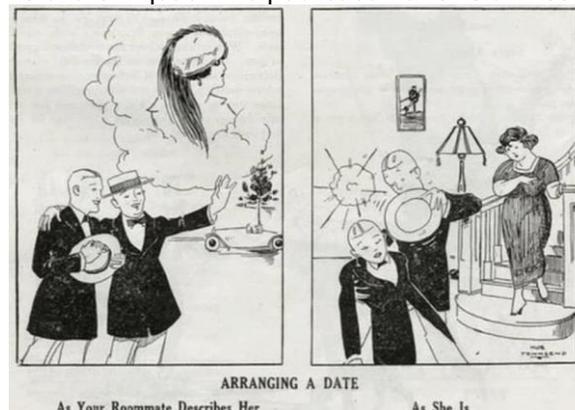
história em quadrinhos (Figura 10), datada de 1919 ou 1920, feita na também norte-americana *Wisconsin Octopus*³⁶. Ambas as publicações eram distintas entre si, porém se um meme, na concepção atual, tem como características ser copiado e espalhado, imprimindo-lhe alguma alteração, tem-se a premissa de que a publicação da *Judge* é o primeiro meme (proto-meme), um protótipo das postagens virtuais dos memes atuais que circulam nas redes sociais com o tema “Expectativa x Realidade”³⁷. Com a facilidade que a internet proporciona em buscar dados e fatos mais antigos e mais os aplicativos de simples manuseio, ainda é possível ver a reprodução remixada da publicação de *Judge* em páginas atuais das redes sociais.

Figura 9 - Quadrinho (proto-meme) publicado na revista *Judge*



Fonte: Revista *Judge* (versão digital compilada)

Figura 10 - História em quadrinho publicada na revista *Wisconsin Octopus*



Fonte: <https://shre.ink/moLQ/>

³⁶ *Wisconsin Octopus* era uma revista publicada pela Universidade de Wisconsin. Existiu entre os anos 1919 e 1959.

³⁷ Os memes “Expectativa x Realidade” explodiram nos ambientes virtuais a partir de 2009, motivados pelo filme *(500) Dias com ela* – título original *(500) Days of Summer*.

Os memes como os conhecemos - “propagação de itens de conteúdo como piadas, rumores, vídeos ou sites de uma pessoa para outra via Internet”³⁸ (Shifman, 2013, p. 362) - começaram a ocupar espaços nos ambientes virtuais por volta dos anos 90, quando houve a popularização da internet. Imagens estáticas de filmes com alguma frase icônica de personagens circulavam nos fóruns virtuais, no entanto tais postagens ainda não eram chamadas nessa época de memes – seriam também o que se concebe hoje como um “proto-meme”. No final da década de 1990, um dos criadores da página *del.icio.us*³⁹, um site agregador de *links*, criou a página *Memepool*, que compilava *links* e outros conteúdos compartilhados pelos usuários na web. Alguns anos depois, Jonah Peretti, um dos fundadores do site *Huffington Post*⁴⁰, analisava comportamentos dos usuários em uma das páginas que gerenciava, a *Contagious Media*, a partir de conteúdos publicados. Tais episódios “culminaram em um ‘festival de virais’, onde a maioria dos participantes se baseava no conceito de Dawkins para remeter a algo que se propagava pela rede” (Torres, 2016, p. 60).

Sem haver rota e momento precisos, o conceito de meme foi sofrendo alterações ao longo do tempo, até mesmo sem que Dawkins pudesse prever tal apropriação vocabular para determinadas postagens nos ambientes virtuais, a ponto de, ao se deparar via de regra com a palavra “meme”, não ser preciso fazer distinção entre o “meme dawkinsiano” ou o meme de internet, motivo pelo qual, ao longo deste trabalho, usaremos somente o termo “meme” para fazer referência a esse gênero textual – nosso objeto de pesquisa –, que vem circulando de forma dantesca nas redes sociais e que, embora para muitos se reduza a distrações apenas, é uma vitrine de manifestação linguística, comunicativa e cultural de quem produz, de quem curte, de quem comenta e de quem compartilha.

³⁸ Texto original: “the propagation of content items such as jokes, rumors, videos, or websites from one person to others via the Internet”.

³⁹ Em junho de 2017, *Delicious* (estilizado *del.icio.us*) foi adquirido pela Pinboard, sendo desativado em favor do plano pago da plataforma.

⁴⁰ *Huffington Post*, atualmente *HuffPost*, é um site de notícias que, em 2020, foi adquirido pela BuzzFeed, reunindo dois pioneiros do mundo digital.

5 MEME: LINGUAGEM, COMUNICAÇÃO E CULTURA

Toda pessoa é um ser social, o que, intrinsecamente, traz a necessidade de interagir com os demais, assim “ser humano é ser na linguagem” (Bagno, 2014, p. 11). A comunicação humana, por sua vez, é condicionada pelos contextos social, histórico e cultural, portanto a linguagem deve ser concebida nos planos do indivíduo e da sociedade ao mesmo tempo (Bagno, 2014). Nesse contexto, a linguagem é um fenômeno de ordem sociocognitiva, uma força motora de coesão social, “preservada e transformada pelos membros de uma comunidade humana e, por isso, sujeita aos fluxos, influxos e contrafluxos políticos, econômicos e sobretudo culturais dessa comunidade” (Bagno, 2014, p. 13).

Essa concepção de linguagem ecoa Bakhtin (2006, p. 127), quando afirma que

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*.

A *enunciação* (ou *enunciações*) de que fala Bakhtin são atividades comunicativas que, segundo o próprio autor, sempre se realizam por meio de algum gênero discursivo e refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas da atividade humana, seja pelo conteúdo, pelo estilo e, principalmente, pela construção composicional. “Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação” (Bakhtin, 1997, p. 279). Seguindo essa concepção, os discursos (ou mensagens) são construídos pelos sujeitos levando em consideração o receptor, a intenção comunicativa, o ambiente, o suporte, dentre outros fatores. Seriam todos esses elementos considerados o que Marcuschi (2008) chama de “outros aspectos” quando diferencia texto e discurso. Segundo o autor, enquanto há uma tendência em “ver o texto no plano das formas linguísticas e de sua organização”⁴¹, “o discurso seria o plano do funcionamento enunciativo, o plano da enunciação e efeitos de sentido na sua circulação sócio interativa e discursiva envolvendo outros aspectos”⁴² (Marcuschi, 2008, p. 58).

⁴¹ Essa forma de conceber o texto explica o uso do termo “gênero textual” por alguns autores.

⁴² Essa forma de ver o texto leva ao uso do termo “gênero discursivo”.

Sendo os gêneros do discurso uma realidade social, que tem relação com as atividades humanas, novas configurações e práticas sociais sugerem novos gêneros (ou gêneros adaptados). É o que temos vivenciado com a presença cada vez mais alargada das tecnologias digitais em nosso meio. Castells (1999, p. 40) já anunciava que as redes interativas estavam em crescimento exponencial, criando outras formas e canais de comunicação, cujo sistema

[...] que fala cada vez mais uma língua universal digital tanto está promovendo a integração global da produção e distribuição das palavras, sons e imagens de nossa cultura, como personalizando-os ao gosto das identidades e humores dos indivíduos.

Isso quer dizer que a internet trouxe grandes transformações na forma de veicular e de circular os gêneros, assim como nas estruturas destes. Um aspecto central no caso dos gêneros emergentes é a nova relação que se instaura com os usos da linguagem. Os meios digitais proporcionaram e intensificaram os textos formulados por meio de imagens, cores, sons e movimentos, tendendo para a mescla desses recursos em sua composição, característica predominante dos memes.

Em uma espécie de bricolagem, recursos semióticos de naturezas distintas são utilizados de forma confluyente, a fim de traduzirem ideias, valores, pensamentos, sentimentos e pontos de vista, atributo do meme como gênero discursivo segundo a ótica bakhtiniana. O autor concebe os gêneros não apenas como textos materializados, isto é, que possuem uma estrutura formal, mas também sendo um meio de manifestação discursiva como sujeitos críticos e participativos dos ambientes em que se inserem, sejam esses históricos, sociais e culturais.

Reconhecer o meme como essa potente forma de interação comunicativa e, portanto, de discurso entre as pessoas é perceber um vasto universo com muitas possibilidades de práticas educativas, capazes de contribuir na formação intelectual, crítica e cidadã dos nossos estudantes. Para tanto, torna-se necessário refinar o olhar sobre esse gênero, indo de sua estrutura composicional às mensagens explícitas, chegando às ideologias subentendidas. Lembra-nos Bagno (2014, p. 59) que “nenhum gesto humano é neutro, ingênuo, vazio de sentido - muito pelo contrário, ele é sempre carregado de sentido”, sendo assim as intencionalidades discursivas, com suas possíveis ideologias, estão presentes nos memes e nas atitudes de quem os recebe.

5.1 A LINGUAGEM DO/NO MEME

Cada vez mais as plataformas de redes sociais vêm sendo ocupadas por memes, que se têm tornado “um novo arco de produção simbólica” (Beiguelman, 2021, p. 169), isto é, o meme tem sido a forma utilizada para que os pensamentos, as opiniões e as críticas sobre quaisquer temas e assuntos sejam manifestados livre e publicamente e em maior alcance em termos de receptividade, sendo autênticas representações de quem cria, recria e/ou compartilha. Embora com ocupação cada vez mais ampla nos ambientes virtuais e de reconhecimento imediato de (praticamente) todo o público, não há, entre os pesquisadores do gênero, uma definição única para os memes, embora haja entre elas um entrelace, porém aqui destacamos duas delas.

Para Shifman (2014, p. 341), meme é “um grupo de itens digitais que: (a) compartilham características comuns de conteúdo, forma e/ou postura; (b) são criados com consciência um do outro; e (c) são circulados, imitados e transformados via internet por múltiplos usuários”⁴³. Knobel e Lankshear (2007, p. 203), por sua vez, definem o meme como “um termo popular para descrever a rápida aceitação e disseminação de uma ideia particular apresentada como um texto escrito, imagem, linguagem ‘movimento’ ou alguma outra unidade de ‘material’ cultural”⁴⁴. A “linguagem movimento” de que tratam Knobel e Lankshear se refere aos memes cuja base imagética são cenas em movimento, advindas de filmes, novelas ou até mesmo gravações caseiras despretensiosas, ao que chamamos de “memes de vídeo”.

Na definição de Shifman, tratar os memes como grupos de unidades de conteúdo situa-os no contexto digital atual, haja vista que, com alguns cliques, é possível “ver várias versões de qualquer meme imaginável”⁴⁵ (Shifman, 2014, p. 341), o que vai ao encontro de um dos aspectos do meme: a fecundidade. Essa abordagem é importante, porque, como a própria autora pontua, os memes deixam de ser ocorrências esporádicas para serem vastos conjuntos de textos (escritos) e imagens.

⁴³ Texto original: “a group of digital items that: (a) share common characteristics of content, form, and/or stance; (b) are created with awareness of each other; and (c) are circulated, imitated, and transformed via the internet by multiple users”.

⁴⁴ Texto original: “is a popular term for describing the rapid uptake and spread of a particular idea presented as a written text, image, language ‘move’, or some other unit of cultural ‘stuff’.”

⁴⁵ Texto original: “to see hundreds of versions of any meme imaginable”.

Tomemos como exemplo dessa discussão trazida pelos autores um episódio que ficou conhecido como “Patriota do caminhão”. Uma filmagem feita por uma pessoa anônima, que flagrou o episódio real de um homem agarrado à frente de um caminhão em disparada por uma das rodovias do país⁴⁶, e divulgada nas redes sociais rapidamente viralizou (Figura 11). Tanto a situação em si como o contexto eram situações inusitadas, o que de imediato gerou opiniões, muitas delas se manifestando em memes de vídeo e de imagem. Passaram a surgir, em questão de minutos, várias versões do meme batizado como “Patriota do caminhão”, resultando em uma verdadeira coleção, aqui ilustrada minimamente pelas Figuras 11 a 17.

Figura 11 - Imagem real flagrada do “Patriota do caminhão”



Fonte: <https://shre.ink/1B0n>

Figura 12 - Meme *Patriota do caminhão* (1)



Foto: Reprodução/Twitter

⁴⁶ Após o resultado da eleição para presidente do Brasil, apoiadores do então atual presidente Jair Bolsonaro, que foi derrotado nas urnas, fizeram bloqueios nas estradas brasileiras em protesto contra a vitória do outro candidato. Um caminhoneiro, que se negou a ficar retido em um dos bloqueios, teve seu caminhão “invadido” por um dos manifestantes, que queria a todo custo impedir que o veículo prosseguisse viagem. O episódio inusitado aconteceu na cidade de Caruaru, em Pernambuco.

Figura 13 - Meme *Patriota do caminhão* (2)



Foto: Reprodução/Twitter

Figura 14 - Meme *Patriota do caminhão* (3)



Foto: Reprodução/Twitter

Figura 15 - Meme *Patriota do caminhão* (4)



Fonte: Twitter⁴⁷

⁴⁷ No meme do Twitter, não há as tarjas cobrindo o rosto dos personagens.

Figura 16 - Meme *Patriota do caminhão* (5)



Fonte: <https://shre.ink/1S3K>

Figura 17 - Meme *Patriota do caminhão* (6)



<https://shre.ink/1SI7>

Os memes acima (Figuras 12 a 17) ilustram as várias versões remixadas de um meme conforme aponta Shifman (2014), resultado da disseminação rápida de uma ideia (Knobel; Lankshear, 2007), o que ocorreu a partir de um mix de elementos justapostos, de formas variadas. Assim, podemos entrar nas discussões acerca das características que compõem o meme, que, embora sejam muitas, vamos nos ater às trazidas por Knobel e Lankshear (2007). Os autores indicam como peculiaridades basilares do meme a *intertextualidade*, o *humor* e a *justaposição anômala*.

A intertextualidade a que se referem os autores remonta aos estudos linguísticos feitos por Kristeva (1969), tendo como suporte as contribuições de Bakhtin. Na concepção de intertextualidade, todo texto surge a partir de um (ou outros) texto pré-existente conhecido dos interlocutores, sendo assim é possível afirmar que não há discursos isolados, como afirma a autora. Partindo dessa concepção, a

premissa para a existência de um texto é ele se referir a outro (ou outros), o que em se tratando do meme pode ser associada à remixagem, visto que os recursos tecnológicos permitem facilmente as bricolagens imagéticas, que por sua vez dialogam com a *justaposição anômala*. Wiggins (2019) sustenta essa característica afirmando que para o meme a intertextualidade é essencial, sendo esse o aspecto final do poder discursivo desse gênero na cultura digital. Nesse sentido, é possível afirmar que um meme não existe sem se referir a algo diferente do assunto que ele contém, portanto nesse gênero a intertextualidade é proposital, inevitável e onipresente (WIGGINS, 2019).

O autor supracitado ainda comenta que

dentro dessa relação intertextual, no entanto, existe uma prática ideológica construída em parte por meio de escolhas semióticas deliberadas, no interesse de criar significado e, talvez o mais importante, garantir que o significado construído seja o mais compreensível possível, seja direcionado a audiências de massa ou mais restritas⁴⁸ (Wiggins, 2019, p. 34 - tradução nossa).

Em outras palavras, todo meme é produzido para significar algo, e no processo de compreensão e de interpretação se torna um processo de formação ideológica, indicativo de uma prática ideológica (WIGGINS, 2019). Segundo Storey (apud WIGGINS, 2019), a ideologia tem como objetivo tornar universal e legítimo o que é parcial e particular, corroborando com o uso que fazemos da linguagem a todo instante: “nos movemos do individual para o social o tempo todo, sem jamais sair de um para entrar no outro e vice-versa” (Bagno, 2014, p. 12).

Entendemos, assim, o papel importante dos processos educativos no que tange à apropriação da linguagem, que se mostra cada vez mais eclética com as tecnologias digitais. Sendo a educação um terreno em constante disputa, com ideais políticos permeando as normativas e os currículos escolares, não podemos ficar alheios a essas formas de manifestação linguística que estão nas redes e no cotidiano de nossos jovens, como já bem frisamos, uma vez que elas permitem a expressão de forma espontânea. Nesse aspecto, mais uma vez entra a escola como mediadora dessa espontaneidade, para que os limites do bom senso e dos direitos humanos sejam preservados.

⁴⁸ Texto original: “Within this intertextual relationship, however, exists ideological practice constructed in part through deliberate semiotic choices in the interest of making meaning, and perhaps most importantly, making certain that the constructed meaning be as understandable as possible, whether directed at mass or discrete audiences.”.

De acordo com Bakhtin (2006),

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.* É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida (Bakhtin, 2006, p. 96 - grifos do autor).

Uma vez que toda pessoa age de acordo com suas crenças - o que a leva a fazer uso de determinados códigos, regras, símbolos -, são feitas certas escolhas semióticas na concordância ou discordância da mensagem contida no meme, assim compartilhar, curtir, comentar também ajudam a fomentar a prática ideológica (WIGGINS, 2019).

Nesse sentido, intertextualidade e prática ideológica podem ser claramente vistas nos memes “Patriotas do caminhão”, pois são justamente esses elementos que motivaram a viralização da imagem e permitiram um rol considerável de memes em um curto espaço de tempo, corroborando com a ideia de meme como arco de produção simbólica de que fala Beiguelman (2021). Imagens de contextos diversos são trazidas para um único texto, formando o novo texto, o meme, cujo objetivo é traduzir uma opinião, um pensamento ou até mesmo um juízo de valor sobre o fato, provocando humor, que se manifesta nessas produções de forma ácida. É a nossa “capacidade fantástica de significar, quer dizer, de produzir sentido por meio de símbolos, sinais, signos, ícones etc” (Bagno, 2014, p. 59), sejam eles individuais ou combinados.

Os memes apresentados (Figuras 12 a 17), montados com tipos diversos de remix, partem de um “texto-base” já existente, que são as imagens icônicas de cidades europeias, Roma (Figura 12) e Londres (Figura 13), dos Beatles (Figura 14) e da cidade de Brasília (Figura 15), seguido do quadro expressionista “O grito” (Figura 16), de Edvard Munch, e a charge do trem (Figura 17), criada por Genildo Ronchi⁴⁹. Na Figura 14, a ironia se acentua, uma vez que a foto dos “Garotos de Liverpool” foi tirada em 1969 e “atualizada” em um meme meio século após, assim como na Figura 16 o meme é construído a partir da famosa pintura datada de 1893. Já a Figura 15 traz um

⁴⁹ Genildo Ronchi, professor, jornalista, charginista, ilustrador e infografista, é do Estado do Espírito Santo. A charge do ônibus foi publicada em 24 de agosto de 2013, data do seu aniversário, ao lado do texto “Escolha o lado feliz da vida”.

mix de três personagens, cada qual com os registros feitos em momentos distintos e inusitados, ali trazidos para um único contexto criado por montagem de elementos.

Produzir memes a partir de fatos atuais é indicativo contundente de uma posição ideológica não apenas sobre o acontecido em si, mas também do contexto em que cada episódio se dá, o que se reflete igualmente sobre cada receptor, que decidirá o que fazer com a mensagem - se curte, se compartilha, se comenta, se remixa ou até mesmo se ignora. Podemos dizer que se trata da “atitude responsiva ativa” de que trata Bakhtin (1997), assunto sobre o qual trataremos com mais abrangência na próxima seção.

Seguindo com as características dos memes, o que sintetiza a linguagem memética é a multimodalidade, isto é, formas simbólicas distintas são utilizadas para criar um produto de linguagem, combinando diferentes métodos, em contextos variados. Kress (2003) chama a atenção para o fato de que todo texto é multimodal, dados todos os recursos possíveis a serem empregados, seja por meio de aspectos visuais (da palavra ou da imagem) ou até mesmo pela escolha vocabular, que leva à geração de imagens criadas pelo receptor ao ler/ver o texto. A multimodalidade se acentua no meme devido aos recursos digitais disponíveis para sua criação.

A forma com que as imagens foram remixadas nas Figuras 12 a 17 são provas contundentes de que as linguagens que irão compor o meme se dão em uma miríade de possibilidades, sejam elas empregadas separadas ou combinadas entre si, traduzindo os recursos semióticos anteriormente mencionados.

Ao utilizar a linguagem verbal, é possível “brincar” tanto com o aspecto visual do texto escrito (tamanho de fonte, tipo, cor etc.) ou com o próprio sentido do que se escreve, que em combinação com a imagem cria “um formato em que o texto não funciona como complemento explicativo da imagem nem a imagem ilustra o texto, mas os dois elementos se encadeiam para produzir um terceiro sentido” (Beiguelman, 2021, p. 179). Essa estrutura de meme, em que se combinam imagens com textos curtos, normalmente em letras garrafais, são chamados de *image-macro*, que de acordo com Beiguelman (2021) são os mais disseminados⁵⁰.

⁵⁰ Perfis no Instagram como *Macaquinho Sincero* e *Arte Depressão*, contas cujas publicações são exclusivamente de memes, utilizam essa técnica da *image-macro*.

Figura 18 - Meme *O que digo x O que pensam*



Fonte: <https://shre.ink/1nGW>

Figura 19 - Meme *Leitura Dinâmica*



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CkUH2e2Oqcx/>

Figura 20 - Meme *Só Aceita Bb*



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Ckw2xdXuOFs/>

Figura 21 - Meme *Eclipse e Terra plana*



Fonte: <https://shre.ink/1nGI>

Figura 22 - Meme *Antes e Depois*



Fonte: <https://shre.ink/1nGx>

Figura 23 - Meme sobre dinheiro



Fonte: <https://perrenguematogrosso.com/meus-ultimos-10-reais/>

Os memes apresentados nas Figuras 18 a 23 retratam o apontamento de Beiguelman (2021). Texto e imagem se aglutinam de modo que um e outro tipo de linguagem se tornam indissociáveis, criando o terceiro sentido, o sentido novo, que revela um posicionamento acerca do assunto, seja ele qual for, por parte de quem cria o meme, sem ter a intenção do convencimento dos receptores sobre o assunto e, sim, de divertir, por meio do humor evidente ou tácito, mas que deixa registrado seu ponto de vista acerca do assunto ou tema abordado. Isso se consegue, como mencionado, da maneira mais diversa possível, seja explorando a polissemia ou o sentido metafórico de palavras e/ou expressões, como ocorre nas Figuras 18 e 19, com “gato” e “julgar pela capa”, respectivamente, seja brincando com a fonética de palavras e/ou expressões, como na Figura 20, com “a seita” no lugar de “aceita”, ou simplesmente um texto escrito em seu sentido literal (Figuras 21 e 22). Já a Figura 23 ilustra como um meme pode expressar a imaginação e a criatividade de seu produtor por meio de recursos estilísticos - nesse caso a metáfora, visto que o peixe se arrastando, personagem recortado de uma cena de animação, simboliza o dinheiro -, há muito tempo explorados em outros gêneros textuais.

Esse jogo visual e de sentido do texto escrito e/ou da imagem não são recursos inovadores empregados. Nos textos jornalísticos, como exemplo se tem a manchete, que vem de forma destacada, para a qual se buscam frases de impacto, apresentam-se fotos igualmente impactantes e chamativas sobre os episódios noticiados; nos textos publicitários, o público também é “seduzido” de diversas formas, das mais sutis às mais aguerridas. Contudo, ao se tratar dos memes, há aspectos interessantes a serem considerados, uma vez que toda a mensagem é passada de forma condensada, exigindo habilidade de quem produz, mas também de quem os recebe.

Segundo Marcuschi (2008), a coerência na escrita é formada pela intertextualidade, portanto para que a interpretação de qualquer texto seja possível é necessário que o outro (ou outros textos) já produzido esteja presente na memória social da comunidade à qual aquele se destina. Referindo-se aos memes, essa abordagem do autor corrobora com Knobel e Lankshear (2007), quando estes dizem que para um meme ser devidamente compreendido é preciso que seja lido social e culturalmente, como é o caso dos memes ilustrados. Convém dizer que não alcançar tal abarcamento de compreensão não é impedimento para consumo e propagação de um meme, como bem pontua Wiggins (2019), no entanto usar referenciais da cultura

(popular) auxilia na recepção maximizada da mensagem que ele traz. O autor ainda chama a atenção para o fato de que é possível uma pessoa reconhecer que está diante de um meme, entender a “piada”, sem alcançar todas as referências culturais e até intermeméticas⁵¹ presentes, entretanto, no que diz respeito a questões politicamente carregadas ou socialmente polarizadas, é preciso entender o contexto do referente para que o meme tenha relevância, como nas Figuras 12 a 17 e em especial na Figura 15.

Um outro aspecto relevante de discussão é sobre a qualidade da imagem do meme. Se em uma publicação jornalística ou publicitária busca-se a qualidade da imagem, com a melhor resolução possível e captada em seu melhor ângulo, dispostas ao público com intenções várias (Kress; Van Leeuwen, 2001), com os memes isso é irrelevante. “De baixa resolução, bastardos e sem assinatura, são imagens pobres”⁵² (Beiguelman, 2021, p. 181), como se comprova nas Figuras 15 e 18, mas que não afetam a produção e o consumo – seja curtindo, comentando ou compartilhando – dessa manifestação comunicativa, “que podem atuar como um contraponto aos sistemas de representação dominantes” (Beiguelman, 2021, p. 181). Seguindo o que nos traz a autora, os memes são, nesse sentido, transgressores dessa padronização de imagem, sendo eles muitas vezes resíduos, o que “sobra” dos conteúdos, muitos desses expostos na TV, o detalhe menosprezado, e ainda assim se tornam virais.

Sobre a imagem, Shifman (2014) ainda aponta outra questão: as fotos, quando tiradas, são de um episódio presente para que, no futuro, sirvam de remissão ao passado, isto é, a foto é um elemento do presente para o futuro, ou, como a autora comenta, é de um eu presente para um eu futuro, já os memes são do presente para o presente apenas. Pode até ser que algum meme seja retomado algum tempo após (longevidade), porém passará por uma remixagem, para que ele possa novamente fazer sentido no outro contexto, como apresentado na Figura 15, o que em certa medida dialoga com a discussão da concepção bakhtiniana de gênero do discurso: cada texto tem um sentido único porque cada momento é único. Dessa forma, o meme atende a um de seus propósitos: “irônicos, expressam uma cultura de consumo rápido,

⁵¹ “Intermemética” significa que um meme é construído fazendo referência a outro meme.

⁵² Trataremos sobre o anonimato dos memes adiante, com abordagem mais ampla.

que adere a temas do momento” (Beiguelman, 2021, p. 179), o que não exclui buscar recursos imagéticos de tempos mais antigos para ressignificá-los no presente.

Apesar de o meme ser associado de imediato, pela maioria das pessoas, senão todas, ao ambiente digital e ainda sem preocupações com o elitismo cultural, não necessariamente traz em sua composição elementos apenas da atualidade. Muitos memes são criados a partir de imagens da cultura erudita e/ou clássica ou com figuras historicamente consagradas em áreas diversas, sejam como forma associativa entre o que se mostra (imagem ou cena) e o que se diz (escrita), ou apenas ilustrativa, empregadas como uma espécie de cenário.

Sendo as redes sociais abertas e democráticas, conforme já pontuamos, são espaços favoráveis para o ecletismo nas criações, favorecendo, assim, uma disseminação de elementos que até bem pouco tempo se restringia a grupos específicos. O conjunto de conhecimentos de que nos fala Chauí (2021), classificados como eruditos e que eram acessados quase em exclusividade pelas camadas economicamente elitizadas, são postos de forma para todos e facilmente consumidos, como exemplificamos nas Figuras 24 a 28.

Figura 24 - Meme *Sextou Bebê*



Fonte: <https://www.instagram.com/artesdepressao/>

Figura 25 - Meme *O Inferno É Aqui*

Fonte: <https://www.instagram.com/artesdepressao/>

Figura 26 - Meme *Férias, Vem Ni Mim*

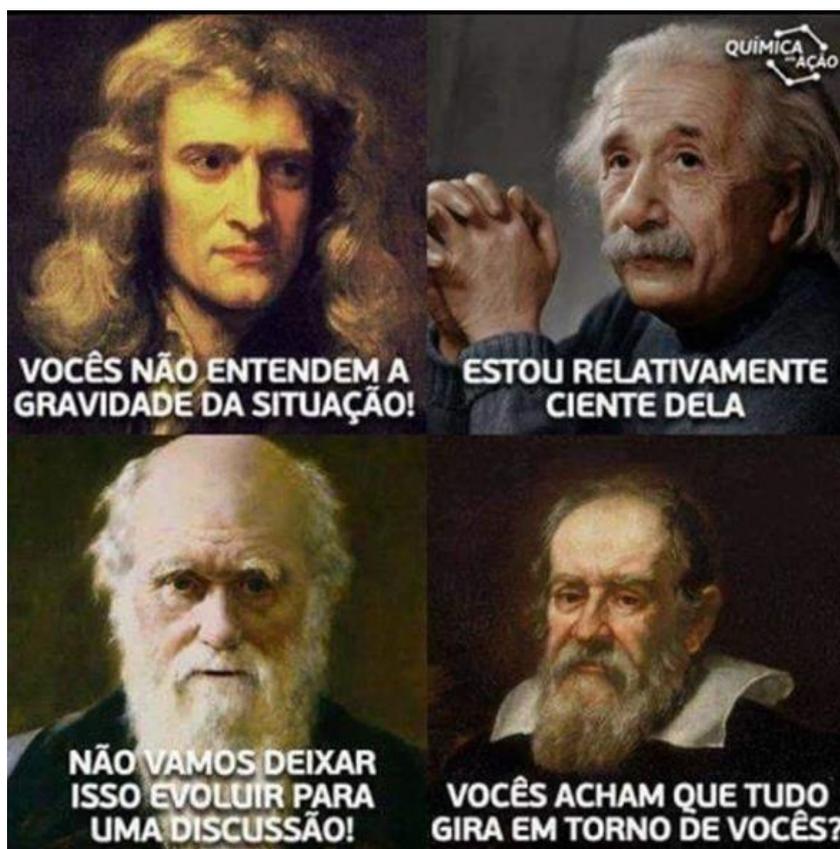
Fonte: <https://www.instagram.com/artesdepressao/>

Figura 27 - Memes sobre "Divas"



Fonte: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100044592482304>

Figura 28 - Meme Gênios Incompreendidos



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CnzwhR6OHqu/>

Os memes apresentados nas Figuras 24 a 26 trazem em sua composição imagética pinturas clássicas datadas dos séculos XVIII e XIX⁵³. Associando elementos materiais e imateriais presentes nos quadros aos textos verbais, um novo sentido é atribuído a essas obras e a mensagem pretendida ganha um reforço com eles. Além disso, passa-se a exigir do receptor da mensagem um olhar mais apurado para os detalhes que são pinçados, muitas vezes algo que um leigo, ao se deparar com uma obra de arte, não percebe.

Já os memes identificados na Figura 27 são criados trazendo as divas do cinema hollywoodiano do século XX⁵⁴. A ironia, típica desse gênero discursivo, resulta da antítese que se formula entre essas figuras femininas icônicas e suas respectivas “falas”, que, normalmente, não traduziam o comportamento feminino daquela época,

⁵³ *Menina Segurando um Gato* (1750), de Philip Mercier (Figura 39); *Elizabeth Winthrop Chanler*, 1893 - John Singer Sargent (Figura 40) e *Meditação*, 1899 - Charles Amable Lenoir (Figura 41).

⁵⁴ Da esquerda para a direita, Debbie Reynolds, Carmen Miranda e Bette Davis.

o que indica claramente um posicionamento ideológico de quem cria o meme, ecoando em quem reage a ele por meio de quaisquer de seus atos.

O meme “Gênios Incompreendidos” (Figura 27), por sua vez, usa pinturas de figuras consagradas⁵⁵, cujas ideias ou teorias desenvolvidas por esses personagens séculos atrás são trazidas de forma sutil no texto verbal escrito abaixo de cada um deles. O humor se constrói havendo a identificação desses cientistas com as palavras que representam o cerne de suas teorias nas diversas áreas, no meme empregadas em outro sentido.

A Base Nacional Comum Curricular (2017, p. 478) preconiza que

é importante que os jovens, ao explorarem as possibilidades expressivas das diversas linguagens, possam realizar reflexões que envolvam o exercício de análise de elementos discursivos, composicionais e formais de enunciados nas diferentes semioses [...]. Afinal, muito por efeito das novas tecnologias da informação e da comunicação (TDIC), os textos e discursos atuais organizam-se de maneira híbrida e multissemiótica⁵⁶, incorporando diferentes sistemas de signos em sua constituição.

Os memes são textos atuais, tendo em sua gênese uma composição multimodal, que, como já dissemos, traduzem questões ideológicas, alcançadas por meio dos mais variados recursos linguísticos, como tratamos nesta seção, pondo em prática a teoria apontada por Bagno (2014) de que somos seres capazes de produzir sentido nos mais variados elementos. Assim, considerar o meme como representação da linguagem é dar-lhe *status* de importante manifestação linguística no contexto digital atual. Nesse sentido, à escola cabe a função de conduzir o estudante a se apropriar das mais variadas formas de linguagem, seja como emissor ou como receptor da mensagem, não havendo como ignorar a presença desse gênero que, embora circule nos meios digitais, representa situações ou fatos do ambiente físico, histórico e social.

Para que todo o potencial linguístico do meme seja alcançado e explorado, é preciso que se desenvolva as competências e habilidades relativas ao letramento, que perpassa por questões de compreensão e interpretação textuais, alcançando as intencionalidades discursivas presentes nos mais variados textos, permeadas em muitos casos por discursos ideológicos.

⁵⁵ Em sentido horário, Isaac Newton (teoria da gravitação universal), Albert Einstein (teoria da relatividade), Galileu Galilei (teoria do heliocentrismo) e Charles Darwin (teoria da evolução das espécies).

⁵⁶ Para alguns autores, *multimodalidade*, conforme já utilizamos nesta pesquisa.

Em se tratando, porém, de um contexto cada vez mais marcado pelas tecnologias digitais, “é preciso considerar a cultura digital, os multiletramentos, os novos letramentos, entre outras denominações que procuram designar novas práticas sociais e de linguagem” (BNCC, 2017, p. 478). Em outras palavras, é necessário ampliar o conceito de letramento, chegando ao letramento digital, que, como bem pontua Sabillón e Bonilla (2016), deve ir muito além da leitura de textos na tela. As autoras ainda comentam que nem todos os indivíduos possuem, na mesma medida, todas as habilidades de um letrado digital, no entanto eles devem possuir a maioria delas para se desenvolverem com êxito na sociedade moderna.

Diante desse contexto, nós, professores, temos o compromisso de pautar nossos processos de ensino no sentido de desenvolver em nossos estudantes as habilidades de uso e interpretação da linguagem em tempos de tecnologias digitais dentre outras questões associadas a esse contexto, como o uso de recursos digitais. Assim, mostra-se justificada mais uma vez nossa escolha por investigar as potencialidades do meme, podendo por meio dessa investigação ser dado o *start* para a discussão mais intensa sobre as concepções de educação na cultura digital no Ifes Santa Teresa.

5.2 A COMUNICAÇÃO DO/PELO MEME

Retomando e partindo do pressuposto aristotélico de que a espécie humana tem a natureza incontornavelmente social, há a necessidade de interação entre as pessoas, que se realiza por meio das diversas formas de linguagem, daí o caráter sociocognitivo desta. Nesse sentido, “não pode haver separação entre a linguagem e seu uso, entre quem fala e onde fala” (Bagno, 2014, p. 16).

Muitos dos estudos envolvendo a comunicação são pautados na teoria de Roman Jakobson (2007), pioneiro na proposição de um sistema de comunicação. Segundo o linguista russo, todo processo comunicativo se pauta em seis elementos, cada qual com suas respectivas funções, sendo eles o emissor, o receptor, o referente, a mensagem, o código e o canal. Isso significa que toda comunicação se realiza em torno de um assunto (referente), iniciada por quem emite (emissor) determinado conteúdo (mensagem), utilizando um ou mais tipos de linguagem (código), recebido por uma ou mais pessoas (receptor), por algum meio de envio

escolhido ou possível (canal). Todos esses elementos precisam estar em perfeita sintonia para que o processo comunicativo se concretize de forma eficaz, haja vista que cada elemento tem seu papel fundamental, mas que todos estão interligados, logo um (ou mais) acaba por definir o outro (ou outros), o que leva à condição de que um elemento não é mais ou menos importante que os demais e, sim, que um se potencializa (ou não) nos demais.

Considerando que cada vez mais as tecnologias digitais têm proporcionado a interação entre as pessoas por meios virtuais, faz-se necessário entender a potência que esses meios de comunicação possuem, visto que “as mídias são conformadoras de novos ambientes sociais” (Santaella, 2003, p. 25).

Santaella (2003), citando McLuhan (1964), chama a atenção para a impossibilidade de separar a mensagem do meio, uma vez que a mensagem é determinada muito mais pelo meio que a veicula do que pelas intenções de seu autor, o que leva à necessidade de preocupação e compromisso com as complexidades semióticas que a constituem. Em outras palavras:

mídias são meios, e meios, como o próprio nome diz, são simplesmente meios, isto é, suportes materiais, canais físicos, nos quais as linguagens se corporificam e através dos quais transitam. Por isso mesmo, o veículo, meio ou mídia de comunicação é o componente mais superficial, no sentido de ser aquele que primeiro aparece no processo comunicativo. Não obstante sua relevância para o estudo desse processo, veículos são meros canais, tecnologias que estariam esvaziadas de sentido não fossem as mensagens que nelas se configuram (Santaella, 2003, p. 25).

Coadunando com o pensamento dos autores Santaella (2003) e Bagno (2014), seriam as mídias apenas mais um meio (facilitador) de comunicação se não abarcassem a miríade de formas utilizadas para esse fim, dentre as quais damos recorte ao meme. Nesse sentido, tendo o meme todas as características, aspectos e dimensões até aqui discutidos, intimamente associado aos ambientes virtuais por serem estes seus meios de propagação massiva, as mídias se tornam relevantes para se investigar sobre o processo comunicativo que tem nelas se desenvolvido.

Reiterando a ótica bakhtiniana, qualquer esfera da atividade humana está sempre relacionada com a utilização da língua, vista como atividade social, histórica e cognitiva, dessa forma, segundo Marcuschi (2008), se destaca sua natureza funcional e interativa. Essa concepção de uso da língua leva à ideia de que toda comunicação (mensagem) acontece por meio de algum gênero textual, visto pelo autor como um fenômeno histórico, profundamente vinculado à vida cultural e social.

Nesse sentido, os gêneros são “altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas” (Marcuschi, 2008, p. 1). Assim, eles aparecem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem, caracterizando-se por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais.

A questão latente é entender que “não são propriamente as tecnologias *per se* que originam os gêneros e sim a intensidade dos usos dessas tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias” (Marcuschi, 2008, p. 2). Em suma, “os gêneros são [...] o reflexo de estruturas sociais recorrentes e típicas de cada cultura” (Marcuschi, 2008, p. 13), portanto, se estamos tendo uma interação cada vez mais ampliada pelos meios virtuais, há de se considerar as potências que as tecnologias digitais proporcionam na formulação das mensagens veiculadas por esses canais, dentre as quais está o nosso objeto de estudo, o meme, sendo uma estratégia de comunicação produzida e disseminada de forma assaz, o que o torna um elemento importante para os estudos desse processo de comunicação virtual e atual (Shifman, 2013).

Devemos considerar, inicialmente, que o meme não é um tipo de produção textual totalmente novo, conforme já discutimos em outra seção, no entanto é no ambiente virtual que ele encontrou toda a potência necessária para se destacar - não há sentido, hoje, pensar na produção de um meme fora do ambiente virtual. Muitas das intenções discursivas do meme, dentre as quais a exposição de ponto de vista, de julgamento de valor e de crítica, via de regra por meio da ironia e do humor, são transmitidas por outros gêneros, alguns com grande similaridade com o meme, como a charge e o cartum, que há bastante tempo circulam em canais de comunicação, porém com muitas limitações de produção, de veiculação e de acesso, hoje mais facilitados também em virtude das tecnologias digitais.

Para a produção da charge e do cartum, por exemplo, há a necessidade do olhar crítico do artista aliado à habilidade para o desenho típico dessas formas textuais, normalmente caricato. Quanto à veiculação desses gêneros, tempos atrás era preciso ter a obra publicada em algum jornal e/ou revista que, impressos, tivessem boa visibilidade e que precisavam chegar até às pessoas, por compra, empréstimo ou ao acaso, o que envolvia recursos financeiros, interesse em folhear o jornal ou a revista, além de prestar atenção à charge ou ao cartum publicado, que praticamente

se tornava um detalhe em meio a tantas outras informações. Essas produções continuam acontecendo, têm seu elevado mérito como forma artístico-comunicativa, agora com mais facilidade na sua veiculação devido à internet, possibilitando a criação de inúmeros jornais online ou outros tipos de sites, além das redes sociais empresariais ou pessoais do artista. Como exemplo, trazemos as Figuras 29 a 31, criações de um chargista brasileiro⁵⁷, que apresenta parte de sua obra em suas páginas pessoais das redes sociais⁵⁸.

Figura 29 - Charge Eleições 2022



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CkWG1wJhwu/>

Figura 30 - Charge Teto de gastos



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CIHje5hpc17/>

⁵⁷ As charges (Figuras 29 a 31) são de Carlos Henrique Latuff de Sousa, chargista e ativista político brasileiro. De origem libanesa e portuguesa, Latuff iniciou sua carreira como ilustrador em 1989, numa pequena agência de propaganda situada no centro do Rio de Janeiro.

⁵⁸ As postagens trazidas para esta pesquisa tiveram a autorização do chargista, que é o criador e administrador de sua página no Instagram.

Figura 31 - Charge Qatar World Cup 2022



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Clm1tOcrnmr/>

Convém pontuar que gêneros como a charge e o cartum vêm com a identidade de quem os cria, uma assinatura, atestando “o criador para a sua criatura”, normalmente transmitindo uma linha ideológica que cada artista assume para suas produções, ao avesso do meme, que circula nas redes de maneira anônima, órfã em sua massiva maioria, “bastardos e sem assinatura”, como bem nos lembra Beiguelman (2021, p. 181). Além disso, praticamente opondo-se ao dom artístico do desenho, “qualquer pessoa com conhecimentos rudimentares de edição de imagem digital pode, potencialmente, se apropriar de uma ideia, modificá-la e compartilhá-la” (Martino, 2014, p. 197). Ou seja, com um pouco de habilidade técnica e internet disponível é possível acessar sites ou baixar aplicativos e, em instantes, um meme é criado, sem que haja (necessidade de) qualquer tipo de autorização, encontrando nas redes sociais toda a fecundidade de que precisa, dada a velocidade com que as mensagens circulam nesses ambientes.

O anonimato aliado a essa relativa facilidade de produção permite que qualquer pessoa crie um meme e expresse mais livremente suas opiniões, seus pontos de vista, suas ideias, seus julgamentos, o que, em certa medida, coloca o sujeito em posição de exercer seu protagonismo, sua criticidade, sua democracia e, por que não, sua cidadania. Dessa forma chegamos ao elemento “emissor” da teoria da comunicação de Jakobson (2007), quem inicia o processo comunicativo a partir de suas intenções, que no meme é, além de retratar um espelhamento de suas opiniões e pensamentos, buscar a visibilidade de um maior número de receptores possível, algo tão disputado e almejado nas redes sociais, atestando que

[...] cada gênero textual tem um propósito bastante claro que o determina e lhe dá uma esfera de circulação. [...] todos os gêneros têm uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá basicamente pela função e não pela forma (Marcuschi, 2008, p. 141).

O propósito do meme é de viralizar nos ambientes virtuais, disseminando as ideias, ainda que em sua maioria anônimas, o que é um aspecto bem interessante a se considerar. Em um mundo onde recursos imagéticos proliferam, havendo sérios embates sobre direitos de exposição e de veiculação de imagens, o meme vem de forma subversiva contrariar esse fato, além de ignorar completamente questões relativas a direitos autorais, visto que “são instâncias midiáticas de alta circulação que produzem o apagamento de seus rastros nos processos de deslocamentos e apropriação contínua” (Beiguelman, 2021, p. 181).

Os internautas que criam os memes se utilizam de qualquer imagem que esteja disponível, inclusive nos mais variados ambientes digitais, e fazem desse material sua forma comunicativa. Não estão em busca de terem seus nomes escritos em letreiros luminosos, mas de terem o máximo de curtidas e de compartilhamento de suas criações, e, sendo páginas exclusivas para publicação de memes, acrescenta ao interesse o número crescente de seguidores, o que atesta seu engajamento nas redes sociais. Ilustro essa questão com uma experiência que tive na produção desta pesquisa.

Precisando utilizar alguns memes que servissem de amostra a algumas teorias aqui trazidas, foram enviadas mensagens via *Direct*⁵⁹ a certas contas do Instagram, cujas postagens são exclusivamente memes, com o objetivo de ter autorização para utilização desses posts. Destaco duas dessas contas que responderam (Figuras 32 e 33) - *Macaquinho Sincero* e *Artes Depressão* - sem trazer qualquer questionamento por parte dos criadores das páginas sobre direitos autorais, assim como um deles preferiu ficar no anonimato, recusando-se a preencher qualquer documento que revelasse sua identidade, inclusive um desses administradores comentou que seria uma forma de divulgação de sua página, levando a mais seguidores.

⁵⁹ *Direct* é o *chat* (bate-papo virtual) do Instagram.

Figura 32 - Trecho da conversa via Direct - Macaquinho Sincero



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 33 - Trecho da conversa via Direct - Artes Depressão



Fonte: Arquivo pessoal

Seguindo na análise comunicativa do meme, Bakhtin (1997, p. 330) comenta que “todo texto tem um sujeito, um autor”, cuja ação ocorre em função do destinatário. Nesse sentido, estabelece-se uma relação dialógica entre os sujeitos em interação, considerados pelo autor não como emissor e receptor, mas “múltiplos locutores”, haja vista que

o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o

início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor (Bakhtin, 1997, p. 290).

E complementa:

O locutor postula esta compreensão responsiva ativa: o que ele espera, não é uma compreensão passiva que, por assim dizer, apenas duplicaria seu pensamento no espírito do outro, o que espera é uma resposta, uma concordância, uma adesão, uma objeção, uma execução etc. (Bakhtin, 1997, p. 291).

Nos ambientes virtuais, a “atitude responsiva ativa” é bem imprecisa, seja por não saber a quem ou a quantos a postagem alcançará, ou em que momento, uma vez que os algoritmos trabalham de forma incessante, “selecionando” quem vê e o que se vê. Além disso, a possível atitude responsiva ativa pode não se dar de imediato, no entanto o “primeiro locutor” (emissor da mensagem) sempre publica algo na expectativa de uma resposta, de pronto ou um tanto tardia, que se manifestará por uma ação no próprio ambiente virtual, seja por curtida, comentário e/ou compartilhamento e, em se tratando dos memes, a “atitude responsiva ativa” poderá acontecer ainda por um remix, criando um outro meme, estabelecendo, assim, um elo interativo.

Nesse sentido, são os múltiplos locutores da teoria bakhtiniana encontrando eco nos memes, uma vez que o emissor não é o sujeito que apenas emite a mensagem e, sim, constrói um espaço de intervenção para o outro, bem como o receptor não é só quem recebe essa mensagem, mas quem irá (ou poderá) transformá-la, gerando a “atitude responsiva ativa”. Em quaisquer dessas ações, há questões implícitas que as conduzem, como entender ou não a mensagem passada pelo meme, criar identidade ou não pelo que está sendo manifestado, mas que em todas elas esses locutores se colocam em posição de comunicação constante, criando uma cadeia de interlocução, “em uma espécie de jornalismo visual em tempo real” (Beiguelman, 2021, p. 184), mais espontâneo e menos artificial que os meios massivos de comunicação. Além disso, a forma com que ocorre a composição do meme reforça esse ativismo dos interlocutores - ou interagentes, na nomenclatura proposta por Primo (2003) -, uma vez que é a criatividade individual que determina o que será produzido, tendo ao alcance os mais variados recursos semióticos, sendo possível explorar as mais diversas linguagens, como discutido na sessão anterior.

Observamos, assim, o quão é importante trazer essas questões para dentro da escola. É função da educação escolar a formação integral de seus estudantes, isso

significa formar cidadãos éticos e conscientes, construtores de uma sociedade que busca, senão extinguir, diminuir as distâncias entre as pessoas, perpassando por ações que visem à coletividade. As redes sociais têm se mostrado potentes nos movimentos de massa, a distância e o tempo entre emissores e receptores têm se tornado ínfimos, portanto devemos entender que o protagonismo nas redes pode ser aguçado no sentido do bem comum, da consciência crítica. Os memes podem ser importantes auxiliares nesse processo, uma vez que buscam a manifestação pessoal e a interação entre as pessoas, podendo provocar discussões salutares e importantes para mudanças contundentes em nosso meio, haja vista a democratização que as redes virtuais possibilitam.

Sendo eclético, aberto e democrático, os ambientes virtuais são portas para publicações variadas, sem haver elitismo linguístico nem rigor gramatical, como podemos ver nos memes. Em muitos deles, o emissor opta por uma linguagem informal como forma de aproximação do público receptor, simulando uma conversa casual, ainda que o próprio tema gere outros memes, mas há também quem opte pelo desvio do padrão normativo da língua como forma de subversão ao sistema. A receptividade de um meme com ou sem esses desvios linguísticos não interfere na interação dos internautas, que, para além das regras linguísticas, se veem representados nas postagens.

Figura 34 - Meme sobre a Copa 2022



Fonte: https://www.instagram.com/macaquinho_sincero/

Figura 35 - Meme sobre a Copa 2022



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Ckea179ONGR/>

Figura 36 - Meme sobre erro gramatical (1)



Fonte: <https://pt.memedroid.com/memes/detail/1072187>

Figura 37 - Meme sobre erro gramatical (2)



Fonte: <https://pt.memedroid.com/memes/detail/581285>

Figura 38 - Meme sobre erro gramatical (3)



Fonte: <https://shre.ink/1G6M>

Figura 39 - Meme sobre erro gramatical (4)



Fonte: <https://shre.ink/1GT2>

Os memes apresentados nas Figuras 34 e 35 são de uma página de rede social que possui quase meio milhão de seguidores e nenhum comentário feito nas postagens que contêm algum desvio gramatical aponta para essa questão. Por outro lado, há quem prime pela língua padrão, o que serve também de tema para bons memes (Figuras 36 a 39), atestando o quão diversificados são os ambientes das redes sociais. Assim, não podemos nos afastar da ideia de que qualquer publicação nos ambientes virtuais é uma maneira de se colocar no meio social pela virtualidade, em busca de visibilidade, que quanto mais ampla melhor.

Sendo as redes sociais um ambiente democrático, onde não há hierarquia social que define os interagentes, ganha-se espaço – e fama – pela postagem que mais viraliza. Devido à internet, a abrangência das redes sociais ultrapassa facilmente quaisquer fronteiras, havendo interação entre pessoas mais próximas, ainda que geograficamente, mas também de pessoas distantes e desconhecidas, criando os laços sociais de que nos fala Recuero (2009). Esses laços são entendidos como

construções oriundas das relações sociais, sendo eles definidos como “a efetiva conexão entre os atores que estão envolvidos nas interações [...], formas mais institucionalizadas de conexão entre atores, constituídos no tempo e através da interação social” (Recuero, 2009, p. 38). Muitas das mensagens criadas em memes são espécies de recortes de comportamentos, pensamentos e atitudes humanas habituais, em alguns casos motivados por acontecimentos do momento, no estilo de comédia *stand-up* ou, em certa medida, similar às peças teatrais vicentinas do período humanista⁶⁰. Ironizando tais comportamentos de forma generalizada, os receptores se veem representados nessas criações, o que leva à viralização imediata das publicações.

Figura 40 - Meme sobre os dilemas da vida



Fonte: https://www.instagram.com/macaquinho_sincero/

Figura 41 - Meme sobre preocupações



Fonte: <https://www.instagram.com/soueunavida/>

⁶⁰ O período literário do Humanismo, compreendido como período de transição entre a Idade Média e a Idade Moderna, teve Gil Vicente como autor de destaque, que escrevia peças teatrais de cunho moralizante, buscando criticar de forma irônica o comportamento humano em geral.

Mesmo apontando para situações desagradáveis (Figuras 40 e 41), os memes divertem o público pelo humor que trazem, e os desvios gramaticais que pode haver não diminuem essa distração. No entanto, nem sempre a diversão é para todos, pois, como bem pontua Recuero (2009, p. 37), “as relações não precisam ser compostas apenas de interações capazes de construir ou acrescentar algo. Elas também podem ser conflituosas ou compreender ações que diminuem a força do laço social”, afinal são as redes um ambiente em constante disputa, não só por pessoas consideradas comuns, mas também por grandes corporações e indústrias de *marketing*, com interesses que vão desde a comercialização e consumo de produtos a questões políticas e ideológicas de grande impacto social, como o que presenciamos nas últimas eleições presidenciais em nosso país.

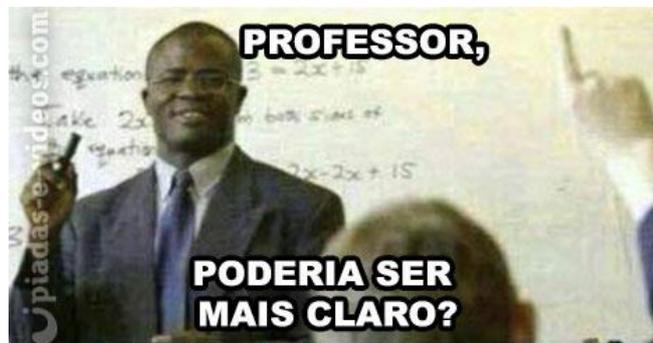
A liberdade de escolher o que publicar na rede leva muitas vezes à ideia de que o distanciamento físico provocado pelo virtual permite qualquer tipo de atitude responsiva, tanto por quem publica como por quem recebe a publicação, e os memes não são imunes a isso. Beiguelman (2021, p. 183), ao citar os teóricos holandeses Geert Lovink e Marc Tuters, chama a atenção para o fato de que o meme tem

capacidade de quebrar os limites do politicamente correto, indo muito além do que as mídias de massa poderiam suportar. Nesse flanco, abrem espaço para uma nova geração de imagens de ódio que têm se tornado recorrentes nas redes sociais. Nelas, conteúdos racistas, antissemitas, anti-islâmicos e homofóbicos são comuns.

A democracia em que vivemos e pela qual sempre devemos lutar, mas que se evidencia cada vez mais frágil, permite que haja liberdade de expressão definida, como o direito de manifestar opiniões, ideias ou atividades científicas, artísticas, intelectuais, sem que haja interferência ou retaliação governamental, conforme prevê o artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Há que se considerar, entretanto, que é um direito cujos limites devem ser estabelecidos por questões morais, éticas e legais, visando à não violação dos direitos do outro, senão o que teremos é um discurso de aniquilamento, em especial para alguns grupos historicamente colocados e/ou deixados à margem da sociedade. O ambiente virtual, dado esse distanciamento físico, se por um lado abre a possibilidade de exposição de forma democrática, por outro cria essa linha tênue de moralidade entre os internautas, que se sentem “protegidos” pela tela.

Por isso, torna-se uma questão *sine qua non*⁶¹ discutir a necessidade de regulação das plataformas, criando normativas que estabeleçam regras claras em seu uso, como o Projeto de Lei 2630/20, que visa a instituir a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet, cujo texto indica a criação de medidas de combate à disseminação de conteúdo falso nas redes sociais e nos serviços de mensagens privadas, excluindo-se serviços de uso corporativo e e-mail (Agência Câmara de Notícias, 2020). Normativas como essas conduzem à formação cidadã das pessoas, e a escola se torna uma das instituições fundamentais para discutir todas essas questões e suas reverberações, trazendo à tona o sentido real e pleno de democracia.

Figura 42 - Meme racista



Fonte: <https://shre.ink/1YJj>

Figura 43 - Meme racista



Fonte: Facebook

⁶¹ *Sine qua non* é uma expressão latina, tendo como tradução “sem a qual não”, utilizada no sentido de ser primordial, essencial.

Figura 44 - Meme gordofóbico

**QUAL É MEU SUPER PODER ?
FAÇO DESAPARECER O CHOCOLATE !**



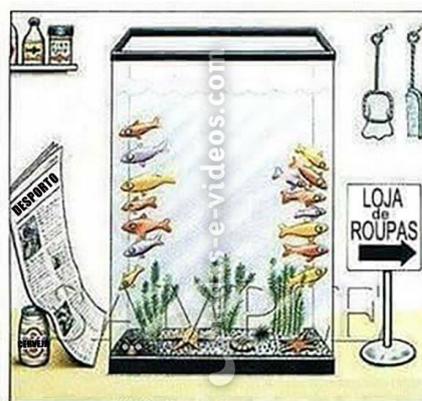
Fonte: <https://shre.ink/1YJj>

Figura 45 - Meme gordofóbico



Fonte: <https://shre.ink/1OjK>

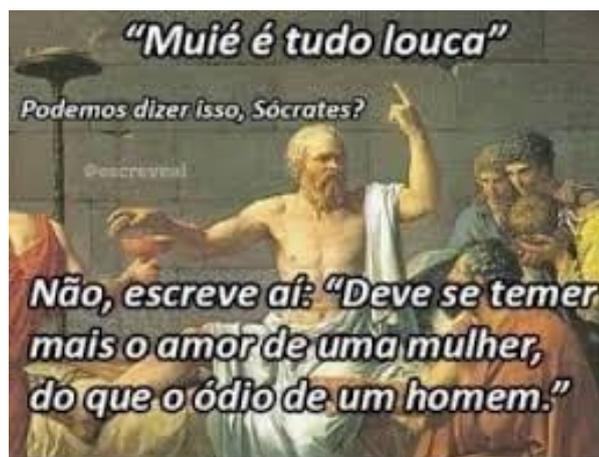
Figura 46 - Meme misógino



Como identificar o sexo do peixe.

Fonte: <https://shre.ink/1YJj>

Figura 47 - Meme misógino



Fonte: Facebook

Nos memes trazidos como exemplos, há mensagens de racismo (Figuras 42 e 43), gordofobia (Figuras 44 e 45) e misoginia (Figuras 46 e 47) formuladas por recursos semióticos variados, a fim de tratar pelo humor sarcástico os temas ali abordados, na intenção de “divertir” o público receptor. Percebe-se que há escolhas meticulosamente feitas para que a piada chegue antes de qualquer outra mensagem, e talvez se perca nesse entretenimento a seriedade do que essas criações trazem, que são os preconceitos velados pelo “riso”, algo que há muito tempo é tratado de forma prosaica e corriqueira em nosso meio.

O direito da livre expressão não pode ser confundido com violência e aniquilamento do outro ou do diferente. E isso se dá muitas vezes de maneira perversa pela ironia, sarcasmo, humor, tendo as redes uma lâmina afiada e célere, que favorecem sobremaneira esse tipo de atitude. Trata-se de um assunto extremamente sensível, uma vez que envolve direitos humanos, portanto não pode ser considerado como algo simples. Uma verdadeira educação, que preconiza a formação humana e cidadã, não pode se mostrar alheia a essas questões nem as tratar superficialmente.

Podemos acrescentar ainda a essa pauta a banalização com que episódios históricos trágicos são trazidos para os memes que circulam nas redes, na tentativa de esvaziar a magnitude dos assuntos, ignorando quaisquer fatos documentados. Nós, profissionais da educação, temos que nos posicionar em relação a essas atitudes, esses discursos precisam estar constantemente presentes em nosso fazer pedagógico, pois somos fortes colaboradores da construção histórica da nossa sociedade, preservando a memória para entender o presente e projetar o futuro,

trazendo questionamentos, sim, porém pautados na pesquisa, na investigação, na história documentada.

Figura 48 - Meme da Ditadura - “Os dias eram assim...”

Na época da Ditadura
"Os Dias Eram Assim..."



Fonte: <https://twitter.com/folha/status/857247904905412608>

Figura 49 - Meme da Ditadura



Fonte: <https://pt.memedroid.com/memes/detail/2501091/Ditadura>

Memes como os apresentados nas Figuras 48 e 49 tratam os anos cruéis da Ditadura no Brasil como sendo uma época áurea, além de ter a intenção de tornarem vexaminosas as pessoas que criticam e rechaçam esse momento da história do país. Com intenção clara de reversão de sentido e de valores, o meme *Os dias eram assim...* (Figura 48) defende a “tranquilidade” e a ordem social com que se vivia na

sociedade brasileira durante a Ditadura, porém em primeiro plano aparecem duas figuras públicas⁶², alvos de severas críticas nos últimos anos emitidas por grupos políticos de extrema-direita, ambos com posicionamento público de oposição ao então atual governo brasileiro⁶³ e que participaram de movimentos em prol da democracia no período ditatorial. O outro meme da Ditadura (Figura 49), em que se apresentam duas pessoas comuns, sem notoriedade pública, se propõe a alimentar o ódio e a ridicularizar determinadas pautas sociais. Inicialmente se cria uma oposição pela idade entre as personagens: enquanto uma teria idade suficiente para ter vivido durante a Ditadura e ter, portanto, suposta propriedade em dizer sobre esse tempo, a outra é uma pessoa jovem, logo tudo que diz são informações vindas de outrem. Na continuidade da intenção comunicativa, diminui-se mais ainda a reputação da pessoa mais jovem a começar pela dúvida quanto a seu sexo, se masculino ou feminino, exposta por meio do nome terminado em “x”, somada ao curso frequentado e a respectiva instituição de ensino, todos esses elementos indicativos de temas refutados, rebatidos e atacados nos últimos tempos pelos mesmos grupos políticos de extrema-direita e seus apoiadores.

Beiguelman (2021, p. 181) comenta que

Migrantes e fluidos, compostos dos resíduos que saem de uma mídia para a outra, da TV às interfaces das redes sociais, os memes são instâncias midiáticas de alta circulação que produzem o apagamento dos seus rastros nos processos de deslocamento e apropriação contínua.

Vários memes intitulados *Os dias eram assim...* nasceram motivados pela exibição de uma minissérie em tevê aberta no Brasil, em 2017, cuja ambientação é do período ditatorial. São exemplos dos resíduos de uma mídia a outra de que nos fala a autora, no entanto, enquanto a ficção televisiva trazia os horrores vividos nessa época, os memes buscavam ridicularizar os discursos contrários a esse tipo de governo, além de subverter as imagens/fotos que tiveram seus registros feitos em outros contextos⁶⁴. Podemos arriscar a dizer que justamente por terem seus rastros apagados se perde a noção de limite da liberdade de expressão, imposta por questões éticas, morais e

⁶² À esquerda da foto está Chico Buarque de Holanda e à direita Luís Inácio Lula da Silva.

⁶³ Nesse período, Michel Temer, antes vice-presidente de Dilma Rousseff, ocupava a presidência do Brasil, cargo deixado por esta em virtude do golpe sofrido.

⁶⁴ A foto de Chico Buarque e Lula foi publicada na página do Facebook do Instituto Lula, em 19 de junho de 2019, parabenizando Chico pelo seu aniversário.

legais, como mencionado, daí mais uma vez a comprovação da necessidade de marcos regulatórios quanto ao uso dos ambientes virtuais.

É típico do meme nascer de recortes de cenas de um contexto os quais são ressignificados e recontextualizados para a criação da mensagem pretendida, conforme se apresenta nas Figuras 50 e 51. Devemos, contudo, estar atentos ao que Beiguelman (2021, p. 181) postula:

[...] na atualização das mesmas imagens que são utilizadas recorrentemente, muitas vezes por grupos antagônicos, com novas legendas, revela-se uma contração do repertório visual que é criado nas redes. Conjugada ao imediatismo, à concisão e à volatilidade dos memes, essa repetição expressa, também, a impossibilidade de discussão e reflexão que impera no modelo atual de redes sociais.

Figura 50 - Evento do Partido dos Trabalhadores - 2013



Fonte: <https://shre.ink/1NWN>

Figura 51 - Meme *Lula e Dilma ladrões* - 2020



Fonte: <https://imgs.app/p/memes-zapzap-ladroses-whatsapp-vLqrnT72LM>

Os apontamentos trazidos pela autora coadunam com a configuração da sociedade atual trazida por Bauman (2001), que a teoriza como líquida, dada a característica da fluidez, uma metáfora cujo significado se traduz por não terem fixo o espaço nem preso o tempo. O autor complementa dizendo que

os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas “por um momento” (BAUMAN, 2001, p. 7).

Se por um lado a fluidez permite a maleabilidade, a adaptação, por outro leva à superficialidade dos temas, muitas vezes provocada pela voracidade do tempo. As publicações rápidas geram burburinhos, tumultos, porém poucas discussões aprofundadas dos temas, e mesmo as havendo são voláteis, desaparecem rapidamente pela substituição de novas publicações, que geram novos temas. O que conta é a rapidez, a aceleração, em uma espécie de disputa, afinal “as coisas hoje são produzidas em uma lógica de reprogramação constante, como dados manipulados, a fim de serem infinitamente consumidas e reconsumidas” (Beiguelman, 2021, p. 150).

É nesse sentido que Beiguelman (2021) nos chama a atenção para a apropriação de imagem por lados opostos, o que ocorre em sua maioria quando se trata de questões políticas, como percebemos no meme (Figura 51) criado a partir de fotos de um evento oficial (Figura 50), subvertendo as imagens registradas. A velocidade com que os elementos são trazidos e substituídos por outros têm intenções claras de criar ideias contrárias ou, no mínimo, trazer dúvidas que produzem desinformação, assustadoramente fragilizando, assim, a cidadania e a democracia.

Fatos como esses que acontecem nos ambientes virtuais não devem passar despercebidos, como sendo um universo à parte do mundo presencial. Não podemos ignorar que “vivemos uma época em que a memória se tornou um souvenir descartável e qualquer violência se converte em imagem de consumo rápido” (Beiguelman, 2021, p. 159), como podemos perceber essa intenção nos memes construídos em alusão à Ditadura no Brasil (Figuras 48 e 49).

A princípio sendo usado por pessoas comuns objetivando protagonizar e reagir a notícias midiáticas (Shifman, 2013), por exemplo, os memes têm sido uma forma de apropriação de organizações com intenções perversas de criar narrativas desinformativas, a partir do desmonte de outras, fragilizando as pessoas, a sociedade,

a democracia, que já vem trazendo traços de abalo. Os ambientes digitais, que são profícuos para a disseminação em massa, acabam por oferecer a liberdade dessas ações e, ainda, a possibilidade de sair impune, o que indica a necessidade latente de marcos regulatórios.

Lèvy (1999, p. 253) já comentava que “o ciberespaço reúne as pessoas de forma muito menos ‘virtual’ do que a ciência ou as grandes religiões”. São situações como essas que precisam ser debatidas e combatidas em uma escola que objetiva a formação da cidadania, a valorização da democracia, a consciência crítica dos vários discursos que nos chegam, seja no meio físico ou virtual. É preciso desenvolver em nossos educandos os processos discursivos de comunicação segundo a ética universal, que exige respeito pelo outro (Freire, 1996), entendendo que cada pessoa ocupa um lugar único no mundo, portanto deve agir responsabilmente (Bakhtin, 2012). Em comum acordo com o pensamento de Bauman (2001), entendemos que jamais a liberdade pode ser ganha contra a sociedade.

5.3 A CULTURA DO/PELO MEME

Do surgimento da palavra “cultura” aos dias atuais, são vários os sentidos já atribuídos a esse vocábulo, entendido de diversas formas a depender da área que o define. É consenso, no entanto, entender a cultura como algo aprendido, que permite a adaptação humana ao seu ambiente natural, é variável e se manifesta em instituições, padrões de pensamento e objetos materiais (Santaella, 2010).

Chauí (2021) nos traz o sentido de que cultura é a capacidade do ser humano de se relacionar com o ausente, o que resulta na criação de símbolos, assim, sob essa ótica, os primeiros elementos que formam a cultura são a linguagem e o trabalho, sendo este por fazer surgir o que antes era inexistente e aquela por materializar o ausente, como pensamento, ideia, opinião. A filósofa acrescenta que cultura é a capacidade que nós, seres humanos, temos de nos relacionar com o tempo e de conceber as coisas de forma dual – bom/mau, belo/feio, justo/injusto, verdadeiro/falso –, sendo esses os atributos pelos quais nos colocamos no mundo. A autora ainda nos chama a atenção para a questão de que cultura não deve ser associada a apenas um conjunto de conhecimentos, senão resulta em elementos eruditos, que classificam as pessoas em cultas ou incultas, o que fomenta a hegemonia das classes sociais

dominantes, menosprezando, assim, as manifestações culturais das classes mais baixas, conhecida como cultura popular. É válido comentar que foram essas mesmas classes dominantes que utilizaram parte da cultura erudita e parte da cultura popular para, em uma espécie de fusão, criarem a cultura de massa, que se reduziu em boa parte a entretenimento apenas, quase sempre causando uma espécie de alienação do sujeito em relação à sua posição frente ao mundo do trabalho e às questões intrínsecas entre políticas e sociedade, além de fomentar o capitalismo por meio de ilusões aderidas ao que se mostra e/ou anuncia (Chauí, 2021) .

Embora haja diversas vertentes acerca do tema, Santaella (2010, p. 43) nos chama a atenção para o fato de que “é apenas na dimensão histórica que as questões da cultura podem ser estudadas, pois seus elementos se originam através de inovações e se alastram através da difusão”. Como já dito, temos presenciado as tecnologias digitais cada vez mais inseridas em nosso meio, provocando mudanças comportamentais, incentivando novos hábitos e costumes, criando formas comunicacionais que têm quebrado barreiras de tempo e espaço, dado seu alcance e velocidade com que se disseminam, portanto estabelecendo nova forma de cultura. Trata-se de um fato conseqüente que ocorre naturalmente, uma vez que “o advento de cada novo meio de comunicação traz consigo um ciclo cultural que lhe é próprio” (Santaella, 2010, p. 64), que dentre tantas caracterizações hodiernamente se destaca pela conexão e participação. É a chamada cibercultura (Lévy, 1999), cuja base não é mais a produção de conhecimento de um para muitos, mas de transmissão e fruição de conhecimentos de muitos para muitos, possibilitando produção, troca, compartilhamento, ressignificação, que torna o ambiente virtual muito mais democrático, marcado pela coletividade. Por essa razão, a cibercultura é vista por Lévy (1999) como sendo a quarta revolução da comunicação⁶⁵.

Podemos dizer, então, que os ambientes digitais são meios de comunicação de massa, e como tal devem ser vistos como “fenômenos culturais e sociais, uma vez que participam da criação de identidades e do sentido na vida cotidiana” (Ollivier, 2008, p. 127-128). A cultura é um dos elementos fundamentais para que se criem identidades, sejam de povos, de grupos ou de indivíduos, portanto ser um partícipe

⁶⁵ Segundo o autor, a escrita, o alfabeto e a imprensa foram as revoluções anteriores à cibercultura que marcaram a comunicação.

desse ambiente digital é construir-se individual e coletivamente. Nesse sentido, pode-se dizer que os memes são um espelhamento da cibercultura, pois trazem como traços peculiares a participação coletiva de sua construção, dadas as possibilidades de produção, espalhamento e remixagem. Wiggins (2019) postula que conceber os memes como artefatos da cultura digital é de grande importância, por três motivos: os memes possuem “fiscalidade virtual”, estabelecem conexão social e cultural, e têm sua produção e consumo propositais.

A “fiscalidade virtual” trazida pelo autor indica que os memes, como artefatos, existem tanto na mente humana como no ambiente digital, portanto são, ao mesmo tempo, cognitivos e digitais, logo sua produção, consumo e reprodução recursiva lhe conferem relevância dentro da cultura digital participativa, revelando, assim, seu papel social e cultural no cenário tecnológico contemporâneo. Se por um lado um artefato social é capaz de nos dar informações acerca do comportamento das pessoas ou grupos que o produzem, por outro um artefato cultural informa sobre a cultura que o cria e usa. Nesse sentido, os memes são capazes de estabelecer essa conexão sociocultural, uma vez que há o que podemos chamar de “regras”⁶⁶ para sua composição, permitindo reproduções remixadas, que motivam a continuidade de sua produção por tempo indeterminado. Assim, chegamos à terceira razão de entendermos os memes como artefatos culturais: sua produção e seu consumo são propositais nesse cenário de cultura digital participativa, isto é, há intenção em produzir um meme assim como ao reproduzi-lo, sejam essas motivações individuais ou coletivas, ainda que de determinados grupos. Tal proposição ratifica a noção de que “os gêneros têm uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá basicamente pela função” (Marcuschi, 2008, p. 141).

Wiggins (2019, p. 40) ainda aponta para o fato de que

os gêneros são atividades que orientam e alteram a dinâmica da cultura humana. Nesse sentido, um meme, visto como um gênero, não é simplesmente uma fórmula seguida pelos humanos para se comunicarem, mas representa um complexo sistema de motivações sociais e atividade cultural que é resultado da comunicação e impulso para essa comunicação⁶⁷ (*tradução nossa*).

⁶⁶ Todo meme precisa ter imagem e texto verbal, que de alguma forma se coadunam.

⁶⁷ Texto original: “[...] *genres are activities that guide and alter the dynamics of human culture. In this sense, a meme, viewed as a genre, is not simply a formula followed by humans to communicate, but represents a complex system of social motivations and cultural activity that is both a result of communication and impetus for that communication.*”.

Dessa forma, os gêneros textuais passam a ser um dos elementos centrais para a compreensão da cultura. Nascidos como mídia espalhável, os memes passaram de simples circulação a serem transformados e imitados pelos interagentes da internet, por meio das mais diversas formas de linguagem, desde as mais tradicionais às proporcionadas pelas novas mídias, trabalhando com os três elementos que Bakhtin (1997) considera como básicos para a composição de um gênero: conteúdo temático, estrutura composicional e estilo.

Um meme pode surgir a partir de qualquer assunto (conteúdo temático), do individual ao coletivo, do pensamento à atitude, do específico ao geral. Em quaisquer situações, pressupõe transmissão de um tipo de conhecimento sobre o tema abordado, utilizando em sua composição (estrutura composicional) os mais diversos recursos midiáticos, como imagem, som, frase, cena, apresentando seu ponto de vista (estilo) crítico ou não, irônico ou não, mas sempre humorístico. Dessa forma, estimula apreciações, afetos e/ou julgamentos dos mais diversos atores sociais (Recuero, 2009), afinal “cada vez mais as pessoas organizam seu significado não em torno do que fazem, mas com base no que elas são ou acreditam que são” (Castells, 1999, p. 41), tecendo o que Castells (1999) denominou “sociedade em rede”, ainda que, muitas vezes, com a liquidez com que determinados temas são trazidos à tona, outra marca da sociedade contemporânea (Bauman, 2001).

Bakhtin (1997, p. 320) comenta que “a visão do mundo, a tendência, o ponto de vista, a opinião têm sempre sua expressão verbal”. Podemos arriscar a dizer que, atualmente, para tudo há um meme. “Aconteceu, virou meme” (Beiguelman, 2021, p. 181), que graças à sua capacidade de criação e recriação se torna uma das marcas da cultura contemporânea.

Em síntese, o meme nasce do ambiente físico, ganha dantesicamente o ambiente digital e retorna ao mundo físico, de forma recorrente e praticamente infinita, proporcionando autorias e coautorias dos partícipes desses ambientes, cidadãos desta nossa sociedade cada vez mais interconectada, mas também diversa e fragmentada. Devido à rapidez e ao alcance de sua disseminação através desses compartilhamentos e remix, os memes se tornam fenômenos culturais e sociais que ultrapassam a ligação entre as pessoas (Martino, 2014). “Essa relação entre o nível micro do compartilhamento individual e o nível macro do alcance social tornam os

memes particularmente importantes para entender a cultura contemporânea” (Martino, 2014, p. 178).

Mais uma vez reiteramos que uma escola comprometida com a formação integral de seus educandos não pode ignorar práticas vivenciais e culturais emergentes. Torna-se indispensável que estimulemos os jovens a serem praticantes das dinâmicas ciberculturais, reconhecendo nesse digital em rede, como nos mostra Lemos e Lévy (2010), as muitas possibilidades de ensinar e aprender de forma mais colaborativa, dessa forma percebendo nosso contexto sociocultural sob um novo prisma. É a oportunidade que a escola tem de incentivar os estudantes a utilizarem esses ambientes de cultura de massa para muito além do entretenimento alienante, fomentando, assim, a cidadania.

6 ENTENDENDO OS CAMINHANTES NO CAMINHAR

Minhas inquietações como professora do Instituto Federal ao longo desse tempo já as compartilhei aqui. Foram elas, ladeadas de muitos questionamentos, que me impulsionaram a esta pesquisa, a fim de vislumbrar alguma estratégia que proporcione olhares outros sobre a educação, novas concepções reais sobre o ensinar e o aprender diante das mudanças na sociedade, estratégia essa que permita abrir portas para tantas outras possibilidades. Um ressignificar na educação escolar, ainda que em uma escola de zona rural, rica em tantos aspectos e carente em tantos outros, diante de um contexto social marcado por mudanças e ressignificações motivadas pela presença cada vez mais intensa das tecnologias digitais.

Objetivando concretizar nossas intenções, todas as ações pensadas, planejadas e desenvolvidas nesta pesquisa foram pautadas na concepção de intervenção no sentido de que são

investigações que envolvem o planejamento e a implementação de interferências (mudanças, inovações) – destinadas a produzir avanços, melhorias, nos processos de aprendizagem dos sujeitos que delas participam – e a posterior avaliação dos efeitos dessas interferências (Damiani et al. 2013. p. 58).

Nesse sentido, pensar uma ação interventiva é, antes de tudo, entender que a coletividade é importante e necessária, para, a partir dessa premissa, idealizar meios de suprir lacunas no processo educativo, ainda que algumas, ao mesmo tempo em que se busquem caminhos que levem a distâncias maiores, criando diversas possibilidades que auxiliem e incrementem o percurso formativo dos nossos estudantes. Essa coletividade, porém, somente tem essa potencialidade quando seus membros se tornam conhecidos, o que se alcança com uma escuta sensível ao oportunizá-los externar seus pensamentos, permitindo “expressarem a percepção que têm da realidade do objeto de sua luta ou de sua emancipação” (Barbier, 2002, p. 57).

Uma vez expostas as vozes desses sujeitos, docentes e discentes, mais que as ouvir é preciso entendê-las, para que, além do que escutamos, possamos perceber suas vozes ocultas e/ou subliminares, que em grande parte estão caladas por se sentirem solitários em suas angústias e limitações.

Em se tratando de educação, sabemos que muitas das ações que pretendemos desenvolver acontecem de forma lenta, seja por questões burocráticas, seja também pelas subjetividades envolvidas, no entanto devemos sempre vislumbrar tempos mais

curtos para as execuções e consequentes resultados dessas ações, haja vista que tempo é um aspecto peculiar e constante no âmbito educacional. Conhecer, portanto, as potencialidades e as fragilidades de nossos pares é essencial, pois assim “o processo, o mais simples possível, desenrola-se frequentemente num tempo relativamente curto”, uma vez que “os membros do grupo envolvido tornam-se íntimos colaboradores” (Barbier, 2002, p.56). Dessa forma, a coletividade se mostra e se fortalece.

6.1 OS DOCENTES E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Estamos vivendo a fase da ubiquidade⁶⁸ frente ao desenvolvimento tecnológico (Lemos, 2002), cuja marca é o condicionamento advindo do uso das tecnologias digitais na sociedade. Nossos comportamentos e ações, como já dito, vêm sendo intensamente modelados pela influência do digital em nosso cotidiano. A fala dos professores reitera esse fato:

***Prof. NP 1** - As tecnologias digitais nas atividades do dia a dia são muito úteis. Houve uma mudança muito grande até mesmo pelas exigências da rotina do dia a dia (...). Hoje fica tudo muito prático.*

***Prof. NC 4** - As novas tecnologias chegaram para facilitar nossas vidas e são indispensáveis no nosso cotidiano. Quase todas as nossas atividades e demandas diárias podem ser resolvidas por meio do celular. Elas modificaram, inclusive, as relações interpessoais.*

Os depoimentos trazidos nos mostram que as tecnologias digitais integram a rotina diária dos docentes nos seus afazeres particulares de modo intrínseco, cuja ênfase está no uso e na operacionalidade que facilitam tarefas e ações. Dessa maneira o digital assume um caráter irreversível e permanente nos diversos momentos das rotinas diárias. Não podemos deixar de nos ocupar, portanto, das questões políticas e ideológicas que estão intrinsecamente postas nas questões que envolvem esse assunto.

***Prof. NC 3** - Vejo duplamente como uma necessidade, em razão do desenvolvimento histórico das tecnologias nos processos de comunicação, e, também, como uma imposição dos efeitos da Globalização, em função dos interesses econômicos.*

⁶⁸ Segundo Lemos (2002), há três grandes fases do desenvolvimento tecnológico: a fase da indiferença, que vai até a Idade Média; a fase do conforto, que corresponde à modernidade, e a fase da ubiquidade, ou pós-modernidade, que é a contemporânea.

Convém pontuar que há fortes interesses capitalistas sobre o digital, uma influência que nos é muito cara especialmente por sermos profissionais da educação, responsáveis pela formação de nossos educandos. Não podemos nos colocar à mercê desses interesses políticos e econômicos, se buscamos uma educação emancipadora e cidadã, mais humana e solidária.

Seguindo em nossa pesquisa, ao buscarmos conhecer como o uso do digital tem passado do pessoal para o profissional, todos disseram fazer uso também dessas tecnologias, seja pela mesma facilidade de recursos no momento do planejamento das aulas, seja pela necessidade imposta pela instituição, como a informatização dos diários de classe e uso de plataforma (AVA Moodle) para postagem de materiais de aula, muito utilizado durante a pandemia.

***Prof. NP 4** - No mundo moderno, o uso das tecnologias digitais é, eu diria, imprescindível. É complicado hoje a gente se vê trabalhando principalmente na educação sem usar algum tipo de tecnologia digital. Tudo hoje está informatizado, uma série de plataformas. É para lançar nota, é para lançar conteúdo, é para fazer conferência, para dar aula síncrona a distância...*

***Prof. NC 8** - Na minha prática docente eu preciso utilizar, porque as burocracias da escola são todas mediadas pela tecnologia de informação.*

As declarações revelaram um aspecto interessante. Quando utilizadas para fins pessoais, as tecnologias digitais vieram imbuídas de facilidade e praticidade na rotina de todos, no entanto, quando para fins profissionais, a maioria dos entrevistados as conceberam realçadamente burocratizada. Ressalta-se que nesse momento da entrevista, que era inicial, o questionamento foi no sentido de como os professores viam essas tecnologias na organização de sua rotina pessoal e na profissional. Houve disparidade, pois, sendo operacional em ambos os usos, enquanto para um facilita, para outro burocratiza, o que nos instigou a investigar se e como as tecnologias digitais entravam na sala de aula. Essa análise vem apresentada no tópico seguinte.

6.2 OS DOCENTES E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS NO FAZER PEDAGÓGICO

Uma vez que recursos advindos das tecnologias digitais já estão incorporados nas diversas atividades diárias dos profissionais que trabalham diretamente com a educação, ter essa prática fluindo de forma natural e rotineira nos processos de ensino e aprendizagem dos estudantes no ambiente escolar não deveria ser algo tão demorado e custoso, como se apresenta a realidade de nosso país. Esse cenário não

é diferente no Ifes Santa Teresa e os motivos para tal questão foram se apresentando paulatina e claramente.

Nas falas dos entrevistados sobre a presença das tecnologias digitais no desenvolvimento das aulas, a ênfase recaiu sobre a utilização como meros recursos atentos à contemporaneidade.

Prof. NP 6 - *Em aulas expositivas peço aos alunos que façam pequenas pesquisas em sala para procurarem alguma parte do conteúdo.*

Prof. NC 3 - *Além das práticas tradicionais de ensino, como usos do livro didático e atividades escritas na lousa, os alunos, frequentemente, acessam o AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem), realizam leituras de arquivos PDF, leem slides e outros dispositivos audiovisuais.*

Prof. NC 4 - *Uso algumas tecnologias digitais, porque é uma forma de deixar a aula mais didática e atraente.*

Foi unânime entre os professores ver as tecnologias digitais como recurso para tirar a monotonia e tornar as aulas mais atraentes, como se fosse possível envolvê-las em um belo pacote de presente, que gera toda uma expectativa, mas que, ao ser aberto e acabar a curiosidade ou a novidade, tudo volta a ser como antes. Desprezar todo o potencial do digital quando pensamos sobre a educação é reduzir as tecnologias ao *status* de meras alegorias (Cordeiro; Bonilla, 2017), o que implicitamente se percebe nas declarações dos docentes. No fazer pedagógico ainda persiste uma concepção instrumental das tecnologias na educação, como enfatizam Bonilla (2005) e Pretto (2013), visão essa que há anos vem sendo mostrada como insuficiente para as transformações que estão sendo postas e propostas para a educação no contemporâneo (Pretto, 2008).

Dentro dessa ótica limitada, em que os alunos leem slides e textos em PDF nos ambientes digitais, não existe espaço para a experimentação, para o protagonismo dos estudantes, que continuam a figurar nos espaços educativos apenas como consumidores de produtos. Onde nada ou pouco se produz, fica difícil criar vínculos com a ciência, com os processos de construção do conhecimento, e a materialidade prática das tecnologias digitais como cultura escolar passa a ser uma simples transposição do papel para o digital, o que indica que temos muito a avançar.

[...] consideramos que é necessário ultrapassar a ideia de uso das tecnologias como ferramenta de capacitação para o mercado de trabalho, através de cursos técnicos para a população de baixa renda, ou então como meras ferramentas didáticas para continuar ensinando os mesmos conteúdos na escola [...] (Bonilla; Pretto, 2015, p. 502).

Cabe, então, discutirmos de que forma as tecnologias digitais podem colaborar para a produção de outras lógicas de ensinar, aprender, produzir conhecimento, relacionar, criar avaliações, dentre outros elementos na prática escolar. Precisamos compreender esse momento histórico, marcado pela cultura digital, como de transformação, ou seja, uma guinada radical nas concepções e maneiras de educar.

Uma vez que a tecnologia se apresenta com potencial para rastrear, modelar, processar, distribuir e armazenar informações, os processos de conhecer devem superar modelos transmissivos, assim “os jovens liberam sua cabeça de um esforço muitas vezes solitário de memorizar e armazenar conhecimentos, e passam a usar seu potencial cognitivo para exercitar sua própria inteligência” (Cordeiro; Bonilla, 2017, p. 12).

Serres (2013, p. 27) nos lembra que

Da mesma maneira que a pedagogia foi inventada pelos gregos (paideia), no momento da invenção e da propagação da escrita, e assim como ela se transformou ao emergir a imprensa, no Renascimento, a pedagogia muda completamente com as novas tecnologias [...].

Os depoimentos expostos vão de encontro ao que o autor nos apresenta, visto que a prática ainda se mostra verticalizada, com planejamentos feitos a partir de matrizes curriculares engessadas, em suas metodologias comumente já utilizadas, sem a dialogicidade que coloque o estudante como coautor do processo educativo escolar. Frente a esse “contexto atual de mudanças, marcado pela presença das TIC, as formas de educação, normalmente concentradas no modelo da ‘escola única’, precisam ser repensadas, reinventadas, pluralizadas” (Bonilla; Picanço, 2005, p. 220)

As tecnologias digitais nos obrigam a sair do formato espacial inspirado pelo livro e pela página (Serres, 2013), ou seja, um novo formato em que todos, professores e alunos, sejam partícipes na construção do conhecimento, como verdadeiros pares desse processo. Para que essa dinâmica aconteça, é necessário que as tecnologias digitais sejam entendidas como potencializadoras do ensino e aprendizagem, o que “demanda novas posturas da/na docência e discência, de modo que o protagonismo não esteja polarizado, mas integrado no professor e no estudante, na mesma medida” (Bruno, 2019).

Em outras palavras, temos como necessidade pensar práticas pedagógicas que possam estruturar a construção do conhecimento com ou a partir das tecnologias digitais, bem como que potenciais emancipadores podem ser explorados com essas

tecnologias incorporadas ao ensino. E isso não se alcança de maneira unilateral, havendo um único “porta-voz”.

Agora distribuído por todo lugar, o saber se espalha em um espaço homogêneo, descentrado, de movimentação livre. A sala de antigamente morreu, mesmo que ainda a vejamos tanto, mesmo que só saibamos construir outras iguais, mesmo que a sociedade do espetáculo ainda procure se impor (Serres, 2013, p. 48).

Precisamos dizer aqui que a própria presença das tecnologias é uma condição para que possamos compreendê-la. Já mencionamos em outra parte do texto, mas é fundamental reforçar, que toda a dinâmica social é reconfigurada a partir do digital, não apenas os meios de comunicação e formas de relacionar do ser humano, mas o mundo do trabalho e da economia, e assim as linguagens e a cultura, as relações de poder e de manipulação, bem como as lutas. Logo, necessitamos formar cidadãos para enfrentarem com outras capacidades instrumentais e cognitivas os desafios do seu tempo. É preciso saber como essas tecnologias operam por dentro, compreender o que está em jogo no campo da economia e da política quando grandes corporações se transformam em monopólios com políticas opacas em relação aos estados e aos seus clientes.

Nisso a escola tem papel preponderante, pois pode dar início a ações que desenvolvam desde cedo, em crianças e jovens estudantes, a aproximação com o campo da experimentação, estimulando a curiosidade e a criatividade. A BNCC e a proposta do Novo Ensino Médio (NEM), vindos em um invólucro de educação que atende à contemporaneidade, sustenta de outra forma uma educação fragilizada, visto que enfraquece sobremaneira a mudança pela qual tanto se almeja, que é uma educação emancipadora construída a partir de consciência conhecedora e crítica dos interesses capitalistas que nos rodeiam e dominam. Não podemos conceber como uma nova educação quando o que se propõe não produz mudanças reais no sentido de colocar verdadeiramente os sujeitos aprendentes no centro do processo, pois nas entrelinhas os interesses mercadológicos manipuladores se manifestam.

Uma das maneiras de favorecer transformações produtoras e atuais nos espaços escolares é criar ambiências onde se possa questionar, trabalhar em grupos, fazer registros e produzir conteúdos, não como forma de atrair a atenção do estudante, mas de desenvolver seu protagonismo e seu potencial como ser em formação. São

elementos esses pertinentes ao letramento digital, sendo essa uma das demandas essenciais da contemporaneidade para uma sociedade inclusiva.

Sabemos o quão desafiador é esse caminho, visto que ele nos tira de nossa trajetória regular. Não obstante a esse fator, devemos levar em consideração os processos formativos dos docentes em conjunto com seus longos anos de atuação como professor, além de suas respectivas áreas de atuação e a infraestrutura do campus.

6.3 OS DOCENTES E SEUS PROCESSOS FORMATIVOS

No Ifes Santa Teresa, um dos cursos técnicos integrados é Informática para Internet, logo os professores que ministram as disciplinas do núcleo profissionalizante desse curso têm formação avançada na área, o que viabiliza sobremaneira o uso diversificado dos recursos tecnológicos digitais. Eles conhecem variados *softwares*, fazem uso de diversos programas, ensinam e incentivam os estudantes a usufruírem e explorarem as potencialidades desses recursos, sendo essa a rotina diária.

***Prof. NP 3** - Eu utilizo bastante tecnologias digitais nas aulas, principalmente por ser justamente um curso de computação. Todas as minhas disciplinas são de informática.*

***Prof. NP 6** - Todo mundo na informática vai usar uma IDE, que é uma ferramenta de desenvolvimento, vai utilizar ferramentas extras, vai utilizar muitas vezes APIs, que são ferramentas de suporte.*

Aqui encontramos falas que mencionaram o conhecimento técnico da tecnologia, o que é importante, mas ficam restritos ao uso, à aplicabilidade técnica, não se percebe uma discussão mais profunda em relação à justificativa por essas soluções. Por isso discutimos tanto que somente a usabilidade não contempla uma formação plena para a cidadania, pois “apesar do acesso às tecnologias ser fundamental para a área educacional, ele, por si só, é insuficiente” (Bonilla; Pretto, 2015, p. 508).

Em relação aos professores que não são da área de Informática, a situação variou de acordo com suas subjetividades. Ter certa familiaridade com os recursos tecnológicos traz segurança em usá-los nas aulas, porém aos que o conhecimento nessa área é limitado a insegurança se impõe. Seguir em sua rotina como tem sido, com os recursos básicos que têm utilizado, traz conforto, pois é o lugar onde se sentem seguros com suas práticas, onde se sabe por que estrada caminhar e que os

supostos resultados vêm. Buscar novos meios é sair desse lugar-comum, desafiar-se, até mesmo aventurar-se, e sem incentivo poucos se sentem preparados e dispostos a tanto.

Prof. NP 9 - Além da insegurança com relação ao funcionamento dos aparelhos tecnológicos, há também uma preocupação com a dinâmica da atividade.

Prof. NP 10 - Tenho muitas dificuldades com essas novas ferramentas digitais.

Prof. NC 5 - A geração atual absorve bastante informação pelas redes sociais. Eu gostaria de fazer mais vídeos educativos, com "pegada" alegre, atrativa, moderna e ao mesmo tempo envolvendo cidadania, responsabilidade social, sustentabilidade...

Essas exposições revelaram que os professores ainda se colocam como os principais protagonistas do processo de produção de conteúdos digitais, não mencionaram a produção pelos alunos ou com os alunos. Esse é um ponto que merece destaque, uma vez que a cultura digital possibilita a produção de conhecimento a partir da diversidade, da heterogeneidade, da participação e da colaboração, como salientam Bonilla e Pretto (2015, p. 502):

A convergência de linguagens e mídias, articulada com a conectividade em tempo integral possibilita a alunos e professores criar, inovar, inventar, entre si e com outros, em espaços e tempos diversos, mantendo-se, ao mesmo tempo, ancorados no local e articulados com o global.

Nesse sentido, claramente se mostra a necessidade de construir a cultura digital na escola, investir na criação de ambiências de experimentação, de vivências, de trocas dialogadas, de registros que possam ser acessados, dentre outros. Assim, todos os professores têm condições de se sentirem confortáveis diante das tecnologias digitais, promovendo e incentivando o protagonismo dos nossos estudantes nos ambientes, sejam estes físicos ou digitais.

Outro ponto de atenção, merecendo destaque, são as falas que deixam transparecer que, apesar da insegurança que sentem, há desejo em utilizar os recursos digitais, por motivos variados, em especial como forma de ter o estudante mais próximo e participativo das aulas, o que indica forte possibilidade de nossa proposta interventiva ser porta de entrada produtiva e fértil para que a cultura digital possa ir sendo construída em nosso campus.

Prof. NC 9 - Gostaria de buscar novas alternativas que possam diversificar o formato das atividades propostas, com o intuito de trazer um maior engajamento dos estudantes e auxiliar no aprendizado dos conteúdos.

Trazendo à tona o período pandêmico, a necessidade de utilização, ainda que adaptada, dos ambientes virtuais para manter a rotina escolar, com aulas assíncronas e síncronas, mostrou-se como possibilidade, apesar de todos os imprevistos. Em meio a tantos desafios, descobriu-se um novo meio de fazer as aulas acontecerem. Dessa forma, entendemos que na maioria das vezes falta incentivo e até mesmo oportunidade para que o digital esteja junto ao analógico de forma natural, integrando a rotina escolar.

Bruno (2019, p. 348) nos conduz a uma interessante reflexão ao dizer que

vivemos o tempo do E e não do OU. Temos dificuldade em entender que coexistem ideias, possibilidades, pessoas, gêneros e dispositivos muito diversos, e que podemos conviver com todos eles. Não precisamos mais polarizar OU isso OU aquilo, mas conjugar isso E aquilo. É difícil aceitar o E porque muitos de nós fomos formados com e pelo OU. Mas a cultura contemporânea, e a cultura digital sendo uma delas, é a cultura do E.

A autora chama a atenção para o fato de que há um apelo muito intenso para a instrumentalização das tecnologias disponíveis, porém, se transformamos nossa forma de viver, de ver o mundo e de nos relacionarmos com o outro, com as ideias e as informações, isso “não pode ser compreendido como mera instrumentalização, mas como um conjunto de processos culturais” (Bruno, 2019, p. 348). Nesse sentido está a forma como concebemos os gêneros textuais que circulam nos ambientes virtuais, com destaque para os memes.

6.4 A INFRAESTRUTURA DO CAMPUS E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS POSSÍVEIS

O Ifes Santa Teresa, como já mencionado, se localiza à margem de uma rodovia estadual, em zona rural pertencente ao município de Santa Teresa, onde só há um provedor de internet. A instabilidade da internet no campus é uma realidade diária, ocasionando diversos impasses.

Planejar uma atividade de aula em que seja necessário fazer uso da internet precisa vir sempre aliado a uma alternativa, um “plano B” para a aula. Esse fator gera grande incerteza sobre o uso de tecnologias digitais, pois em muitos casos a atividade não consegue chegar ao fim naquela aula como planejado, bem como às vezes atrasa o seu desenvolvimento. Quando essa situação se alia ao pouco contato com essas

tecnologias, aumenta a insegurança e desestimula o uso, uma vez que a “prática analógica” normalmente funciona.

Prof. NC 1 - Alguns fatores são relevantes para a utilização ser “às vezes”, dentre eles destaco a instabilidade da internet no campus. Mas ressalto que, sempre que utilizo, o rendimento é diferenciado.

Prof. NC 10 - Eu acabo dando mais aulas expositivas do que atividades... As atividades que precisam de internet geralmente são extraclasse.

Uma outra questão muito importante no Ifes Santa Teresa é em relação aos laboratórios de informática. Podemos dizer que temos uma boa infraestrutura desses espaços, pois há quatro laboratórios com vinte computadores cada, com um quinto laboratório em construção, contudo a utilização de todos eles fica exclusivamente direcionada às disciplinas técnicas dos cursos de Informática, seja o técnico ou o superior. O interessante é que isso nunca se torna pauta em reuniões nas quais os docentes participam. É desagradado para muitos professores, mas que parecem se conformar com a situação.

Prof. NC 7 - Nunca consigo reserva no laboratório de informática.

Prof. NC 9 - Queria ter a oportunidade de levar os estudantes ao laboratório de informática. Isso seria importante para podermos trabalhar

Ainda parece, para a maioria de nós, que na escola espaços com equipamentos de informática são específicos para alguns cursos e algumas disciplinas. Arrisco a dizer que essa visão insistente resulta da concepção instrumental que se tem acerca das tecnologias digitais e do modelo de ensino em voga.

A escola atual trabalha no sentido da reprodução e transmissão do modelo hegemônico, fechada à exterioridade. Mesmo quando o modelo pedagógico adotado admite as diferenças, trabalha no sentido de lapidar as arestas e conduzir a uma unidade, a uma identidade hegemônica (Bonilla, 2005, p. 72).

Os estudantes são formados a partir de uma educação organizada por áreas, com o saber segmentado, fragmentado, tendo um conhecimento verdadeiro a ser transmitido ao estudante (Bonilla, 2005). Morin (2003, p. 14) preconiza que “o retalhamento das disciplinas torna impossível apreender ‘o que é tecido junto’, isto é, o complexo, segundo o sentido original do termo”.

Nós, professores, entramos nesse ciclo vicioso de fragmentação e individualidade e vamos apenas seguindo o fluxo, trazendo pequenas “inovações” em momentos pontuais. A contemporaneidade grita por um currículo integrado, com práticas pedagógicas colaborativas, para isso precisamos sair do nosso lugar-comum, desafiar-nos, e isso é processo, que ganha corpo e força no coletivo.

6.5 ESTUDANTES, PROFESSORES E TECNOLOGIAS DIGITAIS

Se por um lado temos professores com algumas limitações no uso das tecnologias digitais, inseridos em um contexto escolar com entraves de infraestrutura tecnológica, dividindo o mesmo espaço com professores que dominam os recursos tecnológicos digitais, de outro temos os estudantes do ensino técnico integrado, uma geração que nasceu e tem crescido nesse meio de mudanças aceleradas, provocadas justamente por essas tecnologias.

Nesse cenário diverso, veio dos próprios professores a declaração de que nas aulas em que são usadas as tecnologias digitais o interesse dos alunos cresce, a participação se avoluma e a aula fica mais dinâmica.

***Prof. NP 1** - A gente usa pra tornar as aulas mais dinâmicas, mais agradáveis, pra trazer coisa nova, por exemplo. A gente utiliza muito o Google, aqui mesmo no celular.*

***Prof. NP 5** - Facilita a interação, deixa as **aulas mais dinâmicas**. Os alunos têm como **pesquisar** na hora as coisas, se tiver lá o smartphone ou mesmo o computador, no meu caso é a sala de informática, então fica mais fácil.*

Os desafios, portanto, dentre tantos, passam a ser a sintonia desses atores do processo de ensino e aprendizagem, buscando meios para se alcançar a potencialidade que essas tecnologias podem ter para ambos os lados, contribuindo sobremaneira para a formação cidadã e ética de nossos jovens.

Promover um momento para que os estudantes do Ifes Santa Teresa se manifestassem acerca de sua relação com as tecnologias digitais trouxe certezas a algumas de nossas suposições, bem como ampliou nosso olhar sobre a temática aqui pesquisada.

Nossos jovens estudantes, familiarizados com o mundo digital, se mostraram ecléticos quanto ao uso da internet em sua rotina diária, indo da utilização para entretenimento à forma de estudar e aprender melhor o que lhe é ensinado na escola.

***E3** - Utilizo para me comunicar com outras pessoas e para lazer, além de utilizar para estudos e trabalho. Gosto de navegar nas redes e conversar com pessoas próximas a mim.*

***E4** - Em relação aos estudos hoje eu considero que é uma ferramenta fundamental na hora de estudar, porque, quando a gente tem alguma dúvida ou coisa do tipo, a gente acaba recorrendo à internet por ser mais acessível e mais rápido.*

Aqui pudemos verificar que os estudantes são praticantes das redes sociais, buscando-as para entretenimento e sociabilidade. Quando se referem às práticas escolares, porém, há uma distinção, e ficou claro o consumo de conteúdos e não sua

produção, o que evidenciou a relação direta com as concepções e práticas dos professores. Mesmo as tecnologias presentes, disponíveis e acessadas para alunos e professores terem o potencial da autoria, do protagonismo, da cocriação e trabalho em rede, essas possibilidades não são exploradas, estão bem distantes das práticas educativas.

Reconhecemos claramente nos depoimentos dos alunos também o pensamento de Serres (2013, p. 45), ao anunciar que

[...] todos têm o tal saber que se anuncia. Inteiro. À disposição. Na mão. Explicado, documentado, ilustrado [...]. Ninguém mais precisa do porta-vozes de antigamente, a não ser que um deles, original e raro, invente. [...] Esse novo caos, primitivo como toda balbúrdia, anuncia uma reviravolta, antes de tudo da pedagogia [...]. Outrora e recentemente, ensinar era uma oferta. Exclusiva, semicondutora [...]. Isso acabou.

As falas dos estudantes ressaltaram que a hegemonia do saber do professor está posta em xeque, coadunando com o que o autor nos traz. O saber está cada vez mais espalhado em vários lugares, em especial nos ambientes digitais. A dúvida do conteúdo mal aprendido na escola pode ser dirimida por outros meios que não pelo professor, em um momento de encontro específico.

E5 - Eu particularmente uso muito a internet quando se trata de estudos, acho importante, pois é uma forma mais simples de tirar dúvidas e aprender matérias mais complexas.

Dessa forma, o pensamento de Serres (2013) nos ajuda a confirmar que as transformações céleres pelas quais a sociedade tem passado evidenciam uma necessidade urgente de transformações também na escola, que, como sabemos, pouco tem se modificado em sua estrutura e na maneira de conduzir o processo de ensino e aprendizagem ao longo do tempo. Embora ela seja socialmente considerada como um espaço por excelência dedicado à promoção e ao acompanhamento dos percursos formativos das pessoas a ela confiadas para esse fim, sabemos que são “múltiplos os espaços de aprendizagem em que os sujeitos sociais transitam e nos quais vão reunindo referências fundamentais para sua compreensão de mundo” (Sá, 2008, p. 1).

As tecnologias digitais têm propiciado novos ambientes, dentre os quais os virtuais, trazendo novas (formas de) aprendizagens. Esses ambientes têm ocupado um espaço cada vez mais amplo na vida das pessoas, em especial de nossos adolescentes e jovens, tornando-se parte integrante de sua rotina diária, levando ao

borramento entre o mundo físico e virtual, cujas fronteiras vão se dissolvendo naturalmente (Santaella, 2013).

E3 - Eu acho a rede social importante porque eu acabo entrando em contato, mesmo que distante, com as pessoas do meu ciclo de amigo, familiares... Às vezes as pessoas com quem eu não consigo ter tanto contato físico eu consigo ver como está a vida delas, mesmo distante.

E4 - Sobre as redes sociais, é quase impossível você não ficar sem utilizar, mas eu tento me controlar para eu não ficar muito tempo, tanto é que eu tenho até um cronômetro no meu celular que limita o tempo.

E6 - As redes sociais são ambientes importantes para mim, porque na maioria deles eu consigo me divertir, distrair e coletar diversas informações.

Se o cotidiano da escola é organizado para as aprendizagens se desenvolverem, é preciso que ela esteja em sintonia com as demandas contemporâneas. Sabemos que a escola não tem o propósito exclusivo de transmissão de conhecimento, é local de desenvolver seres humanos plenos, e isso se dá na relação com os outros, com os objetos técnicos e com a cultura de seu tempo. Nesse sentido, desenvolver a cultura digital no ambiente escolar não é mais uma questão de opção, mas de verdadeira necessidade.

Acreditamos no ensino que promova a cidadania, a humanidade, portanto é preciso que haja políticas públicas para trazer os jovens para a escola e que garantam sua permanência de um modo profícuo, que atenda às suas demandas, interesses e necessidades. E isso só é possível quando o que se vivencia nesse espaço faz sentido e tem significado para essa geração. Precisamos ouvi-los, e uma mostra disso ficou evidenciada nas falas acima, pelas quais passamos a conhecer os mais diversos ambientes virtuais por onde nossos estudantes navegam, como tem se dado o uso desses espaços e de que forma esses sujeitos podem desenvolver seu protagonismo. Mas isso não basta, necessitamos compreendê-los melhor, ouvindo seus desejos, seus temores, seus sonhos, e construindo com eles um currículo mais propositivo.

A nossa concepção é que diante das tecnologias digitais, principalmente no contexto da cultura participativa que a Web 2.0 proporciona, é possível interagir e se engajar de forma potente com os meios comunicacionais. Dessa forma, sendo o meme nosso objeto de estudo, cuja circulação massiva se dá pelas redes sociais, toda a nossa trajetória investigativa visou à compreensão sobre como acontece a relação dos sujeitos - professores e alunos - com essas redes e essa forma de comunicação.

Nossa pesquisa confirmou que todos os estudantes têm conta em redes sociais, dentre os quais 87% disseram acessá-las várias vezes ao dia, porém

enquanto todos são consumidores do que há nesses ambientes, poucos se colocam como produtores de algum tipo de conteúdo.

E1 - Geralmente, posto algumas coisas, mas sem muita frequência.

E6 - Eu particularmente não gosto de postar, sou mais de ver o que as outras pessoas publicam.

E7 - Eu posto bastante coisa, eu acho. Eu tenho também uma página de desenhos, então eu posto bastante coisa nos dois Instagram que eu tenho.

E8 - Minha interatividade é bastante variada. Eu sempre estou postando algo, eu estou compartilhando, eu estou fazendo alguma coisa, e eu acho bastante importante.

Lévy (1999, p. 80) tempos atrás já nos levava a refletir que

[...] um receptor de informação, a menos que esteja morto, nunca é passivo. Mesmo sentado na frente de uma televisão sem controle remoto, o destinatário decodifica, interpreta, participa, mobiliza seu sistema nervoso de muitas maneiras, e sempre de forma diferente de seu vizinho.

Os sentidos, inerentes ao ser humano, reagem ainda que em aparente função de passividade, portanto ao acessar os ambientes virtuais as ações acontecem. Cada um vê, interpreta e reage às postagens, seja ignorando ou interagindo por meio de curtidas, comentários e/ou compartilhamentos. Seguindo a nomenclatura proposta por Primo (2003), somos todos interagentes ao estarmos nas redes sociais, ainda que de maneira distinta nas reações e nas relações com elas. Sob essa perspectiva, a escola precisa criar meios de colocar nossos estudantes diante desses ambientes virtuais como interagentes conscientes e críticos, uma vez que são espaços que abrem “o fluxo comunicacional em todas as direções, com a possibilidade de qualquer pessoa, em qualquer lugar, poder participar, trabalhar, numa perspectiva autoral” (Bonilla; Pretto, 2015).

São os professores, diante dessas questões, peças fundamentais nesse processo, razão pela qual nossa pesquisa caminhou no sentido de conhecer a relação desses sujeitos com as redes sociais. Pudemos constatar que, distintos dos estudantes, nem todos têm conta em rede social, seja porque nunca tiveram interesse ou porque em algum momento, por razões diversas, resolveram desativar. Quanto aos que são usuários das redes sociais, a maioria se mostrou, assim como os estudantes, mais consumidora que produtora de algum tipo de conteúdo nelas.

Prof. NC7 - Praticamente todos os dias eu vejo. Eu posto muito pouco.

Prof. NP 5 - Todo dia praticamente pelo menos eu vejo, não quer dizer que eu poste.

Prof. NP3 - Bom, eu não sou exatamente um usuário tradicional de redes sociais. Normalmente não crio conteúdo.

A partir dos dados coletados, percebemos que enquanto as redes sociais ocupam grande espaço no cotidiano dos estudantes, o mesmo não acontece em relação aos professores, o que provoca um distanciamento sobre como esses sujeitos se colocam diante desses ambientes virtuais. A comunicação, tão transformada nos últimos tempos pelas tecnologias digitais, passa também a ter múltiplos sentidos para esses sujeitos.

Prof. NC - *Acredito que as redes sociais facilitam muito a comunicação, principalmente para aqueles que vivem geograficamente distante dos amigos e parentes.*

Prof. NC1 - *Acho muito importante a gente ampliar os meios e as formas de comunicação, porque traz a interação em uma época que a gente se distancia muito um do outro fisicamente.*

E7 - *Eu acho bem bacana, porque ajuda as pessoas que às vezes são tímidas, aí na internet acho que não tem essa pressão que você tá ali na frente da pessoa, falando.*

E1 - *Eu gosto muito de expressar minha opinião nas redes sociais. Sei lá, eu me sinto mais à vontade.*

Pelas falas expostas, agilidade, facilidade e encurtamento de distância foram ideias comuns sobre a comunicação em ambiente virtual, no entanto para nossos jovens entrevistados apareceram ainda aspectos como liberdade e espontaneidade nesse processo interativo. Podemos entender, então, que de alguma maneira esse estudante se sente cerceado em expor suas ideias e opiniões estando nos espaços físicos, o que nas redes sociais isso não é sentido. Entendemos que para os mais tímidos o distanciamento físico contribui para a expansividade de expressão, devendo ser a escola um local propício a desenvolver a potencialidade comunicativa, independente de quaisquer características de personalidade desse sujeito. No entanto, devemos considerar todas as nuances do que é essa liberdade em rede.

Recuero (2009) comenta que, ao se fazer um estudo acerca das redes sociais, vistas como elemento dinâmico, devem-se inicialmente considerar três elementos básicos: cooperação, competição e conflito. A cooperação é trazida como o processo formador das estruturas sociais, no sentido de um agir organizado; já a competição é tida como condição ímpar de luta social, porém sem gerar hostilidade, que é a marca geral do conflito. Normalmente este provoca desgaste e ruptura social, associado, na maioria das vezes, a violência e agressão (Recuero, 2009).

Nesse sentido, entra o papel fundamental da escola de formar o jovem para a para a cidadania, como um ser ético e responsável, o que inclui inegavelmente a formação para a cultura digital, pois esse estado de sentir-se livre para se comunicar

nos ambientes virtuais pode ser uma oportunidade para praticar ações de violência ou crimes cibernéticos. Já presenciamos vários casos de repercussão nacional e mundial que se desencadearam por discursos de ódio propagados nas redes sociais. Em nossa entrevista, tivemos a oportunidade de ouvir os estudantes manifestando essa preocupação.

E1 - As redes tornaram nossas interações mais superficiais e, em alguns casos, agressivas, isso porque as pessoas sentem a liberdade de falarem o que querem e da forma que querem.

E9 - As redes sociais permitem uma comunicação boa. Mas quando você usa de uma maneira errônea, com segundas intenções ou tentando denegrir as pessoas, pode trazer prejuízos.

Mesmo com essas questões, nossos alunos se sentem muito atraídos pelas redes sociais e suas possibilidades de comunicação/interação. Dentre essas formas comunicativas, estão os memes, nosso objeto de estudo, sobre os quais demos especial atenção, procurando entender de que maneira os sujeitos se relacionam com esse tipo de texto nas redes.

6.6 ESTUDANTES, PROFESSORES E MEMES

Uma vez conhecida a relação dos professores e dos estudantes com as tecnologias digitais e as redes sociais, estreitamos nosso foco para os memes.

Todos os entrevistados declararam que encontram memes sempre que acessam as redes sociais, independente de irem em busca deles ou não. Unanimemente caracterizados como engraçados, os memes são vistos como um tipo de criação divertida, normalmente irônica e muito criativa.

E6 - Eu vejo os memes como uma forma criativa e engraçada de expressar ideias e opiniões.

Temos aqui questões importantes a considerar. A fala transcrita acima sintetiza todas as que surgiram sobre meme na roda de conversa ou na entrevista, que é reduzi-lo basicamente a um produto de entretenimento, considerando seu humor, independente dos temas abordados. Além disso, sempre apresentado como um elemento consumido, mas raramente produzido, caracterizam o meme como um tipo de postagem de que gostam, reagem e “acham legal”. Ou seja, uma das formas mais expressivas de demonstrar opiniões, pontos de vista, e até mesmo serem utilizados como formas de subversão a certos discursos, são normalmente tratados de forma ainda muito superficial.

E10 - Normalmente reproduzo muito mais que produzo.

Os estudantes estão em contato constante e intenso com memes nas redes sociais, mas sua interação com esse tipo de comunicação tem sido em sua maioria de receptor que reage com curtida, comentário ou compartilhamento, sem se sentirem convidados a serem produtores dessa forma comunicativa, não apenas como criação, mas sobretudo em alguns casos como meio de expressão cidadã. Entendemos a partir dessa situação que um gênero tão peculiar dos atos comunicativos em rede tem ficado restrito a esses ambientes, alimentando a barreira entre a escola e seu tempo, entre o mundo presencial e virtual.

Ao longo das entrevistas ou da roda de conversa, a depender por onde o diálogo caminhava, era-lhes apresentado o meme *Que tistreza!*⁶⁹, escolhido por se tratar de uma reação imediata dos internautas diante de um fato ocorrido em um dos debates televisivos ocorridos em 2022 à época das eleições no Brasil. Apenas quatro dos estudantes já tinham visto aquele meme e apenas um declarou saber que meme era aquele, porém sem muitos detalhes, pois disse não se lembrar mais do contexto a que o meme se referia.

É fato que o meme é de consumo imediato (Beiguelman, 2021), sem ter compromisso com a longevidade, embora alguns alcancem essa característica (Recuero, 2007), no entanto, quando produzidos a partir de um fato de abrangência territorial maior, como as últimas eleições em nosso país, os memes tendem a ficar na memória pela potência da mensagem que ele carrega.

Os jovens entrevistados têm idade para serem eleitores, logo discussões como democracia, poder do voto, entre tantos outros assuntos subjacentes precisam permear discussões em uma escola que visa à formação integral de seus aprendentes. O que está em voga não é a discussão do meme em si ou da situação em si que o motivou, mas todo o contexto político, ideológico e social de sua produção. Enquanto essas questões estão alheias à maioria de nossos jovens, há grupos com interesses políticos que se utilizam desse cenário, das redes sociais e a forma comunicativa dos memes para propagar suas ideologias e seus projetos, disseminar

⁶⁹ O meme *Que tistreza!* surgiu a partir da fala do então candidato à presidência da república nas eleições de 2022, Felipe D'Ávila, durante um debate na TV aberta.

desinformação, fomentar discursos falsos, em uma espécie de novo colonialismo (Beiguelman, 2021; Silveira, 2021).

Outra questão importante a se considerar é sobre as redes sociais. Elas são, como já dissemos em outras seções, o meio que fertilizou a produção de memes, dada a rapidez e a facilidade da disseminação, levando a uma abrangência sem limites. Segundo Ollivier (2008, p. 127-128), os meios de comunicação de massa devem ser considerados “como fenômenos culturais e sociais, uma vez que participam da criação de identidades e do sentido na vida cotidiana”, que é exatamente o que estamos presenciando e vivenciando com as redes sociais, que passaram a ser uma das marcas típicas da contemporaneidade. No entanto, o distanciamento entre os espaços escolares e os gêneros emergentes dessas redes se mantém, sem apresentar ares de diluição.

Um outro ponto de destaque é que humor e ironia são elementos abstratos, resultantes da interpretação de um texto, seja ele de qualquer gênero. Marcuschi (2008, p. 150) comenta que “cada gênero textual tem um propósito bastante claro que o determina”, portanto um meme já é criado com a intenção da diversão por meio dessas características (humor e ironia), porém interpretar é um ato individual que se constitui da visão de mundo que se tem.

A interpretação depende, assim, do que escreveu o autor, do que leu o leitor e das convenções que regulam a leitura em uma determinada sociedade. Interpretar é dialogar com o texto tendo como limite o contexto. Esse contexto é de mão dupla: tanto é aquele dado pelo texto quanto o dado pelo leitor; um e outro precisam convergir para que a leitura adquira sentido. Essa convergência dá-se pelas referências à cultura na qual se localizam o autor e o leitor, assim como por força das restrições que a comunidade do leitor impõe ao ato de ler. O contexto é, pois, simultaneamente aquilo que está no texto, que vem com ele, e aquilo que uma comunidade de leitores julga como próprio da leitura (Cosson, 2014, p.41).

De acordo com Paulo Freire (1989), a leitura da palavra é precedida pela leitura de mundo. Os dados estatísticos, ainda que não considerem as diversas variáveis socioculturais dos estudantes em geral, apresentam números alarmantes sobre interpretação textual, portanto é preciso estimular nossos estudantes a serem leitores vorazes em seu cotidiano, mas se apropriando de todo o sentido que leitura tem, dos mais variados tipos de textos. Essas habilidades conduzem à criticidade, à autonomia, dentre tantas outras questões.

E9 - Na maioria das vezes os memes requerem um entendimento base sobre aquele assunto ou situação, às vezes eu tenho esse entendimento, às vezes não.

E15 - Muitas vezes não entendo um meme porque depende de outros memes ou acontecimentos.

O mundo vive o momento da cibercultura e dela fazem parte os memes, que ao serem melhor investigados permitem, por meio de seus sentidos, a compreensão do momento em que vivemos. Torna-se, portanto, imperativo que a escola, em suas práticas educativas, crie ambiências que oportunizem vivenciar a cibercultura como forma de ensinar e aprender de maneiras diferentes e em espaços-tempos diversos.

Os jovens estudantes declararam, por meio da nossa pesquisa, que veem os memes como meio de demonstrar uma opinião e como forma de aprender/ensinar algo, indicativo importante para que possamos explorar toda a potencialidade que esse tipo de texto tem diante desses sujeitos. As características dos memes trazidas pelos educandos ao longo de nossa conversa investigativa apontaram para práticas típicas da cibercultura e da experiência em rede, que são a coletividade e a remixagem.

E4 - A gente consegue passar para o outro o que a gente está pensando, mesmo que a gente não consiga falar por palavras.

E7 - Sabe o que eu acho interessante no meme? É que às vezes uma única imagem serve para dizer várias coisas.

E8 - O que eu acho legal é que uma cena ou um personagem de um filme... uma série... vira meme pra falar de coisas que não tem nada a ver com o contexto de onde ele veio, e mesmo assim faz muito sentido.

E2 - Tem meme que é bem maneiro, porque ensina coisa até de escola, mas de maneira bem mais divertida. E tem que tá ligado pra entender!

Embora a escola se apresente com seus modelos tradicionais, como se sempre estivesse em um tempo anterior ao atual, independente de sua “vontade” ela é atravessada pelas mudanças advindas pela cibercultura, uma vez que a maneira como os sujeitos produzem e compartilham informações é significativamente alterada.

No entanto, ao mesmo tempo em que sofre essas influências, pode também influir nos tempos e espaços, à medida que for abrindo-se para a ressignificação das concepções mecanicistas sobre o pensamento, o conhecimento e a comunicação que impregnam o sistema educacional e todas as outras instituições sociais e políticas (Bonilla, 2005, p. 64).

Práticas colaborativas e autorais são características peculiares da conexão em rede, que devem estar presentes e incentivadas nos ambientes escolares. Em nossa pesquisa, os professores demonstraram estar abertos a essa prática, ainda que com suas limitações técnicas para lidar com as tecnologias digitais e metodologias tradicionais de ensino, indicadores de que é necessário oportunizar espaços para que

essas dinâmicas com os recursos tecnológicos digitais sejam experimentadas, além de amplamente discutidas.

Prof. NC3 - *Acho o meme um discurso em potencial que pode se desdobrar em textos mais abrangentes. Sendo assim, é possível utilizá-los em minhas disciplinas.*

Prof. NP4 - *Acho que com o meme dá para trabalhar em várias frentes, né?*

Prof. NC 5 - *Pensando aqui... seria bom para fixar mensagens e construir conhecimentos, seja desmistificando os ruins, os “desinformadores”, levando os alunos à contra argumentação, que passa pelo estudo e elaboração do conhecimento, previamente. Gostei disso!*

Diante de todas as questões aqui investigadas e analisadas, entendemos que

Não basta apenas melhorar o que está posto, é necessário que ocorra uma transformação profunda, que incorpore as novas formas de ser, de pensar e de agir que estão emergindo na contemporaneidade, principalmente com a presença das tecnologias da informação e da comunicação, tanto na vida de fora como de dentro da escola (Bonilla, 2005, p. 73).

Por isso acreditamos que os memes são elementos ricos em diversos sentidos, visto que “situá-los no contexto cultural e educativo exige um olhar crítico permanente, aprofundado e implicado a acompanhar o que vem sendo discutido e compartilhado pelos usuários das redes sociais digitais” (Oliveira; Porto; Alves, 2019, p. 6). Essas redes que,

com sua miríade de singularidades e processos de subjetivação, podem romper com a lógica da mera reprodução através da informação e da comunicação, através de uma formação e da educação (para as mídias e pelas mídias), que neutralize as tecnologias de controle, de conformação, de adestramento, de comportamento de manada, que essas mesmas tecnologias produzem (Bentes, 2022, p. 27).

Precisamos pensar sempre em uma educação cidadã e emancipadora. Os memes, com suas subjetividades e maneiras de composição, desafiam os padrões de produção cultural, sendo eles forças que ultrapassam as barreiras do individual e do coletivo, do autoral e público. Nesse sentido, são eles elementos potenciais para se pensar em diversas estratégias de ensino em uma escola em tempos de cibercultura, em especial uma escola como o Ifes Santa Teresa, localizada, como dito, em zona rural. Uma vez que barreiras de espaços são dirimidas com as tecnologias digitais, não se deve mais associar o digital às zonas urbanas, segregando os ambientes interioranos e seu público estudantil dessa realidade contemporânea.

7 PROPOSTA INTERVENTIVA

A proposta de intervenção aqui projetada tem como cerne a escola e as tecnologias digitais, trazendo o meme como meio potencializador para desenvolver uma educação inserida em uma sociedade em constante e acelerada reestruturação e ressignificação provocadas pelo digital.

Temos como contexto de nossa pesquisa e consequente ambiente para a proposição o Ifes Santa Teresa, um campus localizado em zona rural, à mercê de serviço único de oferta de internet, com o público discente de camadas sociais diversas, porém com predominância a grupos mais vulneráveis economicamente. Ressalta-se, porém, que a proposta de intervenção aqui trazida pode ser aplicada em qualquer contexto escolar, pois o que se objetiva é um fazer pedagógico que esteja alinhado ao momento contemporâneo, uma educação em que escola e comunidade sejam uníssonas.

Considerando que o Ifes é uma instituição de ensino renomada, que tem como missão “promover educação pública de excelência” (Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI - 2019/2024), sua concepção e responsabilidade é a formação integral de seus sujeitos aprendentes, auxiliando-os a serem cada vez mais reflexivos e atuantes nos mais diversos meios que frequentam. Nesse sentido, é preciso “romper os muros das escolas, físicos e simbólicos, para ultrapassar as paredes da sala de aula, aproximando o mundo de dentro da escola do contexto social mais amplo” (Bonilla; Pretto, 2015, p. 516), isto é, entendemos que o processo formativo desses sujeitos deva acontecer de forma a estar em comunhão com a sociedade, com todas as suas mudanças e desafios.

O contato investigativo que tivemos com professores e alunos do Ifes Santa Teresa ratificou nossas percepções sobre a relação desses sujeitos com as redes sociais, mostrando que o acesso é constante. Nossa investigação também revelou que, apesar de esses sujeitos estarem sempre em contato com os memes ao acessarem as redes, não há interação para além de curtida, comentário e compartilhamento. Embora vistos como um gênero discursivo simpático e atraente a todos, os memes têm sido reduzidos a postagens criativas, tornando-se meras formas de entretenimento, ainda que importantes nesse sentido. Levando todas essas questões em consideração e aliando à pesquisa teórica sobre esse gênero

desenvolvida ao longo deste trabalho, pontuamos de forma veemente que o gênero meme não tem sido percebido com toda a sua capacidade e suas dimensões reverberantes, o que justifica e potencializa o projeto aqui trazido.

A proposta interventiva que trazemos consiste na execução de uma **Oficina Memética**, intitulada ***Os fins justificam os memes***. A Oficina será desenvolvida em sete encontros, nos quais os assuntos teóricos relativos aos memes serão tratados de forma gradativa, formando uma espécie de circuito, em que os participantes terão oportunidade de interagir, criar e remixar memes, exercendo a criatividade e a colaboração, envolvendo esse gênero com formas artísticas de expressão. Importante ressaltar que, da maneira como a Oficina será organizada, é possível que ela aconteça diversas vezes, repetindo o circuito ou elaborando outros, bem como permite que qualquer pessoa que queira participar inicie em qualquer das etapas.

Sendo uma das maneiras comunicativas mais disseminadas nos ambientes virtuais, um fenômeno de comunicação relacionado a uma miríade de assuntos e temas, os memes são representatividades de interagentes em rede, expressando de forma síncrona a singularidade e a conectividade de cada pessoa. Em outras palavras, os memes têm a capacidade de estabelecer vínculos entre pessoas, criando a percepção de comunidade, o que lhe confere relevante valor cultural na contemporaneidade. Dessa forma, os encontros serão organizados em espaços variados dentro do próprio campus, criando ambiências onde os participantes possam se sentir integrados e integrantes do processo, tendo conceito de expressão de subjetividade individual ao mesmo tempo que coletiva, dadas as identificações com os temas que vão surgindo ao longo dos encontros.

Criados a partir de recursos diversos, os memes são ricos em opiniões, pensamentos e ideologias, traduzindo e ressignificando os mais variados contextos sociais, cuja disseminação ocorre dantesca e rapidamente. Nesse sentido, os encontros da Oficina foram elaborados a partir do “fazer”, como o conceito que o vocábulo “oficina” encerra. Assim, os participantes da Oficina Memética serão, paralela e sincronicamente, “aprendentes” e “agentes” ao longo do percurso, cujas ações acontecerão ora individual, ora coletivamente, mas sempre de maneira colaborativa, ideias essas que são típicas da vivência em rede.

Ao final do circuito, os participantes escolherão um tema para a instalação de um espaço instagramável, porém queremos que seja um local permanente no Ifes

Santa Teresa. Dessa forma, é possível criar uma ambiência para que alunos, professores, servidores e visitantes possam interagir de formas diversificadas. Temas variados ao longo do ano letivo, com os quais se queira estimular a interação das pessoas, em especial os estudantes, devem fazer com que o local seja periodicamente modificado em sua decoração. Pode-se levar em consideração datas comemorativas, eventos promovidos na escola e/ou assuntos emergentes e de interesse educativo, afinal o meme pode ser criado a partir de qualquer contexto, conforme mencionado. Decorado de maneira atrativa, com objetos e adereços alusivos ao tema proposto, com material disponível para escrever, no espaço instagramável as pessoas interagem, criam seus próprios memes vivos e ao vivo, expressando suas culturas, seus pensamentos, suas ideias, suas opiniões. Para estar em rede virtual, deve-se sugerir e incentivar os registros nas redes sociais por meio de fotos, usando hashtags criadas para o momento, estabelecendo, assim, as conexões tão peculiares à sociedade contemporânea e em rede, da qual nos fala Castells (1999).

Nossa proposta interventiva da Oficina Memética foi idealizada no sentido de não se encerrar em si mesma, mas sim ser um *start* para discussões sobre a educação na cultura digital no Ifes Santa Teresa, sob os mais diversos aspectos e as mais diversas nuances que esse tema abarca e suscita. Acreditamos que possam ser esses os passos iniciais para transformações mais contundentes no currículo escolar do campus, conduzindo os Projetos Pedagógicos dos Cursos Técnicos Integrados (PPC). As tecnologias digitais não podem ser instrumentalizadas nem buscadas em momentos pontuais. Nossa proposta de trazer os memes para essa interatividade no ambiente escolar é buscar meios para que a visão sobre esse gênero como manifestação linguística e comunicativa se amplie, fomentando pautas de debates em torno da educação aliada às tecnologias digitais, para que se compreenda e construa a cultura digital em nosso Campus.

Sugerimos, ainda, que, uma vez instituído o ambiente instagramável, seja criada uma conta nas redes sociais mais utilizadas pelos estudantes e professores, a fim de servir como repositório das fotos tiradas e dos memes criados nesse ambiente, compartilhando, assim, as experiências e vivências ativas. Ampliando o estar em rede, outras ideias e contribuições tendem a surgir, intensificando e dinamizando a construção da cultura digital no campus e em outros espaços escolares, sempre

entrelaçada à proposta de uma educação que visa à formação integral de nossos educandos, como partícipes cada vez mais engajados nesse processo.

Morin (2003, p. 21) comenta que a primeira finalidade do ensino, formulada por Montaigne⁷⁰, dizia ter mais valia uma cabeça bem-feita que uma cabeça bem cheia.

O significado de “uma cabeça bem cheia” é óbvio: é uma cabeça onde o saber é acumulado, empilhado, e não dispõe de um princípio de seleção e organização que lhe dê sentido. “Uma cabeça bem-feita” significa que, em vez de acumular o saber, é mais importante dispor ao mesmo tempo de: uma aptidão geral para colocar e tratar os problemas; princípios organizadores que permitam ligar os saberes e lhes dar sentido.

Uma vez desenvolvidas as aptidões gerais da mente, desenvolvem-se as competências especializadas, o que significa que, quanto mais desenvolvida a inteligência geral, maior a capacidade para resolver problemas especiais (Morin, 2003), além de ampliar nossa visão sobre a realidade que nos cerca. Dessa forma, a educação tem papel fundamental, visto que a ela cabe

favorecer a aptidão natural da mente para colocar e resolver os problemas e, correlativamente, estimular o pleno emprego da inteligência geral. [...] Trata-se, desde cedo, de encorajar, de instigar a aptidão interrogativa e orientá-la para os problemas fundamentais de nossa própria condição e de nossa época (Morin, 2003, p. 22).

“Nossa época” tem sido marcada por transformações céleres, provocadas em boa parte pelas tecnologias digitais, no entanto sabemos que há disparidade entre as tecnologias digitais e o trabalho docente. Os fatores para tal situação são diversos, dentre os quais destacamos as poucas e frágeis políticas públicas voltadas à educação em nosso país e a falta de investimento nos aparatos tecnológicos nas escolas, levando a condições precárias de trabalho de acordo com as necessidades contemporâneas. Enquanto a celeridade marca as transformações sociais, a lentidão nas políticas educacionais perpetua-se, resultando em uma escola cada vez mais apartada de seu tempo, que “não consegue abranger toda a complexidade do mundo atual” (Bonilla, 2005, p. 73). E essas questões vão ficando adormecidas nas pautas de discussões coletivas em nosso *locus*, alimentando, assim, a morosidade das transformações tão necessárias e urgentes.

⁷⁰ Michel de Montaigne, filósofo, escritor e humanista francês, viveu no século XIV. Influenciado por diversas correntes filosóficas, foi revolucionário no tema da educação. Para ele, o ensino deveria estar atrelado ao empirismo, criticando, assim, o sistema de memorização e o uso de livros, que, segundo ele, afastaria os alunos do conhecimento. De acordo com Montaigne, sob a cultura livresca os estudantes não aprenderiam de forma e não adquiririam prática para solucionar diversos assuntos de suma importância.

É fato que diferentes políticas de incentivo ao consumo permitiram grande inclusão tecnológica do ponto de vista material dos anos 90 para cá (Beiguelman, 2021), que se limitou ao uso para fins pessoais. Esse incentivo, porém, em especial no Brasil, “não foi acompanhado de políticas educacionais e culturais voltadas ao uso dessas tecnologias. O resultado é um uso pouco criativo, concentrado em comunicação e download, via uso das redes sociais e do WhatsApp” (Beiguelman, 2021, p. 94). A questão central, então, não é tanto mais “como dar acesso à interatividade e à tecnologia em si, mas como potencializar o uso crítico e criativo da tecnologia” (Beiguelman, 2021, p. 94), o que nós entendemos como formação cidadã. Justamente por isso precisamos, como professores, ir buscando estratégias que tragam as tecnologias digitais para nossa prática pedagógica em sentido mais abrangente, de uso e exploração dos sentidos, afinal criticidade só se desenvolve a partir do conhecimento amplo das questões.

Diante desse cenário, torna-se necessário que a escola, comprometida com a formação integral de seu educando, crie estratégias a fim de que esses jovens estudantes desenvolvam competências e habilidades necessárias diante do digital, entendendo-se como partícipe ético, consciente e cidadão nos mais variados ambientes, seja no presencial e no virtual. Sendo assim, acreditamos que nossa proposta da Oficina Memética seja uma potente estratégia para que a visão sobre a educação aliada ao digital se amplie e passe a integrar o fazer pedagógico de forma natural. Reiteramos, porém, que não se trata apenas de uso de tecnologias digitais e, sim, de todo o pensamento crítico, ético e cidadão em torno do digital em nosso meio.

Entendendo que cultura é algo que vai se constituindo paulatinamente, assim também o é com a cultura digital, que propomos ser incentivada por meio da Oficina Memética. Dessa forma, ações que vão sendo implementadas, discussões que vão sendo desenvolvidas possibilitam termos uma escola cada vez menos apartada da sociedade que se desenvolve de fora de seus muros. Na perspectiva de Rojo e Barbosa (2015, p. 135),

[...] para que a escola possa qualificar a participação dos alunos nas práticas da web, na perspectiva da responsabilização, deve propiciar experiências significativas com produções de diferentes culturas e com práticas, procedimentos e gêneros que circulam em ambientes digitais: refletir sobre participações, avaliar a sustentação das opiniões, a pertinência e adequação de comentários, a imagem que se passa, a confiabilidade das fontes, apurar os critérios de curadoria e de seleção de textos/produções, refinar os processos de produção e recepção de textos semióticos.

O que está posto pelas autoras indica a apropriação de habilidades e competências para se colocar nesse mundo de cibercultura, que podemos chamar também de letramento digital. Na atualidade, o letramento por si só já não abarca toda a necessidade de estar nesta sociedade em que o presencial e o virtual se mesclam, formando um borramento em que praticamente não se distingue o que é um e o que é outro (Santaella, 2013). Letramento digital, por sua vez, não se trata apenas do acréscimo de um adjetivo ao que se entende de letramento, mas sim de um conjunto de elementos que compõem as habilidades de letramento diante do digital (Sabillón; Bonilla, 2006). Ter domínio técnico e operacional de um aparelho digital ou escrever em tela já não são suficientes, haja vista a miríade de equipamentos digitais que existem, apontando para a infinidade de outras possibilidades, que exigem formas variadas de leitura e de interação.

O letramento digital é uma série de habilidades que o indivíduo possui, com as quais é capaz de identificar, analisar criticamente, criar e compartilhar informações on-line e off-line, mantendo as normas de segurança e os direitos autorais. Também identifica e utiliza diferentes softwares e aplicativos para diferentes tarefas; entende o que multiletramento. Identifica o hardware, os protocolos e os diferentes dispositivos digitais que existem na sociedade, trazendo essas habilidades para suas práticas sociais, que são determinadas pelas necessidades geradas pelo meio em que o indivíduo se desenvolve. É, portanto, mais do que ler e escrever na tela! (Sabillón; Bonilla, 2006, p. 9 - *tradução nossa*)

Todas essas questões apontadas por Sabillón e Bonilla (2006) são necessidades do tempo contemporâneo, do nosso tempo, que cada vez mais exigirá habilidades nesse sentido. Fomentar estratégias para desenvolver essas habilidades se torna imprescindível nos processos formativos escolares.

Acrescenta-se a todas essas questões o fato de que vivemos um tempo que, para além da exposição exacerbada, a vigilância é uma constante (Beiguelman, 2021). Vivemos, assim, em uma espécie de colonialismo que vai se impondo por meio dos dados (Silveira, 2021), que nós mesmos colocamos nas redes, alimentando-os, e essas questões precisam de ser debatidas e refletidas, para não se colocar em risco toda a construção de cidadania e de democracia feita ao longo do tempo à base de lutas sociais.

É preciso que vivamos plenamente a sociedade digital, que a escola seja o espelhamento da sociedade em seu tempo, pois temos uma tarefa de suma importância, que é a formação de uma geração que já nasceu imersa no tempo digital, mas que ainda não está devidamente preparada para essa realidade, em especial se

for das classes de maior vulnerabilidade social. A educação que almeja a formação integral de seus educandos não deve considerar as tecnologias apenas para uma área específica de formação, bem como não pode deixar de oferecer oportunidades para que todos tenham igualdade de se pôr neste mundo, mesmo com todas as disparidades econômicas e culturais de todo tipo.

Entendemos, portanto, que estimular a criação de memes nesse contexto de cibercultura tem forte potencial para colocar o sujeito aprendente diante de situações da sua vida cotidiana, visto que esse gênero discursivo abre espaços diversos para o educar na contemporaneidade, dada sua possibilidade de desenvolver leitura crítica, além de aumentar o repertório e o protagonismo de nossos educandos. Os elementos constitutivos do meme precisam produzir efeito de sentido de maneira específica para quem o produz, mas também mais ampla para quem o recebe, de modo que compreenda as interfaces e diferentes linguagens que permeiam seu cotidiano. Nessa interlocução, é preciso ter consciência do que é estar no mundo em contexto digital, entendendo que a ética e o respeito devem estar presentes, garantindo os direitos humanos. As atividades propostas em nossa intervenção - Oficina Memética - são meios para darem suporte para o emprego e a análise dos recursos semióticos que compõem o meme, oportunizando ambientes de debates desses temas que nos são tão caros na escola e na sociedade em geral.

Bakhtin (1997, p. 304) pontua que

É de acordo com nosso domínio dos gêneros que usamos com desembaraço, que descobrimos mais depressa e melhor nossa individualidade neles (quando isso nos é possível e útil), que refletimos, com maior agilidade, a situação irreproduzível da comunicação verbal, que realizamos, com o máximo de perfeição, o intuito discursivo que livremente concebemos.

Acreditamos na potencialidade da Oficina Memética como forma de propiciar educação conjugada à contemporaneidade, marcada pelo digital. As redes sociais têm sido a forma comunicativa peculiar entre os adolescentes e os jovens, onde se proliferam os memes, criados a partir das mais diversas situações, sob os mais variados recursos. Seguindo a ótica bakhtiniana, dominar os gêneros mais utilizados é construir-se a si mesmo, sendo capaz de empregar as mais variadas linguagens como forma de se entender e de se colocar no mundo, portanto apropriar-se do gênero meme, como criador e recriador por meio do remix, é ir ao encontro dessa teoria. A interação no ambiente instagramável e a socialização por meio de uma conta nas redes sociais trazem consigo essa proposta.

Os memes traduzem algumas das características mais marcantes da cibercultura, que são a coletividade, a colaboração, o compartilhamento e a velocidade. Nesse sentido, criar ambiências que estimulem essas experiências é instaurar “processos de aprendizagem baseados na troca, na interação dinâmica e colaborativa, no compartilhamento de ideias e saberes” (Bonilla; Pretto, 2015, p. 512), para que os sujeitos exercitem a capacidade “de desvendar desafios e realidades, de questionar o que se sabe para refazer o saber, de criar horizontes próprios da informação” (Demo, 2013, p. 224).

O cotidiano escolar precisa ser “espaço de produção, de transformação e de mobilização de saberes” (Tardif, 2014, p. 237). Essa perspectiva inclui promover atividades que objetivam o desenvolvimento cognitivo reflexivo, o trabalho em equipe entre discentes, mas também de docentes entre si, e discutir questões importantes acerca das tecnologias digitais, apontadas e desenvolvidas ao longo desta nossa pesquisa. Propomos, portanto, que esse contexto seja iniciado a partir dos memes.

Acreditamos que outras ideias de como explorar esse gênero possam surgir, bem como incentivará os sujeitos envolvidos diretamente no processo de ensino e aprendizagem a discutirem e buscarem formas de cada vez mais desenvolverem atividades integradas, colaborativas, explorando as potencialidades das tecnologias digitais, assim ir sendo construída a cultura digital no Ifes Santa Teresa. Dessa maneira, para uma escola inserida em ambiente rural como o Ifes Santa Teresa, teremos oportunidade de oferecer uma educação que transforma não só para nossos sujeitos aprendentes, como podemos ter a oportunidade de aproximar cada vez mais a escola e a comunidade de seu entorno, incentivando o protagonismo de forma diversa e inclusiva a todos.

Para que nossa proposta de Oficina Memética tenha essa consistência, projeção e pretensão de novas ações sólidas e profícuas, temos como sugestão que ela seja apresentada como Atividade de Extensão. Entendemos que dessa forma poderemos ter um coletivo de estudantes, professores e demais servidores do campus, bem como trazer para nosso ambiente escolar pessoas da comunidade externa que possam tanto adquirir conhecimento sobre os temas tratados como trazer seus saberes e habilidades para incrementar e/ou oportunizar novas ideias. Ressalta-se que há escolas públicas em comunidades no entorno do campus com as quais poderíamos formar fortes parcerias educativas para além das que timidamente já

acontecem. Ainda, por ter a possibilidade de ser uma Atividade de Extensão do Ifes Santa Teresa, poderemos pensar em propostas mais ousadas futuramente, como parcerias com outras instituições e/ou empresas, envolvendo até mesmo aspectos financeiros para instalações de ambientes interativos, atendendo à comunidade educativa do Ifes e às demais escolas vizinhas.

Pretto (2017, p. 51) comenta que

cultura e educação precisam estar articuladas de forma muito intensa [...]. Essas articulações precisam compreender a educação, a cultura, a ciência, a tecnologia, o digital, entre tantos outros campos e áreas, enquanto elementos históricos e que, como parte desses processos históricos, ora facilitam os processos, ora criam novos obstáculos [...].

Sabemos como são desafiadoras as ações que se propõem a tirar as pessoas de seus lugares-comuns, contudo reiteramos, mais uma vez, que pensar em uma escola contemporânea e para o contemporâneo requer trazer as tecnologias digitais como aliada nesse processo para muito além de sua utilização instrumental, uma vez que o que se busca é uma educação inclusiva, emancipadora, ética e cidadã de nossos sujeitos aprendentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta *pesquisaintervenção* se pautou em três eixos principais, sendo estes as tecnologias digitais, a sociedade e a escola. Em disparidade, vemos como as tecnologias estão presentes na escola e na sociedade. Enquanto nesta há transformações céleres provocadas pelo digital, naquela a morosidade nas mudanças se perpetua, por fatores diversos, dentre os quais as poucas e fracas políticas públicas voltadas ao ensino, colocando a escola cada vez mais em situação de precariedade diante de seu tempo.

Nesse contexto de fragilidade frente às tecnologias digitais está o Ifes Santa Teresa, um campus localizado em zona rural de cidade interiorana do Espírito Santo, atendendo a um público estudantil predominantemente vindo de zonas rurais ou interioranas do entorno ou de zonas periféricas da Grande Vitória. Sendo escola pública, busca oferecer uma educação gratuita e de qualidade, ainda que frente às dificuldades advindas de cortes de verbas públicas nos últimos anos, como melhorias na infraestrutura. Acrescenta-se a isso, dada a sua localização, o serviço precário de internet que é oferecido, sendo o único da região e de baixa qualidade.

Entendendo que à escola cabe a formação integral de seus sujeitos, o que corresponde a colocar esse indivíduo como cidadão ético diante de seu tempo, e que esse espaço escolar, em especial o Ifes Santa Teresa, está aquém ao que o contemporâneo tem exigido, como praticamente é a realidade de todas as escolas em nosso país, fomos em busca de alternativas que auxiliassem nesse processo formativo integral de nossos estudantes.

Aliando as necessidades educacionais formativas, algumas das fragilidades do Ifes Santa Teresa e sendo professora de Língua Portuguesa e Literatura, nossa *pesquisaintervenção* teve como base os memes, por serem uma das formas comunicativas mais disseminadas nos ambientes digitais e que integra um dos gêneros textuais emergentes das tecnologias digitais.

A partir da investigação feita com professores, do núcleo comum e dos núcleos profissionalizantes, e com os estudantes, tivemos elementos que nos deram suporte para construirmos nossa proposta de intervenção com os memes e acreditarmos que ela possa trazer contribuições consistentes para as questões que envolvem a construção da cultura digital na escola. Os memes são potenciais formas comunicativas e de exposição de ideias e pensamentos que circulam nos ambientes

digitais, traduzindo os acontecimentos da sociedade e os comportamentos humanos. Nesse sentido, mundo físico e virtual se mesclam cada vez mais, portanto os processos educativos precisam considerar as questões éticas e cidadãs em todos os sentidos e em todos os espaços, somente assim teremos uma educação formativa e emancipatória para nossos jovens.

Enfatizamos que nossa proposta não tem intenção de se encerrar em si mesma, assim como não pretendemos que os memes sejam um fim em si mesmo, mas, sim, que avertam diversas outras possibilidades de um fazer escolar coletivo, que suscitem discussões acerca das tecnologias digitais como potencializadoras de uma educação significativa. Enfim, que seja um *start* para que possamos pensar em estratégias de ensino e formas de conceber os currículos mais alinhados ao contemporâneo, buscando desenvolver uma educação ética, emancipatória e cidadã em prol de uma sociedade mais inclusiva, igualitária e justa.

REFERÊNCIAS

Agência Câmara de Notícias. Disponível em:

<https://www.camara.leg.br/noticias/673694-projeto-do-senado-de-combate-a-noticias-falsas-chega-a-camara/> Acesso em: 28 maio 2022.

ALMEIDA, Verônica Domingues; SÁ, Maria Roseli Gomes Brito. Tessituras curriculares inovantes de um mestrado profissional em educação. **Revistas e Currículo**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 938-960, abr./jun. 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/download/49448/35613/164674>. Acesso em: 04 set. 2022.

ALVES, Marco Antônio Sousa; MACIEL, Emanuella Ribeiro Halfeld. O fenômeno das fake news: definição, combate e contexto. **Internet e sociedade**, n. 1., v. 1., jan. 2020. p. 144-171. Disponível em: <https://revista.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2020/02/o-fenomeno-das-fake-news-definicao-combate-e-contexto.pdf>. Acesso em: 08 set. 2022.

BAGNO, Marcos. **Língua, Linguagem, Linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. *In: Estética da criação verbal*. Tradução: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, p. 277-326, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Tradução Lucie Didio. Brasília: Plano Editora, Série Pesquisa, v. 3, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da imagem: Vigilância e resistência da dadosfera**. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

BENTES, Ivana. Memética e Educação: uma conversa infinita. *In: OLIVEIRA, Kaio Eduardo; PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa (orgs.). Memes e Educação na Cibercultura*. Ilhéus: Editus, p. 14-26, 2022.

BLACKMORE, Susan. **The power memes**. *Scientific American*, v. 283, n. 4, p. 52-61, 2000. Disponível em: <https://www.susanblackmore.uk/articles/the-power-of-memes/>. Acesso em: 31 jul. 2022.

BNCC – Base Nacional Curricular Comum, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf. Acesso em: 01 ago. 2022.

BOGDAN, Roberto; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação**. Tradução de: Maria João Alvarez; Sara Bahia dos Santos e Telmo Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

BONILLA, Maria Helena Silveira. A práxis pedagógica presente e futura e os conceitos de verdade e realidade frente às crises do conhecimento científico no século XX. *In*: PRETTO, Nelson De Luca (org). **Tecnologia e novas Educações**. Salvador: EDUFBA, p. 64-77, 2005.

BONILLA, Maria Helena Silveira; PICANÇO, Alessandra de Assis. Construindo novas educações. *In*: PRETTO, Nelson De Luca (org). **Tecnologia e novas Educações**. Salvador: EDUFBA, p. 218-235, 2005.

BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson De Luca. **Política educativa e cultura digital**: entre práticas escolares e práticas sociais. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 499 - 521, 2015.

BRUNO, Adriana Rocha. **Meme e educação**. *Periferia*, v. 11, n. 2, p. 344-353, 2019.

CANI, Josiane Brunetti. **Multimodalidade e efeitos de sentido no gênero meme**. *Periferia*, v. 11, n. 2, p. 242-267, 2019.

CASARIN, Helen de Castro Silva; CASARIN, Samuel José. **Pesquisa científica**: da teoria à prática. Curitiba: Intersaberes, 2012.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução: Roneide Venâncio Majer. 6 ed., São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CGI.br - Pesquisa TIC Domicílios 2022. Disponível em: https://www.cgi.br/media/docs/publicacoes/2/20230825143720/tic_domicilios_2022_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 31 maio 2023.

CHAGAS, Viktor. Da memética aos memes de internet: uma revisão da literatura. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**. São Paulo, n. 95, p. 1-22, 2021. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/119/531#info>. Acesso em: 31 jul. 2022.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania Cultural**: o direito à cultura. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021.

CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, vol. 16, p. 221-236, 2003.

CORDEIRO, Salete de Fátima Noro; BONILLA, Maria Helena Silveira. Cotidianos

Escolares e Tecnologias Digitais Móveis: Relações, Tensões e Ressignificações. In: 38ª Reunião Nacional da ANPEd “**Democracia em risco**: a pesquisa e a pós-graduação em contexto de resistência”, 2017, São Luís. Disponível em: http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38anped_2017_GT16_793.pdf. Acesso em: 09 set. 2021.

COSCARELLI, Carla Viana; KERSCH, Dorotea Frank. Pedagogia dos Multiletramentos: alunos conectados? Novas escolas + Novos professores. *In: Multiletramentos e Multimodalidade: Ações pedagógicas aplicadas à linguagem*. Campinas: Pontes, p. 7-14, 2016.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

DAMIANI, Magda Floriana; ROCHEFORT, Renato Siqueira; CASTRO, Rafael Fonseca; DARIZ, Marion Rodrigues; PINHEIRO, Sílvia Siqueira. **Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica**. Cadernos de Educação, n. 45, p. 57-67, 2013.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

DEMO, Pedro. **Desafios modernos da educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

DENZIN, Norman Kent; LINCOLN, Yvonna Sessions. (Orgs). **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S/A, 1987.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia** - Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALEFFI, Dante. O rigor nas pesquisas qualitativas: uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar. *In: MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante; PIMENTEL Álamo (org.)*. **Um rigor outro**: sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa. Salvador: EDUFBA, p. 13-73, 2009. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/s6/pdf/macedo-9788523209278-02.pdf>. Acesso em: 04 set. 2022.

GOMES, Wilson da Silva; DOURADO, Tatiana. Fake news, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 16, n. 2, p. 33-45, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2019v16n2p33>. Acesso em: 29 mar. 2023.

HALLIDAY, Michael. **El lenguaje como semiótica social**: La interpretación social del lenguaje y del significado. México: FCE, 1982.

INTERVOZES. **Direito à comunicação no Brasil**. Disponível em: <https://intervozes.org.br/publicacoes/direito-a-comunicacao-no-brasil-2017/>. Acesso em: 11 set. 2022.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. Tradução Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 24.ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2007.

KERSCH, Dorotea Frank; GUIMARÃES, Ana Maria Mattos. A construção de projetos didáticos de leitura e escrita como resultado de uma proposta de formação continuada cooperativa. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 12, p. 533-556, 2012.

KERSCH, Dorotea Frank; RABELO, Keli Rodrigues. “São atitudes como estas que podem fazer a diferença para uma escola melhor: outros tempos, novos letramentos”. In: CANI, Josiane Brunetti, COSCARELLI, Carla Viana; KERSCH Dorotea Frank (org.). **Multiletramentos e Multimodalidade**: Ações pedagógicas aplicadas à linguagem. Campinas: Pontes, p. 49-77, 2016.

KNOBEL, Michele; LANKSHEAR, Colin. Online memes, affinities, and cultural production. In: **A New Literacies Sampler**. Nova Iorque: Peter Lang, p. 199-228, 2007. Disponível em: https://www.academia.edu/293039/A_New_Literacies_Sampler. Acesso em: 25 ago. 2022.

KRESS, Gunther. **Literacy in the New Media Age**. London: Routledge, 2003.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Multimodal discourse**: the modes and media of contemporary communication. New York: Oxford University Press, 2001.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Debates, 1969.

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus Editora, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34 Ltda., 1999.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A Etnopesquisa crítica e multirreferencial nas Ciências Humanas e na Educação**. Salvador: EDUFBA, 2004.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Pesquisar a experiência**: Compreender/mediar saberes experienciais. Curitiba: CRV, 2015.

MANZINI, Eduardo José. Entrevista semiestruturada: análise de objetivos e de roteiros. **Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos**, v. 2, p. 10, 2004.

MANZINI, Eduardo José. Uso da Entrevista em Dissertações e Teses Produzidas em um Programa de Pós-Graduação em Educação. **Revista Percorso**, Maringá, v. 4, n. 2, p. 149-171, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

MARINO, Gabriele. Qual semiótica da propagabilidade: uma abordagem sistemática de memes e virais de Internet. **Revista Ícone**, Recife, v. 16, n. 1, p. 9-41, 2018.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes**. Petrópolis: Vozes, 2014.

MATTAR, João. **Games em educação: como os nativos digitais aprendem**. São Paulo: Person Preentice Hall, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; GUERRIERO, Iara Coelho Zito. Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, p. 1103-1112, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2014.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Editora Unijuí, 2020.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: Repensar a reforma, Reformar o pensamento**. Tradução: Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil Ltda, 2003.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech - A ascensão dos dados e a morte da política**. Tradução: Claudio Marcondes. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, v. 23, n. 1, p. 95-103, 2014. Disponível em: periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/download/18338/11399. Acesso em: 04 set. 2022.

OLIVEIRA, K. E.; PORTO, C.; ALVES, A. Memes de redes sociais digitais enquanto objetos de aprendizagem na Cibercultura: da viralização à educação. **Acta Scientiarum Education**, v. 41, n. 1, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v41i1.42469>. Acesso em: 04 mar. 2023.

OLLIVIER, Bruno. Medios y mediaciones. In: BARBERO, Jesús Martín. *Comunicación y culturas en América Latina. Revista Anthropos/Huellas del conocimiento*, Barcelona, n. 219, p. 121-131, 2008.

PDI - Plano de Desenvolvimento Institucional do Ifes. Disponível em: <https://ifes.edu.br/documentos-institucionais/5986-pdi-do-ifes>. Acesso em: 24 fev. 2023.

PEREIRA, Antônio. **Pesquisa de Intervenção em Educação**. Salvador: Editora da Universidade do Estado a Bahia - Eduneb, 2019.

PNAD. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Disponível em: <https://www.cgi.br/noticia/releases/uso-da-internet-avanca-em-areas-rurais-durante-a-pandemia-revela-nova-edicao-da-tic-domicilios/>. Acesso em: 15 jul. 2022.

PRETTO, Nelson De Luca; ASSIS, Alessandra. Cultura e Educação: redes já! In: PRETTO, Nelson De Luca; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (org.). **Além das redes de colaboração**: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador: EDUFBA, p. 75-83, 2008.

PRETTO, Nelson De Luca. **Uma escola sem/com futuro**: educação e multimídia. 8.ed. Salvador: Edufba, 2013.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador. In: **Intercom 2003-XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, BH, Anais, 2003.

RECUERO, Raquel da Cunha. Memes em weblogs: proposta de uma taxonomia. **Revista FAMECOS**, n. 32, p. 23-31, abr. 2007.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, Alexandre Alvarenga. O conceito sistêmico de viralização em redes sociais na internet. **Revista Nexi**. São Paulo: PUC-SP, n. 4, p. 18-29, jun. 2018.

ROCHA, Telma Brito. Currículo e Tecnologias: refletindo o fazer pedagógico na era digital. In: PRETTO, Nelson De Luca (org.). **Tecnologia e novas Educações**. Salvador: EDUFBA, p. 132-142, 2005.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SÁ, Maria Roseli G. de. **Pontos sobre Currículo Escolar**. Material didático utilizado para estudos sobre Currículo. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Departamento de Educação I, 2008.

SABILLÓN, Cinthia Margarita; BONILLA, Maria Helena Silveira. Letramento Digital: una nueva perspectiva conceptual. In: **4 Seminário Nacional de Inclusão Digital**: a

liberdade digital de aprender, 2016, Passo Fundo: RS. Seminário Nacional de Inclusão Digital (4.: 2016: Passo Fundo, RS) A liberdade digital de aprender [recurso eletrônico]. Passo Fundo - RS: Ed. Universidade de Passo Fundo, v. 1, 2016. Disponível em: <http://senid.upf.br/2016/images/pdf/151349.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2022.

SANTAELLA, Lucia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 22, p. 23-32, 2003.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. 4.ed. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTAELLA, Lúcia. Desafios da ubiquidade para a educação. **Revista Ensino Superior**, Unicamp, 2013. Disponível em: <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/desafios-da-ubiquidade-para-a-educacao>. Acesso em: 01 mai. 2023.

SANTOS, Edméa. Oliveira dos. Educação on-line: a dinâmica sociotécnica para além da educação a distância. *In*: PRETTO, Nelson De Luca (org.). **Tecnologia e novas Educações**. Salvador: EDUFBA, p. 176-186, 2005.

SEABRA, Teresa. Desigualdades Escolares e Desigualdades Sociais. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 59, p. 75-106, 2009. Disponível em: <https://sociologiapp.iscte-iul.pt/fichaartigo.jsp?pkid=10123>. Acesso em: 08 set. 2022.

SERRES, Michel. **Polegarzinha**. Tradução Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SHIFMAN, Limor. Memes in a Digital World: Reconciling with a Conceptual Troublemaker. **Journal of Computer-Mediated Communication**, n. 18, p. 362–377, 2013.

SHIFMAN, Limor. The Cultural Logic of Photo-Based Meme Genres. **Journal of Visual Culture**. Londres, v. 13, n. 3, p. 340-358, 2014. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/toc/vcu/13/3>. Acesso em: 31 out. 2022.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Colonialismo de dados**. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17 ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TORRES, Ton. O fenômeno dos memes. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 68, n. 6, p. 60-61, 2016. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252016000300018. Acesso em: 14 out. 2022.

TURCHI, Lenita Maria; MORAIS, José Mauro de (org.). **Políticas de apoio à inovação tecnológica no Brasil**. Brasília: Ipea, 2017.

WARSCHAUER, Cecília. **A roda e o registro**: Uma parceria entre professores, alunos e o conhecimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

WIGGINS, Bradley E. **The discursive power of memes in digital culture**: Ideology, semiotics, and intertextuality. Nova Iorque: Routledge, 2019.

APÊNDICE A – PROPOSTA INTERVENTIVA COMO ATIVIDADE E EXTENSÃO

CADASTRO DE EVENTO DE EXTENSÃO

ORIENTAÇÃO NORMATIVA CAEX 01-2020 – INSTITUCIONALIZAÇÃO DE AÇÕES DE EXTENSÃO

I. DADOS CADASTRAIS

Identificação	
Título do Evento:	Oficina Memética <i>Os fins justificam os memes</i>
Dados do Coordenador	Nome: Jussara Silva Campos
	Siape: 1816652
	E-mail: jussarasc@ifes.edu.br
	Cargo: Professora EBTT
	Setor: CGEN
	Campus: Santa Teresa
Período de realização	Início previsto: 04/03/2024
	Término previsto:

II. CARACTERIZAÇÃO

Informações Gerais	
Essa ação possui atividades curriculares de extensão em curso regular do Ifes?	(x) Não () Sim, do(s) curso(s) e campus(i) abaixo: Curso(s) e campus(i): (para cada curso listado, identificar o campus)
A qual ação institucional mais abrangente esta ação está vinculada?	() Programa de extensão em rede () Programa de ensino () Programa de extensão () Programa de pós-graduação () Programa de pesquisa () Outra: _____
	Título:
	Número do processo de cadastramento: (ou outra identificação institucional do registro)

Áreas Temática de Extensão (assinale 1 para área principal e 2 para área secundária)			
(1) Comunicação (1) Cultura	(2) Direitos Humanos e Justiça (1) Educação	(1) Tecnologia e Produção (2) Trabalho	(2) Meio Ambiente (2) Saúde

III. PÚBLICO ALVO E ORGANIZAÇÕES PARTICIPANTES

Público Externo	
Descrição do público externo:	Escolas públicas do entorno do Ifes Santa Teresa
Número total estimado de pessoas do público externo da ação:	30

Organizações Parceiras / Coexecutoras / Apoiadoras / Patrocinadoras (caso seja necessário, inserir mais linhas na tabela)			
Nome da instituição	Sigla	Vai aportar recursos?	Descrição da participação
		() Sim () Não	
		() Sim () Não	

Equipe Executora (número estimado de pessoas)							
Estudantes de curso FIC	Estudantes de curso técnico	Estudantes de graduação	Estudantes de pós-graduação	Servidores docentes	Servidores técnico-administrativos	Colaboradores externos	Total
				1			1

Coordenação Adjunta (colocar mais de uma coordenação adjunta apenas se for programa em rede ou programa multicampi)						
Nome	SIAPE	E-mail	Cargo	Setor	Unidade	

Público Interno (exceto equipe executora)	
Descrição do público interno:	A atividade da Oficina se destina a estudantes e professores dos cursos técnicos integrados do campus principalmente, podendo se estender aos demais servidores do campus.
Número total estimado de pessoas do público interno da ação:	30

IV. DETALHAMENTO DA AÇÃO

Resumo
<p>A atividade de extensão aqui proposta consiste na oferta de Oficina Memética intitulada <i>Os fins justificam os memes</i>, composta por sete encontros, nos quais os assuntos teóricos relativos aos memes serão tratados de forma gradativa, formando uma espécie de circuito. Os encontros serão organizados em espaços variados, dentro do próprio campus, onde serão criadas ambiências para que os participantes possam se sentir integrados e integrantes do processo, tendo um conceito de expressão de subjetividade individual ao mesmo tempo que coletiva, dadas as identificações com os temas que vão surgindo ao longo dos encontros.</p> <p>Criados a partir de recursos diversos, os memes são ricos em opiniões, pensamentos e ideologias, traduzindo e ressignificando os mais variados contextos sociais, cuja disseminação ocorre dantesca e rapidamente. Nesse sentido, os encontros da Oficina foram elaborados a partir do “fazer”, como o conceito que o vocábulo “oficina” encerra. Assim, os participantes são, paralela e sincronicamente, “aprendentes” e “agentes” ao longo do percurso, cujas ações acontecerão ora individual, ora coletivamente, mas sempre de maneira colaborativa, ideias essas que são típicas da vivência em rede.</p> <p>Como registro dessa ação interventiva, propomos que ao final do circuito haja a instalação de um espaço instagramável permanente no Ifes Santa Teresa, cujo objetivo é criar ambiência para que alunos, professores, servidores e visitantes possam interagir. Temas variados ao longo do ano letivo, com os quais queira estimular a</p>

interação das pessoas, em especial os estudantes, devem fazer com que o local seja periodicamente modificado em sua decoração. Pode-se levar em consideração datas comemorativas, eventos promovidos na escola e/ou assuntos emergentes e de interesse educativo. Decorado de maneira atrativa, com objetos e adereços alusivos ao tema proposto, com material disponível para escrever, no espaço instagramável as pessoas interagem, criam seus próprios memes vivos e ao vivo, expressando suas culturas, seus pensamentos, suas ideias, suas opiniões. Para estar em rede virtual, deve-se sugerir e incentivar registros nas redes sociais por meio de fotos, usando hashtags criadas para o momento, criando, assim, as conexões tão peculiares à sociedade contemporânea e em rede, da qual nos fala Castells (1999).

Na sequência, uma vez criado o ambiente instagramável, intencionamos a criação de uma conta no Instagram, a fim de servir como repositório das fotos tiradas e dos memes criados nesse ambiente, compartilhando, assim, as experiências e vivências ativas, ao mesmo tempo em que pode estimular a criação de novos memes pelos seguidores da conta. Ampliando o estar em rede, outras ideias e contribuições tendem a surgir, intensificando e dinamizando a construção da cultura digital no campus e em outros espaços escolares, sempre entrelaçada à proposta de uma educação que visa à formação integral de nossos educandos, com partícipes cada vez mais engajados nesse processo.

Nossa proposta interventiva foi idealizada no sentido de não se encerrar em si mesma, mas sim ser um *start* para discussões sobre a educação na cultura digital no Ifes Santa Teresa, com os mais diversos aspectos e as mais diversas nuances que esse tema abarca e suscita.

Palavras-chave

Meme – Tecnologia digital – Educação – Rede – Subjetividade – Protagonismo – Cidadania

Objetivo Geral

Oportunizar ambiências para discutir, problematizar, refletir e produzir memes, de forma lúdica, consciente e criativa, resultando na utilização desse gênero textual como forma de expressão de pensamento crítico e cidadão.

Objetivos Específicos

- Conhecer os estudantes e comunidade sobre as práticas que têm exercido com *memes* em seus cotidianos e convidá-los a refletirem criticamente sobre seus usos e significados;
- Sensibilizar para a apropriação das potencialidades do meme;
- Oferecer, como manifestação do protagonismo, condições técnicas de produção e remix de memes através de soluções e licenças abertas, ;
- Apresentar o gênero meme e suas características sociolinguísticas como forma de propiciar possibilidades de uso no ambiente escolar e social.

Fundamentação – Diretrizes da Extensão

Descreva abaixo, como o(s) grupo(s) social(is) externo(s) ou organização(ões) externa(s) ao Ifes influenciaram no planejamento e como será sua participação na execução desta ação:

Descreva abaixo, as mudanças a serem produzidas com o público externo ou organização(ões) externa(s) que serão beneficiados pela ação:

Assim como a Oficina Memética intenciona criar ambiência que oportunize complementar uma educação integral, ética e cidadã dos nossos estudantes, auxiliando os professores nesse processo, torna-se uma oportunidade também para oferecer esse mesmo espaço a estudantes e professores das escolas públicas do entorno do campus, assim como abrir espaço para que pessoas da comunidade externa possam contribuir com suas culturas e habilidades diversas, enriquecendo a proposta e as discussões promovidas ao longo do percurso da Oficina e depois dela.

Descreva abaixo, as relações que essa ação possui com ensino e/ou pesquisa:

Uma vez que o meme é um gênero discursivo, emergente das redes sociais, cuja construção se dá por meio dos mais variados recursos semióticos, expressando pensamentos, opiniões e ideologias, encontra relação direta com o ensino. As questões que envolvem gênero discursivo e recursos semióticos estão diretamente relacionadas à área de

Linguagens, em específico Língua Portuguesa, porém tendo em vista os temas abordados e as mensagens que carrega e dissemina, envolve quaisquer outras disciplinas, seja do núcleo comum ou do profissionalizante.

Descreva abaixo, como se dará a participação de estudantes nesta ação, como protagonistas de suas atividades, e as contribuições para a sua formação cidadã:

Os estudantes serão convidados a serem interagentes durante todo o percurso da Oficina, pois os encontros estão programados para que adquiram habilidades interpretativas de texto, manifestem suas subjetividades, socializem suas culturas, expressem suas opiniões, desenvolvam o pensamento crítico, sempre pautados na ética, premissas essas de uma formação integral e cidadã.

Programação do evento

Listar e descrever abaixo as atividades que constarão na programação do evento, se possível indicando local, data e hora de realização, bem como os responsáveis pelas suas execuções, ou colocar cópia de folheto, cartaz ou folder com a programação do evento em anexo a este formulário. **Importante: Caso não haja a programação do evento definida, inserir abaixo o planejamento da programação do evento.**

A Oficina Memética se desenvolverá em sete encontros, sendo estes semanais, organizados conforme descrição abaixo. Ressalta-se que a Oficina acontecerá fora do horário de aula nos cursos técnicos do campus, oportunizando a participação de todos os estudantes e professores, bem como qualquer pessoa poderá ingressar na Oficina em qualquer das etapas, sem que lhe incorra qualquer prejuízo.

1º encontro: Será que é?

- A. Local: Sala de aula
- B. Material: papel A4, caneta, quadro, pincel para quadro, fita adesiva e celular com câmera
- C. Tempo previsto: 40 minutos
- D. Desenvolvimento:
 - Criar uma conta no Instagram, escolhendo um nome criativo e de fácil memorização, de preferência fazendo alusão a meme.
 - Escolher previamente memes famosos (pelo menos uns 10). Cada meme desse servirá para marcar um ponto na sala.
 - A sala deverá estar vazia de carteiras, tendo pontos ambientados de acordo com os memes. Isso quer dizer que em cada ponto haverá pelo menos um objeto que se relacione com cada meme escolhido. Por exemplo, se optar pelo meme *Nazaré Confusa*, poderão ter cartazes com fórmulas matemáticas e/ou pontos de interrogação em tamanhos grandes feitos de papel colorido; para o meme *Salt Bae*, ter um pote com sal e óculos de sol; se for o meme da Bela Gil, uma colher de pau e/ou algumas hortaliças, naturais ou artificiais.
 - Cada ponto da sala deverá estar numerado.
 - Os participantes deverão ser convidados a irem passando pelos pontos, vendo o que há em cada um deles.
 - Feito isso, os participantes serão divididos em pequenos grupos, com 4 ou 5 integrantes, formando um grande círculo no centro a sala.
 - No centro desse círculo, dispostos no chão, os memes famosos impressos em tamanho A4, cada qual identificado com uma letra do alfabeto.
 - As equipes receberão um pedaço de papel e uma caneta. A tarefa inicial será a equipe relacionar cada meme a cada um dos pontos organizados na sala e anotar a resposta no papel (a cada letra, um número relacionado).
 - Feito isso, cada equipe vai sendo convidada a dizer as relações que fizeram. Anotam-se no quadro as respostas de cada equipe.
 - Solicitar que comentem sobre os critérios empregados para fazerem as associações. Caso alguma equipe tenha feito alguma associação diferente, buscar saber os critérios.
 - Aproveitar este momento para falar de elementos não verbais, simbologias, interpretação textual e intertextualidade.
 - Ao final, afixar os memes na parede próxima de cada ponto a que ele corresponde.
 - A partir daí, pedir que cada participante escolha pelo menos um ponto e tire uma foto como os objetos que ali se encontram, como se fossem criar seu próprio meme.
 - Para o próximo encontro, levar o celular com a foto tirada.

- Pedir aos participantes que sugiram uma *hashtag* para ser utilizada ao longo da Oficina. Feita a escolha, incentivar os participantes a postarem suas fotos nas redes sociais, em especial na conta do Instagram que foi criada, utilizando a *hashtag*.
- Solicitar que comentem sobre o encontro, destacando os pontos que consideraram mais interessantes.

2º encontro: Na onda do remix

- A. Local: Laboratório de Informática
- B. Material: computador com acesso à internet, projetor, pen drive.
- C. Tempo previsto: 40 minutos
- D. Desenvolvimento:
- De início, pedir que comentem se postaram a foto do encontro anterior e como foi a interação em rede.
 - Relembrar alguns conceitos tratados no encontro anterior, ainda que de forma generalizada: linguagem não verbal, intertextualidade, interpretação textual.
 - Utilizando o computador com internet, descarregar a foto e, com a utilização de editores de imagem, criar seu próprio meme.
* Observação: Para a edição de imagens, sugerimos Gimp ou Inkscape, que são softwares livres de edição de imagem.
 - Deve-se trazer para a discussão a utilização de softwares livres, incentivando o uso deles.
 - Feitos os memes, compilar em um único arquivo e projetar para todos verem e fazer seus comentários.
 - Abordar as questões de recursos semióticos, relação entre as linguagens verbal e não verbal e o conceito de remix, características marcantes do meme.
 - Incentivar os participantes a postarem seus memes nas redes sociais, em especial na conta do Instagram criada, utilizando a *hashtag* da Oficina.
 - Para o próximo encontro, os participantes deverão pesquisar memes famosos. A sugestão é que cada participante pesquise oito memes famosos além daqueles apresentados no primeiro encontro. Fazer um print no celular ou imprimir.
 - Solicitar que comentem sobre o encontro, destacando os pontos que consideraram mais interessantes

3º encontro: Dramatizando sem drama – Uma atividade gamificada

- A. Local: Auditório II
- B. Material: celular, notebook, papel e caneta
- C. Tempo previsto: 50 minutos
- D. Desenvolvimento:
- Dividir os participantes em dois grupos com igual quantidade.
 - Cada grupo irá montar um esquete (pequena peça teatral), tendo que incluir cenas que representem memes famosos, que podem tanto ser os apresentados em encontros anteriores como outros pesquisados.
 - O esquete deverá ser encenado, cabendo ao grupo espectador identificar os memes que foram aludidos ao longo da peça, listando-os em uma folha de papel.
 - Ao final das duas apresentações, um grupo apresentará para o outro a lista feita. Vencerá a equipe que identificar o maior número de memes encenados.
 - Com a permissão dos participantes, fazer registros dos esquetes com fotos e compartilhá-las, a fim de que divulguem em suas redes sociais, em especial na conta do Instagram criada, utilizando a *hashtag* da Oficina.
 - Solicitar que comentem sobre o encontro, destacando os pontos que consideraram mais importantes.
 - Para o próximo encontro:
 - trazer uma foto registrada pelo participante, no próprio celular, que represente a cultura ou um elemento característico do local onde o participante mora. Pode ser um prato ou um traje típico, uma atividade laboral, um aspecto geográfico, um festejo da região, um elemento da economia predominante etc.

4º encontro: Esse meme é meu!

- A. Local: Laboratório de Informática
- B. Material a ser utilizado: Computador, projetor, pen drive, quadro e pincel
- C. Tempo previsto: 40 minutos

D. Desenvolvimento:

- Compilar todas as fotos em um pen drive e apresentar projetadas para os participantes.
- Cada pessoa faz um breve comentário sobre a foto trazida, mostrando o que ela representa para o lugar de onde foi feito o registro.
- Solicitar que transformem a foto em um meme de image-macro.
* Obs.: Memes de image-macro são os que combinam imagens com textos curtos, normalmente escritos em letras garrafais.
- Socializar os memes criados.
- Roda de conversa: estimular os comentários sobre a possibilidade de um meme traduzir a cultura de um local. É uma oportunidade também para trazer à tona assuntos referentes à riqueza cultural e o respeito à diversidade cultural.
- Solicitar que comentem sobre o encontro, destacando os pontos que consideraram mais importantes.
- Incentivar os participantes a postarem seus memes criados neste encontro, em especial na conta do Instagram criada, utilizando a *hashtag* da Oficina.
- Para o próximo encontro:
 - solicitar que pensem em um meme no qual eles próprios comporão a imagem. Vir para o encontro já caracterizado de acordo com o meme pensado e, caso queira, trazer objetos para a ambientação do meme, criando um cenário. Pode se pensar em fazer um meme individualmente ou com mais personagens, envolvendo outros participantes;
 - solicitar que pensem em alguma atividade a ser desenvolvida com memes, distinta das que já foram realizadas.

5º encontro: Esse meme sou eu!

- A. Local: Praça das figueiras
- B. Material a ser utilizado: celular, esteiras de palha, papel A4 e caneta
- C. Tempo previsto: 50 minutos
- D. Desenvolvimento:
- Fazer um retrospecto de cada encontro com os participantes.
 - Para este encontro, os participantes já deverão estar caracterizados de acordo com o personagem que irão representar.
 - Com algumas esteiras espalhadas pelo chão, simbolizando pequenos palcos, organizar cada espaço para os participantes, de acordo com o que necessitarão colocar para cenário.
 - Cada participante vai se apresentando, representando seu meme, seja estático ou em movimento.
 - Ao final, se for conveniente, pedir aos participantes que elejam as três melhores performances meméticas.
 - Com a permissão dos participantes, fazer registros com fotos e socializar entre todos.
 - Incentivar os participantes a postarem seus memes criados neste encontro, em especial na conta do Instagram criada, utilizando a *hashtag* da Oficina.
 - Pedir que os participantes socializem que atividade pensaram para ser desenvolvida com meme. Solicitar a todos que votem na atividade de sua preferência. Organizar o grupo para o desenvolvimento na próxima semana da atividade escolhida.
 - Para o próximo encontro, além da organização acima, solicitar que pensem em uma temática para criar um ambiente instagramável, similar ao do primeiro encontro, no entanto sendo somente um tema para referenciar o local.

6º encontro: Que ideia!

- A. Local: Escolhido de acordo com a atividade sugerida pelos participantes
- B. Material a ser utilizado: De acordo com a atividade sugerida pelos participantes
- C. Tempo previsto: 50 minutos
- D. Desenvolvimento: De acordo com a atividade sugerida pelos participantes
- Toda a atividade será desenvolvida de acordo com a sugestão dada pelos participantes.

- Sobre o tema que deveria ser pensado para a criação do ambiente instagramável, listá-los em uma folha de papel para ser votado (ou usar algum programa no celular ou até mesmo uma sala da RNP para a escolha do tema).
- Uma vez feita a votação, solicitar que deem sugestões de composição do espaço. Para o próximo encontro, solicitar que os participantes tragam objetos que possam ser utilizados para ambientar o local seguindo algumas sugestões ou tendo outras ideias.
- Solicitar que comentem sobre o encontro, destacando os pontos que consideraram mais importantes.

7º encontro: Na vibe do instagramável

- A. Local: A ser escolhido (Sugestão: o espaço entre as duas escadas do Prédio Central, próximo ao hall de entrada)
- B. Material a ser utilizado: A depender do tema escolhido e das sugestões o grupo, plaquinhas em branco (de acordo com o número de participantes), pincéis coloridos
- C. Tempo previsto: 50 minutos
- D. Desenvolvimento:
- A partir do tema escolhido no encontro anterior e as sugestões de ambientação dadas, os participantes ornamentarão o local, criando um espaço instagramável.
 - Montado o espaço, pedir que cada participante interaja com o ambiente, similar ao primeiro encontro, criando um meme ao vivo. Caso queiram, usar as plaquinhas para criarem frases, complementando a interação.
 - Incentivar o registro com foto e postagem nas redes sociais, em especial na conta do Instagram criada, utilizando a *hashtag* da Oficina.

Observações:

- Uma vez criado esse ambiente instagramável, intenciona-se que esse seja um espaço permanente. Dessa forma, é possível criar uma ambiência para que alunos, professores, servidores e visitantes possam interagir de formas diversificadas. Temas variados ao longo do ano letivo, com os quais queira estimular a interação das pessoas, em especial os estudantes, devem fazer com que o local seja periodicamente modificado em sua decoração. Pode-se levar em consideração datas comemorativas, eventos promovidos na escola e/ou assuntos emergentes e de interesse educativo. Decorado de maneira atrativa, com objetos e adereços alusivos ao tema proposto, com material disponível para escrever, no espaço instagramável as pessoas interagem, criam seus próprios memes vivos e ao vivo, expressando suas culturas, seus pensamentos, suas ideias, suas opiniões. Para estar em rede virtual, deve-se sugerir e incentivar registros nas redes sociais por meio de fotos, usando hashtags criadas para o momento, criando, assim, as conexões tão peculiares à sociedade contemporânea e em rede.
- Intencionamos, ainda, que, uma vez criado o ambiente instagramável, sejam criadas uma wiki e uma conta no Instagram, a fim de servir como repositório das fotos tiradas e dos memes criados nesse ambiente, compartilhando, assim, as experiências e vivências ativas. Ampliando o estar em rede, outras ideias e contribuições tendem a surgir, intensificando e dinamizando a construção da cultura digital no campus e em outros espaços escolares, sempre entrelaçada à proposta de uma educação que visa à formação integral de nossos educandos, com partícipes cada vez mais engajados nesse processo.

Instalações, Equipamentos e Materiais necessários para execução

Sala de aula, laboratório de Informática, praça das figueiras, espaço entre as escadas no hall de entrada do Prédio Central, notebook, pen drive, projetor, papel A4, pincéis para quadro, pincéis ou canetas hidrográficas, canetas esferográficas, fita adesiva

Cronograma

(caso seja necessário, inserir mais linhas na tabela)

Descrição das atividades:	(8) Semanas () Meses											
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Oficina Memética	x	x	x	x	x	x						

Criação da wiki e da conta no Instagram								x	x					
Descrição das atividades:	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24		

Observações

--

Anexos

(caso seja necessário, inserir mais linhas na tabela)

Anexo I – Informações pessoais para cadastramento do coordenador da ação (OBRIGATÓRIO E RESTRITO)

Anexo II – Orçamento (Deve constar se for requerido pela gestão de extensão da unidade)

Anexo III – Detalhamento da equipe executora (Deve constar se for requerido pela gestão de extensão da unidade)

Anexo IV – Termos de intenção de parceiros (OPCIONAL)

Anexo V – Revisão bibliográfica e referências (OPCIONAL)

Assinaturas

Na condição de coordenador desta ação de extensão, solicito autorização para realizar as atividades consignadas nesta proposta.

PROPONENTE

(vide assinatura digital abaixo)

Na condição de chefia imediata do coordenador desta ação de extensão, autorizo-o a realizar as atividades consignadas nesta proposta.

CHEFIA IMEDIATA

(vide assinatura digital abaixo)

Na condição de coordenador da ação de extensão vinculante, à qual esta ação está vinculada, declaro ciência e aprovo a vinculação declarada neste formulário.

COORDENAÇÃO DA AÇÃO DE EXTENSÃO VINCULANTE

(vide assinatura digital abaixo)

Certifico e dou fé que esta ação está de acordo com o instrumento avaliativo do regulamento institucional vigente que trata da institucionalização de ações de extensão no Ifes.

GESTOR DE EXTENSÃO DO CAMPUS

(vide assinatura digital abaixo)

APÊNDICE B – Questionário para os Estudantes

Este questionário faz parte de uma pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), intitulada “*O meme como dispositivo para ampliação do repertório linguístico, comunicativo e cultural dos alunos em formação no Ifes*”. Pretendemos, por meio dele, conhecer melhor o que pensam os estudantes acerca das tecnologias digitais, bem como sobre textos digitais (memes) que circulam nas redes sociais, a fim de propormos ações que contribuam para a formação dos jovens como estudantes, profissionais e cidadãos.

Pesquisadora: Jussara Silva Campos

Orientadora: Prof^a Dr^a Salete de Fátima Noro Cordeiro

Público: Alunos dos cursos técnicos integrados do Ifes Santa Teresa

Questões	Respostas	
1. No Ifes Santa Teresa você é estudante da	<input type="checkbox"/> 1ª série. <input type="checkbox"/> 2ª série. <input type="checkbox"/> 3ª série.	Turma:
2. Você é aluno do Curso Técnico Integrado em	<input type="checkbox"/> Agropecuária. <input type="checkbox"/> Meio Ambiente. <input type="checkbox"/> Informática para Internet.	
3. Você reside em	<input type="checkbox"/> zona rural. <input type="checkbox"/> zona urbana de cidade interiorana. <input type="checkbox"/> zona urbana da Grande Vitória.	
4. Tem internet instalada na sua residência?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	
5. Quais dispositivos você tem disponíveis na sua residência? Marque quantos forem necessários.	<input type="checkbox"/> Computador. <input type="checkbox"/> <i>Tablet</i> . <input type="checkbox"/> Celular. <input type="checkbox"/> Outros. Quais? _____	
6. Você tem celular para	<input type="checkbox"/> Sim	

uso pessoal?	() Não	
7. Você tem internet disponível no seu celular?	() Sim () Não () Não tenho celular.	
8. Qual o tipo de plano que você tem no seu celular?	() Pré-pago (há necessidade de recarga para uso). () Controle (conta de valor fixo mensal). () Outro. Qual? _____	
9. Você tem conta em redes sociais?	() Sim () Não	Justifique:
10. Em quais redes sociais você tem conta?	() Facebook () Instagram () Twitter () Telegram () LinkedIn () Outra: _____ () Não tenho conta em rede social.	
11. Você acessa as redes sociais com que frequência?	() Uma vez ao dia. () 2 a 3 vezes ao dia. () Várias vezes ao dia. () Quase não acesso. () Não tenho conta em rede social.	
12. Nas redes sociais, você encontra memes...	() raramente. () sempre. () nunca. () Não sei reconhecer um meme. () Não tenho conta em rede social.	
13. Você procura memes quando acessa as redes sociais?	() Sim () Não () Não tenho conta em rede social.	Comente:
14. Você compartilha memes?	() Sim, sempre. () Sim, às vezes. () Não.	Por quê?

15. Em que situações você compartilha memes?		Comente:
16. Com que pessoas do seu círculo de amizade você costuma compartilhar memes?		Comente:
17. Na sua opinião, os memes são... (Marque quantas opções forem necessárias)	<input type="checkbox"/> divertidos. <input type="checkbox"/> educativos. <input type="checkbox"/> criativos. <input type="checkbox"/> críticos. <input type="checkbox"/> _____	Comente:
18. Quando você vê um meme, ...	<input type="checkbox"/> sempre entende a mensagem. <input type="checkbox"/> raramente entende a mensagem. <input type="checkbox"/> nunca entende a mensagem.	Comente:
19. Você já produziu algum meme?	<input type="checkbox"/> Sim, vários. <input type="checkbox"/> Sim, alguns. <input type="checkbox"/> Não, mas gostaria. <input type="checkbox"/> Não.	Comente:
20. Você tem hábito de leitura?	<input type="checkbox"/> Sim. <input type="checkbox"/> Não.	Comente:
21. Na sua opinião, ler é...		
22. O que você gosta de ler?	<input type="checkbox"/> Livros literários <input type="checkbox"/> Revistas (impressas ou <i>online</i>) <input type="checkbox"/> Noticiários (impressos ou <i>online</i>) <input type="checkbox"/> Outros. Quais? <input type="checkbox"/> Não gosto de ler.	Se "outros", o quê?
23. Você costuma ler em dispositivos?	<input type="checkbox"/> Sim, sempre. <input type="checkbox"/> Sim, às vezes. <input type="checkbox"/> Não.	Se sim, em qual (quais)?

APÊNDICE C – Questionário para os Professores

Este questionário faz parte de uma pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), intitulada “*O meme como dispositivo para ampliação do repertório linguístico, comunicativo e cultural dos alunos em formação no Ifes*”. Pretendemos, por meio dele, conhecer melhor o que pensam os professores acerca das tecnologias digitais, bem como sobre textos digitais (memes) que circulam nas redes sociais, a fim de propormos ações que contribuam para a formação dos jovens como estudantes, profissionais e cidadãos.

Pesquisadora: Jussara Silva Campos

Orientadora: Prof^a Dr^a Salete de Fátima Noro Cordeiro

Público: Professores dos cursos técnicos integrados do Ifes Santa Teresa

Questões	Respostas	
1. No Ifes Santa Teresa você ministra disciplina(s)	<input type="checkbox"/> do núcleo comum. <input type="checkbox"/> da área técnica.	
2. Com que frequência você elabora atividades para os alunos cuja execução precisa de algum dispositivo (celular, computador etc)?	<input type="checkbox"/> Sempre. <input type="checkbox"/> Às vezes. <input type="checkbox"/> Raramente. <input type="checkbox"/> Nunca.	Justifique:
3. Gostaria de desenvolver mais atividades que envolvessem tecnologias digitais?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Talvez <input type="checkbox"/> Não	Justifique:
4. Nas redes sociais, você encontra memes...	<input type="checkbox"/> raramente. <input type="checkbox"/> sempre. <input type="checkbox"/> nunca. <input type="checkbox"/> Não sei reconhecer um meme. <input type="checkbox"/> Não tenho conta em nenhuma rede social.	

5. Na sua opinião, os memes são... (Marque quantas opções forem necessárias)	<input type="checkbox"/> divertidos. <input type="checkbox"/> educativos. <input type="checkbox"/> criativos. <input type="checkbox"/> críticos. <input type="checkbox"/> _____	
6. Você já produziu algum meme?	<input type="checkbox"/> Sim, vários. <input type="checkbox"/> Sim, alguns. <input type="checkbox"/> Não, mas gostaria. <input type="checkbox"/> Não.	
7. Você tem hábito de leitura?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	Comente:
8. Na sua opinião, ler é...		
9. Você incentiva seus alunos à leitura?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	Se sim, como? Se não, por quê?

APÊNDICE D - Roteiro de Roda de Conversa com os Estudantes

ALUNOS DO IFES SANTA TERESA

1. Qual a sua relação com a leitura? Gosta? Lê? Por quê? (comente, fale, explique)
2. O que o/a levou a (não) ter gosto pela leitura?
3. Gostaria de ler mais? O quê? Por quê?
4. Você costuma usar a internet? Conte para nós como você usa seu tempo na web: Em quais atividades? O que você mais gosta?
5. Como é sua relação com as redes sociais...
 - Tem conta? Acessa? Com que frequência? Que tipo de interatividade você tem nesses ambientes: posta algo, compartilha...?
6. O que você acha dessas formas de se comunicar pelas redes sociais?
7. Você gosta de ver memes nas redes sociais? Por quê? Conte essa experiência:
8. Você compartilha memes nas suas redes sociais? Com quem? Em que momentos? Para quais finalidades geralmente?
9. O que leva uma pessoa a criar um meme? Fale o que você pensa.
10. Você acha que as pessoas se comunicam bem por meio de memes?
11. Você acha que os memes podem ensinar algo?
12. O que você pensa se criássemos uma “fábrica de memes” aqui na escola? Você participaria? Por quê? Quais sugestões você daria? Como seria esse espaço?
13. Seus professores usam memes na sala de aula? Com que frequência? Conte para nós como são esses momentos?
14. Você sugere que os professores usem mais memes para ensinar os conteúdos? Por quê? De que maneira seria importante (aprendizagem, descontração etc)?

APÊNDICE E - Roteiro de Entrevista aos Estudantes

ALUNOS DO IFES SANTA TERESA

1. Qual a sua relação com a leitura...
 - Gosta ou não? Tem o hábito de ler ou não?
2. (Se gosta de ler...) Como você acha que esse gosto se desenvolveu? De que forma? Teve influências?
 - (Se não gosta de ler...) O que você acha que faria você mudar seu gosto em relação à leitura?
3. Sobre a internet...
 - Que utilidade ela tem para sua vida em geral?
 - Que utilidade ela tem para você como estudante?
4. Sobre a estrutura tecnológica aqui do campus...
 - Você acha que é boa/adequada? Por quê?
 - O que a tornaria melhor?
 - Em que você considera que isso contribuiria para seu desenvolvimento como estudante?
5. Sobre as redes sociais...
 - Que importância elas têm para você?
 - O que você acha da forma de se comunicar por meio das redes sociais?
6. Sobre os memes...O que você pensa sobre eles?

APÊNDICE F - Roteiro de Entrevista aos Professores

PROFESSORES DO IFES SANTA TERESA

1. Qual a área da sua disciplina: técnica ou núcleo comum?
2. Como você vê hoje o uso das tecnologias digitais nas atividades do seu dia a dia?
O que você mais usa?
3. Você costuma planejar suas aulas com o uso de tecnologias digitais? Você envolve seus alunos nessas atividades? Por quê?
4. Como você vê o uso das tecnologias digitais na rotina das atividades escolares com os estudantes?
5. Qual a sua relação com as redes sociais...
 - Tem conta? Acessa? Com que frequência? Que tipo de interatividade você tem nesses ambientes: posta algo, compartilha...?
6. O que você acha dessas formas de se comunicar pelas redes sociais?
7. Você sabe o que é um meme? (Nesse momento mostrar memes)
8. Você utiliza memes nas suas redes sociais? Em que momentos? Com que frequência? Gosta? Curte? Compartilha? Dê sua opinião sobre esse gênero.
9. Você sabia que meme é um gênero textual? Você usa meme em suas aulas ou atividades? Em que momentos? Com que frequência? Como é a reação, receptividade dos alunos?
10. O que você acha se tivéssemos uma “fábrica de memes” aqui na escola? Você toparia participar de oficinas para fabricação de memes? Quais sugestões você daria?

APÊNDICE G - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE - Estudante

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE**ESTUDANTE**

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “**O meme como dispositivo para ampliação do repertório linguístico, comunicativo e cultural dos alunos em formação no Ifes**”, sob minha responsabilidade como pesquisadora, sob orientação da Prof^a Dr^a Salete de Fátima Noro Cordeiro, professora do Mestrado Profissional em Educação (MPED), da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Meu nome é Jussara Silva Campos, professora de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), Campus Santa Teresa.

Após receber as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, peço que preencha o **CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO PARTICIPANTE DA PESQUISA**, que se encontra ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo uma delas a sua e a outra pertencente a mim, pesquisadora responsável, e assine. Esclareço que em caso de recusa na participação, você não será penalizado(a) de forma alguma. Caso aceite participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas por mim, pesquisadora responsável, via e-mail (jusc Campos47@gmail.com), contato telefônico ou WhatsApp pelo número (27) 99931-6552, ou ainda pelo Telegram (@Jussarascampos). Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa acerca desta pesquisa ou houver alguma denúncia ou algum problema a ser relatado sobre esta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Educação do Espírito Santo (CEP/IFES)**. Informo que o **CEP** é um colegiado interdisciplinar e independente, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criado para defender os interesses dos participantes da **pesquisa** em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da **pesquisa** dentro de padrões **éticos**.

O contato com o CEP/IFES pode ser feito pelo telefone (27) 3357-7518, pelo e-mail etica.pesquisa@ifes.edu.br ou no seguinte endereço: Av. Rio Branco, nº 50, Santa Lúcia, Vitória - ES, CEP 29100-550.

Informações importantes sobre a Pesquisa:

1. Trata-se de uma pesquisa que estou realizando como aluna do Programa de Pós-Graduação em Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas - do Mestrado Profissional em Educação - da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.
2. Esta pesquisa visa a oferecer uma contribuição relevante para a comunidade científica, visto que se trata de uma *pesquisaintervenção*, que tem como objetivo a produção de um dispositivo que colabore para que os alunos do Ifes tenham a oportunidade de explorar diversas linguagens proporcionadas pelo contexto contemporâneo, principalmente as imagéticas, dentre as quais destacamos os *memes*. Dessa apropriação interpretativa das várias formas de comunicação que nos chegam é que se desenvolve o pensamento crítico, possibilitando formar cidadãos conscientes de seu papel como ser social em uma sociedade em constante transformação, corroborando com a premissa do ensino técnico do Ifes, que é formar profissionais que sejam conscientes, críticos, éticos, preparados para a vida sócio pessoal e para o mundo do trabalho.

3. Como esta pesquisa tem como propósito a elaboração de uma ação interventiva, ser um(a) participante dela poderá trazer-lhe benefícios, como ter a possibilidade de expor o pensamento e opinar acerca do assunto abordado, dessa forma exercendo seu protagonismo no ambiente escolar e sua cidadania, além de ter experiência, ainda que de forma rápida, com pesquisa acadêmica.
4. Esta pesquisa se dará por meio de três dispositivos: Questionário, Roda de Conversa e Entrevista. Cada etapa ocorrerá em momento distinto e de forma subsequente, na ordem em que foi apresentada. Ressalto que aceitar participar de um dos dispositivos não implica a obrigatoriedade de participação nos demais.
5. Importante esclarecer que sua participação nesta pesquisa é totalmente voluntária, portanto fica garantida a sua liberdade de se recusar a participar ou retirar o seu consentimento em qualquer fase, inclusive durante a realização de qualquer etapa, sem que haja qualquer insistência na sua permanência, pedido de justificativa ou penalidade por sua desistência, bem como poderá se recusar a responder questões com a qual possa sentir algum constrangimento ou não se sentir à vontade para discorrer sobre o assunto, seja em qualquer dos dispositivos utilizados (Questionário - Roda de Conversa - Entrevista).
6. Será solicitado a você responder a um Questionário impresso, contendo 23 questões estritamente relacionadas ao tema da pesquisa, acima exposto. Nesse Questionário haverá necessidade de incluir seu nome, porém esclareço que em nenhum momento sua identidade será revelada. A identificação servirá apenas para um possível convite para participar da próxima etapa da pesquisa (Roda de Conversa), cuja participação também será totalmente livre. Acrescento que, além de mim, como pesquisadora, ninguém mais terá acesso às suas respostas.
 - 6.1 O Questionário respondido será coletado para análise dos dados, atendendo aos fins da pesquisa. Findada essa etapa, o formulário será arquivado e só será acessado por mim, enquanto pesquisadora, podendo solicitar uma cópia para sua guarda.
 - 6.2 O Questionário poderá ser respondido no campus, em momentos vagos de aulas, ou poderá levá-lo para responder em outro local e devolvê-lo no dia seguinte a mim.
 - 6.3 Haverá total liberdade em deixar de responder a algumas questões, caso assim desejar, sem qualquer questionamento ou penalidade sobre.
7. Uma vez vencida a etapa do Questionário, você poderá ser convidado(a) a participar de uma Roda de Conversa, em que serão trazidas questões estritamente relacionadas ao tema da pesquisa, a fim de que, junto com outros estudantes, possa trazer suas impressões acerca dos itens propostos.
 - 7.1 A Roda de Conversa será conduzida por mim, tendo um grupo de, no máximo, doze estudantes dos cursos técnicos do campus. Há um tempo máximo de duração previsto de 1h30min.
8. Findada a etapa da Roda de Conversa, você também poderá ser convidado(a) a participar de uma Entrevista, conduzida por mim, na condição de pesquisadora, cuja dinâmica e trato das respostas serão similares à Roda de Conversa, o que reitero abaixo.
 - 8.1 Na Entrevista, serão tratadas questões estritamente relacionadas ao tema da pesquisa, a fim de que você possa trazer suas impressões acerca dos itens propostos.

- 8.2 A Entrevista contará com a minha presença e a sua, somente. Há um tempo máximo de duração previsto de 1h.
9. Sobre a Roda de Conversa e a Entrevista:
- 9.1 Caso você opte por participar, sua identificação será por pseudônimo (nome fictício).
- 9.2 Haverá gravação por áudio, para que possa ser feita a transcrição das falas, que servirão de base para análise do tema pesquisado, em conformidade com os objetivos pretendidos. Certifico que o acesso à gravação será feito exclusivamente por mim, pesquisadora, havendo total anonimato dos participantes.
- 9.3 Apesar de ter um tempo previsto para cada dinâmica, havendo sintomas de desânimo ou cansaço de sua parte, a Roda de Conversa e/ou a Entrevista poderão ser encerradas antes do previsto. Qualquer desconforto ocasionado pelas dinâmicas será acolhido por mim e, caso necessário, haverá encaminhamento aos setores de saúde do campus.
- 9.4 Ambas as dinâmicas acontecerão em horário livre de aula, em algum ambiente do campus, previamente comunicado.
- 9.5 No intuito de preservar os dados e a garantia do sigilo, a gravação de áudio e as respectivas transcrições da Roda de Conversa e da Entrevista serão arquivadas e só serão acessadas por mim, enquanto pesquisadora, podendo ser solicitada uma cópia da transcrição para sua guarda.
10. Você tem o direito de pleitear indenização (reparação a danos imediatos ou futuros), por lei, a respeito de qualquer questão decorrente da participação na pesquisa, assim como ser ressarcido(a), caso tenha custo com a participação na pesquisa, mediante justificativa e apresentação de comprovante(s) legal(is), porém adianto que não há custos previstos para os respondentes.
11. Como pesquisadora, tratarei a identidade do(a) respondente menor de acordo com padrões profissionais de sigilo, atendendo à legislação brasileira (Resolução nº 510/16, do Conselho Nacional de Saúde - CNS), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.
12. Os dados coletados na pesquisa são especificamente para fins acadêmico-científicos (projetos de pesquisa, extensão e intervenção), fins de divulgação do trabalho e/ou da UFBA ou outra instituição que for autorizada pela Universidade (informativos, encartes, folders, jornais internos da universidade e/ou semelhantes, congressos). Os dados coletados, mantido o anonimato dos respondentes, poderão ser utilizados por outros pesquisadores e/ou professores da UFBA ou outra instituição que for autorizada pela Universidade a realizar projetos científico-acadêmicos com as mesmas finalidades e ficarão arquivados comigo, pesquisadora responsável, por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido esse tempo, avaliarei, na condição de pesquisadora, os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente.
13. Você terá a garantia do acesso aos resultados da pesquisa.
14. Esta pesquisa será pautada na Resolução nº 510/16, do CNS, uma vez que toda pesquisa envolve riscos, o que neste caso poderá ser, em alguma das etapas, sintoma de cansaço e desânimo, ou ainda sentir algum constrangimento na Roda de Conversa e na Entrevista. Ocorrendo alguma dessas eventualidades, haverá amparo por parte da pesquisadora, bem como, se necessário, haver encaminhamento aos setores de saúde do campus

(psicólogo e/ou médico). Reitero que o participante da pesquisa poderá optar por desistir de qualquer etapa, a qualquer momento.

15. Este TALE segue em duas vias, sendo uma sua (participante) e outra minha (pesquisadora). Recomenda-se que você guarde sua via em seus arquivos pessoais para eventuais consultas futuras.
16. Na qualidade de pesquisadora responsável, declaro ter cumprido as exigências dos itens da Resolução nº 510/16, do CNS, que estabelecem as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO PARTICIPANTE DA PESQUISA

Eu, _____, aluno(a) inscrito(a) no Ifes sob a matrícula nº _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado "***O meme como dispositivo para ampliação do repertório linguístico, comunicativo e cultural dos alunos em formação no Ifes***". Destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui, ainda, devidamente informado(a) e esclarecido(a), pela pesquisadora responsável Jussara Silva Campos, sobre a pesquisa, os procedimentos e os métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu assentimento/consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santa Teresa, _____ de _____ de _____.

Assinatura por extenso do(a) Aluno(a)

Jussara Silva Campos
Pesquisadora - Mestranda do MPED/UFBA

APÊNDICE H - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE - Responsável do(a) Estudante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

RESPONSÁVEL DO(A) ESTUDANTE

O(A) estudante do Ifes Santa Teresa, menor, que está sob sua responsabilidade, está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “**O meme como dispositivo para ampliação do repertório linguístico, comunicativo e cultural dos alunos em formação no Ifes**”, sob minha responsabilidade como pesquisadora, sob orientação da Prof^a Dr^a Salete de Fátima Noro Cordeiro, professora do Mestrado Profissional em Educação (MPED), da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Meu nome é Jussara Silva Campos, professora de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), Campus Santa Teresa.

Após receber as informações a seguir, se o(a) estudante aceitar fazer parte do estudo e houver o consentimento do(a) senhor(a), peço que preencha o **CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO PARTICIPANTE DA PESQUISA**, que se encontra ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo uma delas a sua e a outra pertencente a mim, pesquisadora responsável, e assine. Esclareço que em caso de recusa na participação, ninguém será penalizado(a) de forma alguma. Caso aceite que o(a) estudante participe, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas por mim, pesquisadora responsável, via e-mail (juscampos47@gmail.com), contato telefônico ou WhatsApp pelo número (27) 99931-6552, ou ainda pelo Telegram (@Jussarascampos). Ao persistirem as dúvidas sobre os direitos do(a) estudante como participante desta pesquisa acerca desta pesquisa ou houver alguma denúncia ou algum problema a ser relatado sobre esta pesquisa, o(a) senhor(a) também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Educação do Espírito Santo (CEP/IFES)**. Informo que o CEP é um colegiado interdisciplinar e independente, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criado para defender os interesses dos participantes da **pesquisa** em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da **pesquisa** dentro de padrões **éticos**.

O contato com o CEP/IFES pode ser feito pelo telefone (27) 3357-7518, pelo e-mail etica.pesquisa@ifes.edu.br ou no seguinte endereço: Av. Rio Branco, nº 50, Santa Lúcia, Vitória - ES, CEP 29100-550.

Informações importantes sobre a Pesquisa:

1. Trata-se de uma pesquisa que estou realizando como aluna do Programa de Pós-Graduação em Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas - do Mestrado Profissional em Educação - da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.
2. Esta pesquisa visa a oferecer uma contribuição relevante para a comunidade científica, visto que se trata de uma *pesquisaintervenção*, que tem como objetivo a produção de um dispositivo que colabore para que os alunos do Ifes tenham a oportunidade de explorar diversas linguagens proporcionadas pelo contexto contemporâneo, principalmente as imagéticas, dentre as quais destacamos os *memes*. Dessa apropriação interpretativa das várias formas de comunicação que nos chegam é que se desenvolve o pensamento crítico, possibilitando formar cidadãos conscientes de seu papel como ser social em uma sociedade em constante transformação, corroborando com a premissa do ensino técnico

do Ifes, que é formar profissionais que sejam conscientes, críticos, éticos, preparados para a vida sócio pessoal e para o mundo do trabalho.

3. Como esta pesquisa tem como propósito a elaboração de uma ação interventiva, o(a) estudante ser um participante dela poderá trazer-lhe benefícios, como ter a possibilidade de expor o pensamento e opinar acerca do assunto abordado, dessa forma exercendo seu protagonismo no ambiente escolar e sua cidadania, além de ter experiência, ainda que de forma rápida, com pesquisa acadêmica.
4. Esta pesquisa se dará por meio de três dispositivos: Questionário, Roda de Conversa e Entrevista. Cada etapa ocorrerá em momento distinto e de forma subsequente, na ordem em que foi apresentada. Ressalto que o(a) estudante aceitar participar de um dos dispositivos não implica a obrigatoriedade de participação nos demais.
5. Importante esclarecer que a participação do(a) estudante nesta pesquisa é totalmente voluntária, portanto fica garantida a liberdade de se recusar a participar ou retirar o consentimento em qualquer fase, inclusive durante a realização de qualquer etapa, sem que haja qualquer insistência na sua permanência, pedido de justificativa ou penalidade por sua desistência, bem como poderá se recusar a responder questões com a qual possa sentir algum constrangimento ou não se sentir à vontade para discorrer sobre o assunto, seja em qualquer dos dispositivos utilizados (Questionário - Roda de Conversa - Entrevista).
6. Será solicitado ao(à) estudante responder a um Questionário impresso, contendo 23 questões estritamente relacionadas ao tema da pesquisa, acima exposto. Nesse Questionário haverá necessidade de incluir o nome, porém esclareço que em nenhum momento a identidade do(a) respondente será revelada. A identificação servirá apenas para um possível convite para participar da próxima etapa da pesquisa (Roda de Conversa), cuja participação também será totalmente livre. Acrescento que, além de mim, como pesquisadora, ninguém mais terá acesso às respostas.
 - 6.1 O Questionário respondido será coletado para análise dos dados, atendendo aos fins da pesquisa. Findada essa etapa, o formulário será arquivado e só será acessado por mim, enquanto pesquisadora, podendo solicitar uma cópia para sua guarda.
 - 6.2 O Questionário poderá ser respondido no campus, em momentos vagos de aulas, ou poderá levá-lo para responder em outro local e devolvê-lo no dia seguinte a mim.
 - 6.3 Haverá total liberdade em deixar de responder a algumas questões, caso assim desejar, sem qualquer questionamento ou penalidade sobre.
7. Uma vez vencida a etapa do Questionário, o(a) estudante poderá ser convidado(a) a participar de uma Roda de Conversa, em que serão trazidas questões estritamente relacionadas ao tema da pesquisa, a fim de que, junto com outros estudantes, possa trazer suas impressões acerca dos itens propostos.
 - 7.1 A Roda de Conversa será conduzida por mim, tendo um grupo de, no máximo, doze estudantes dos cursos técnicos do campus. Há um tempo máximo de duração previsto de 1h30min.
8. Findada a etapa da Roda de Conversa, o(a) estudante também poderá ser convidado(a) a participar de uma Entrevista, conduzida por mim, na condição de pesquisadora, cuja dinâmica e trato das respostas serão similares à Roda de Conversa, o que reitero abaixo.

- 8.1 Na Entrevista, serão tratadas questões estritamente relacionadas ao tema da pesquisa, a fim de que o(a) estudante possa trazer suas impressões acerca dos itens propostos.
- 8.2 A Entrevista contará com a minha presença e a do(a) estudante, somente. Há um tempo máximo de duração previsto de 1h.
9. Sobre a Roda de Conversa e a Entrevista:
 - 9.1 Caso o(a) estudante opte por participar, sua identificação será por pseudônimo (nome fictício).
 - 9.2 Haverá gravação por áudio, para que possa ser feita a transcrição das falas, que servirão de base para análise do tema pesquisado, em conformidade com os objetivos pretendidos. Certifico que o acesso à gravação será feito exclusivamente por mim, pesquisadora, havendo total anonimato dos participantes.
 - 9.3 Apesar de ter um tempo previsto para cada dinâmica, havendo sintomas de desânimo ou cansaço por parte do(a) estudante, a Roda de Conversa e/ou a Entrevista poderão ser encerradas antes do previsto. Qualquer desconforto ocasionado pelas dinâmicas será acolhido por mim e, caso necessário, haverá encaminhamento aos setores de saúde do campus.
 - 9.4 Ambas as dinâmicas acontecerão em horário livre de aula, em algum ambiente do campus, previamente comunicado.
 - 9.5 No intuito de preservar os dados e a garantia do sigilo, a gravação de áudio e as respectivas transcrições da Roda de Conversa e da Entrevista serão arquivadas e só serão acessadas por mim, enquanto pesquisadora, podendo ser solicitada uma cópia da transcrição para sua guarda.
10. O(A) estudante tem o direito de pleitear indenização (reparação a danos imediatos ou futuros), por lei, a respeito de qualquer questão decorrente da participação na pesquisa, assim como ser ressarcido(a), caso tenha custo com a participação na pesquisa, mediante justificativa e apresentação de comprovante(s) legal(is), porém adianto que não há custos previstos para os respondentes.
11. Como pesquisadora, tratarei a identidade do(a) respondente menor de acordo com padrões profissionais de sigilo, atendendo à legislação brasileira (Resolução nº 510/16, do Conselho Nacional de Saúde - CNS), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.
12. Os dados coletados na pesquisa são especificamente para fins acadêmico-científicos (projetos de pesquisa, extensão e intervenção), fins de divulgação do trabalho e/ou da UFBA ou outra instituição que for autorizada pela Universidade (informativos, encartes, folders, jornais internos da universidade e/ou semelhantes, congressos). Os dados coletados, mantido o anonimato dos respondentes, poderão ser utilizados por outros pesquisadores e/ou professores da UFBA ou outra instituição que for autorizada pela Universidade a realizar projetos científico-acadêmicos com as mesmas finalidades e ficarão arquivados comigo, pesquisadora responsável, por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido esse tempo, avaliarei, na condição de pesquisadora, os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente.
13. O(A) senhor(a) e o(a) estudante terão a garantia do acesso aos resultados da pesquisa.
14. Esta pesquisa será pautada na Resolução nº 510/16, do CNS, uma vez que toda pesquisa envolve riscos, o que neste caso poderá ser, em alguma das etapas, sintoma de cansaço

e desânimo, ou ainda sentir algum constrangimento na Roda de Conversa e na Entrevista. Ocorrendo alguma dessas eventualidades, haverá amparo por parte da pesquisadora, bem como, se necessário, haver encaminhamento aos setores de saúde do campus (psicólogo e/ou médico). Reitero que o participante da pesquisa poderá optar por desistir de qualquer etapa, a qualquer momento.

15. Este TCLE segue em duas vias, sendo uma sua (responsável pelo estudante) e outra minha (pesquisadora). Recomenda-se que o(a) senhor(a) guarde sua via em seus arquivos pessoais, para eventuais consultas futuras.
16. Na qualidade de pesquisadora responsável, declaro ter cumprido as exigências dos itens da Resolução nº 510/16, do CNS, que estabelecem as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO PARTICIPANTE DA PESQUISA

Eu, _____, na condição de responsável pelo(a) estudante, menor de idade, _____, inscrito(a) no Ifes sob a matrícula nº _____, concordo com sua participação do estudo intitulado “***O meme como dispositivo para ampliação do repertório linguístico, comunicativo e cultural dos alunos em formação no Ifes***”. Destaco que a participação do(a) estudante nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui, ainda, devidamente informado(a) e esclarecido(a), pela pesquisadora responsável Jussara Silva Campos, sobre a pesquisa, os procedimentos e os métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação do(a) estudante no estudo. Foi-nos garantido que eu ou o(a) estudante podemos retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a participação do(a) estudante no projeto de pesquisa acima descrito.

Santa Teresa, _____ de _____ de _____.

Assinatura por extenso do(a) Responsável

Jussara Silva Campos
Pesquisadora - Mestranda do MPED/UFBA

APÊNDICE I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE - Estudante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE**ESTUDANTE**

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada **“O meme como dispositivo para ampliação do repertório linguístico, comunicativo e cultural dos alunos em formação no Ifes”**, sob minha responsabilidade como pesquisadora, sob orientação da Profª Drª Salete de Fátima Noro Cordeiro, professora do Mestrado Profissional em Educação (MPED), da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Meu nome é Jussara Silva Campos, professora de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), Campus Santa Teresa.

Após receber as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, peço que preencha o **CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO PARTICIPANTE DA PESQUISA**, que se encontra ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo uma delas a sua e a outra pertencente a mim, pesquisadora responsável, e assine. Esclareço que em caso de recusa na participação, você não será penalizado(a) de forma alguma. Caso aceite participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas por mim, pesquisadora responsável, via e-mail (juscamos47@gmail.com), contato telefônico ou WhatsApp pelo número (27) 99931-6552, ou ainda pelo Telegram (@Jussarascamos). Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa acerca desta pesquisa ou houver alguma denúncia ou algum problema a ser relatado sobre esta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Educação do Espírito Santo (CEP/IFES)**. Informo que o **CEP** é um colegiado interdisciplinar e independente, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criado para defender os interesses dos participantes da **pesquisa** em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da **pesquisa** dentro de padrões **éticos**.

O contato com o CEP/IFES pode ser feito pelo telefone (27) 3357-7518, pelo e-mail etica.pesquisa@ifes.edu.br ou no seguinte endereço: Av. Rio Branco, nº 50, Santa Lúcia, Vitória - ES, CEP 29100-550.

Informações importantes sobre a Pesquisa:

1. Trata-se de uma pesquisa que estou realizando como aluna do Programa de Pós-Graduação em Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas - do Mestrado Profissional em Educação - da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia
2. Esta pesquisa visa a oferecer uma contribuição relevante para a comunidade científica, visto que se trata de uma *pesquisaintervenção*, que tem como objetivo a produção de um dispositivo que colabore para que os alunos do Ifes tenham a oportunidade de explorar diversas linguagens proporcionadas pelo contexto contemporâneo, principalmente as imagéticas, dentre as quais destacamos os *memes*. Dessa apropriação interpretativa das várias formas de comunicação que nos chegam é que se desenvolve o pensamento crítico, possibilitando formar cidadãos conscientes de seu papel como ser social em uma sociedade em constante transformação, corroborando com a premissa do ensino técnico do Ifes, que é formar profissionais que sejam conscientes, críticos, éticos, preparados para a vida sócio pessoal e para o mundo do trabalho.

3. Como esta pesquisa tem como propósito a elaboração de uma ação interventiva, ser um(a) participante dela poderá trazer-lhe benefícios, como ter a possibilidade de expor o pensamento e opinar acerca do assunto abordado, dessa forma exercendo seu protagonismo no ambiente escolar e sua cidadania, além de ter experiência, ainda que de forma rápida, com pesquisa acadêmica.
4. Esta pesquisa se dará por meio de três dispositivos: Questionário, Roda de Conversa e Entrevista. Cada etapa ocorrerá em momento distinto e de forma subsequente, na ordem em que foi apresentada. Ressalto que aceitar participar de um dos dispositivos não implica a obrigatoriedade de participação nos demais.
5. Importante esclarecer que sua participação nesta pesquisa é totalmente voluntária, portanto fica garantida a sua liberdade de se recusar a participar ou retirar o seu consentimento em qualquer fase, inclusive durante a realização de qualquer etapa, sem que haja qualquer insistência na sua permanência, pedido de justificativa ou penalidade por sua desistência, bem como poderá se recusar a responder questões com a qual possa sentir algum constrangimento ou não se sentir à vontade para discorrer sobre o assunto, seja em qualquer dos dispositivos utilizados (Questionário - Roda de Conversa - Entrevista)..
6. Será solicitado a você responder a um Questionário impresso, contendo 23 questões estritamente relacionadas ao tema da pesquisa, acima exposto. Nesse Questionário haverá necessidade de incluir seu nome, porém esclareço que em nenhum momento sua identidade será revelada. A identificação servirá apenas para um possível convite para participar da próxima etapa da pesquisa (Roda de Conversa), cuja participação também será totalmente livre. Acrescento que, além de mim, como pesquisadora, ninguém mais terá acesso às suas respostas.
 - 6.1 O Questionário respondido será coletado para análise dos dados, atendendo aos fins da pesquisa. Findada essa etapa, o formulário será arquivado e só será acessado por mim, enquanto pesquisadora, podendo solicitar uma cópia para sua guarda.
 - 6.2 O Questionário poderá ser respondido no campus, em momentos vagos de aulas, ou poderá levá-lo para responder em outro local e devolvê-lo no dia seguinte a mim.
 - 6.3 Haverá total liberdade em deixar de responder a algumas questões, caso assim desejar, sem qualquer questionamento ou penalidade sobre.
7. Uma vez vencida a etapa do Questionário, você poderá ser convidado(a) a participar de uma Roda de Conversa, em que serão trazidas questões estritamente relacionadas ao tema da pesquisa, a fim de que, junto com outros estudantes, possa trazer suas impressões acerca dos itens propostos.
 - 7.1 A Roda de Conversa será conduzida por mim, tendo um grupo de, no máximo, doze estudantes dos cursos técnicos do campus. Há um tempo máximo de duração previsto de 1h30min.
8. Findada a etapa da Roda de Conversa, você também poderá ser convidado(a) a participar de uma Entrevista, conduzida por mim, na condição de pesquisadora, cuja dinâmica e trato das respostas serão similares à Roda de Conversa, o que reitero abaixo.
 - 8.1 Na Entrevista, serão tratadas questões estritamente relacionadas ao tema da pesquisa, a fim de que você possa trazer suas impressões acerca dos itens propostos.

- 8.2 A Entrevista contará com a minha presença e a sua, somente. Há um tempo máximo de duração previsto de 1h.
9. Sobre a Roda de Conversa e a Entrevista:
- 9.1 Caso você opte por participar, sua identificação será por pseudônimo (nome fictício).
- 9.2 Haverá gravação por áudio, para que possa ser feita a transcrição das falas, que servirão de base para análise do tema pesquisado, em conformidade com os objetivos pretendidos. Certifico que o acesso à gravação será feito exclusivamente por mim, pesquisadora, havendo total anonimato dos participantes.
- 9.3 Apesar de ter um tempo previsto para cada dinâmica, havendo sintomas de desânimo ou cansaço de sua parte, a Roda de Conversa e/ou a Entrevista poderão ser encerradas antes do previsto. Qualquer desconforto ocasionado pelas dinâmicas será acolhido por mim e, caso necessário, haverá encaminhamento aos setores de saúde do campus.
- 9.4 Ambas as dinâmicas acontecerão em horário livre de aula, em algum ambiente do campus, previamente comunicado.
- 9.5 No intuito de preservar os dados e a garantia do sigilo, a gravação de áudio e as respectivas transcrições da Roda de Conversa e da Entrevista serão arquivadas e só serão acessadas por mim, enquanto pesquisadora, podendo ser solicitada uma cópia da transcrição para sua guarda.
10. Você tem o direito de pleitear indenização (reparação a danos imediatos ou futuros), por lei, a respeito de qualquer questão decorrente da participação na pesquisa, assim como ser ressarcido(a), caso tenha custo com a participação na pesquisa, mediante justificativa e apresentação de comprovante(s) legal(is), porém adianto que não há custos previstos para os respondentes.
11. Os dados coletados na pesquisa são especificamente para fins acadêmico-científicos (projetos de pesquisa, extensão e intervenção), fins de divulgação do trabalho e/ou da UFBA ou outra instituição que for autorizada pela Universidade (informativos, encartes, folders, jornais internos da universidade e/ou semelhantes, congressos). Os dados coletados, mantido o anonimato dos respondentes, poderão ser utilizados por outros pesquisadores e/ou professores da UFBA ou outra instituição que for autorizada pela Universidade a realizar projetos científico-acadêmicos com as mesmas finalidades e ficarão arquivados comigo, pesquisadora responsável, por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido esse tempo, avaliarei, na condição de pesquisadora, os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente.
12. Você terá a garantia do acesso aos resultados da pesquisa.
13. Esta pesquisa será pautada na Resolução nº 510/16, do CNS, uma vez que toda pesquisa envolve riscos, o que neste caso poderá ser, em alguma das etapas, sintoma de cansaço e desânimo, ou ainda sentir algum constrangimento na Roda de Conversa e na Entrevista. Ocorrendo alguma dessas eventualidades, haverá amparo por parte da pesquisadora, bem como, se necessário, haver encaminhamento aos setores de saúde do campus (psicólogo e/ou médico). Reitero que o participante da pesquisa poderá optar por desistir de qualquer etapa, a qualquer momento.

14. Este TCLE segue em duas vias, sendo uma sua (participante) e outra minha (pesquisadora). Recomenda-se que você guarde sua via em seus arquivos pessoais, para eventuais consultas futuras.
15. Na qualidade de pesquisadora responsável, declaro ter cumprido as exigências dos itens da Resolução nº 510/16, do CNS, que estabelecem as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO PARTICIPANTE DA PESQUISA

Eu, _____, portador(a) do RG/CPF nº _____, aluno(a) inscrito(a) no Ifes sob a matrícula nº _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado “**O meme como dispositivo para ampliação do repertório linguístico, comunicativo e cultural dos alunos em formação no Ifes**”. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Ainda, fui devidamente informado(a) e esclarecido(a), pela pesquisadora responsável Jussara Silva Campos, sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santa Teresa, _____ de _____ de _____.

Assinatura por extenso do(a) Aluno(a)

Jussara Silva Campos
Pesquisadora - Mestranda do MPED/UFBA

APÊNDICE J - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE - Docente

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE**DOCENTE**

O(A) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “**O meme como dispositivo para ampliação do repertório linguístico, comunicativo e cultural dos alunos em formação no Ifes**”, sob minha responsabilidade como pesquisadora, sob orientação da Profª Drª Salete de Fátima Noro Cordeiro, professora do Mestrado Profissional em Educação (MPED), da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Meu nome é Jussara Silva Campos, professora de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), Campus Santa Teresa.

Após receber as informações a seguir, se o(a) senhor(a) aceitar fazer parte do estudo, peço que preencha o **CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO PARTICIPANTE DA PESQUISA**, que se encontra ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo uma delas a sua e a outra pertencente a mim, pesquisadora responsável, e assine. Esclareço que em caso de recusa na participação, o(a) senhor(a) não será penalizado(a) de forma alguma. Caso aceite participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas por mim, pesquisadora responsável, via e-mail (juscamos47@gmail.com), contato telefônico ou WhatsApp pelo número (27) 99931-6552, ou ainda pelo Telegram (@Jussarascamos). Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa acerca desta pesquisa ou houver alguma denúncia ou algum problema a ser relatado sobre esta pesquisa, o(a) senhor(a) também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Educação do Espírito Santo (CEP/IFES)**. Informo que o **CEP** é um colegiado interdisciplinar e independente, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criado para defender os interesses dos participantes da **pesquisa** em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da **pesquisa** dentro de padrões **éticos**.

O contato com o CEP/IFES pode ser feito pelo telefone (27) 3357-7518, pelo e-mail etica.pesquisa@ifes.edu.br ou no seguinte endereço: Av. Rio Branco, nº 50, Santa Lúcia, Vitória - ES, CEP 29100-550.

Informações importantes sobre a Pesquisa:

1. Trata-se de uma pesquisa que estou realizando como aluna do Programa de Pós-Graduação em Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas - do Mestrado Profissional em Educação - da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia
2. Esta pesquisa visa a oferecer uma contribuição relevante para a comunidade científica, visto que se trata de uma *pesquisaintervenção*, que tem como objetivo a produção de um dispositivo que colabore para que os alunos do Ifes tenham a oportunidade de explorar diversas linguagens proporcionadas pelo contexto contemporâneo, principalmente as imagéticas, dentre as quais destacamos os *memes*. Dessa apropriação interpretativa das várias formas de comunicação que nos chegam é que se desenvolve o pensamento crítico, possibilitando formar cidadãos conscientes de seu papel como ser social em uma sociedade em constante transformação, corroborando com a premissa do ensino técnico do Ifes, que é formar profissionais que sejam conscientes, críticos, éticos, preparados para a vida sócio pessoal e para o mundo do trabalho.

3. Como esta pesquisa tem como propósito a elaboração de uma ação interventiva, ser um(a) participante dela poderá trazer-lhe benefícios, como refletir sobre o assunto abordado, expor o pensamento e opinar sobre o tema, possibilitando vislumbrar novas possibilidades de estratégias educativas a serem desenvolvidas com os estudantes no decorrer das aulas.
4. Esta pesquisa se dará por meio de dois dispositivos: Questionário e Entrevista. Cada etapa ocorrerá em momento distinto e de forma subsequente, na ordem em que foi apresentada. Aceitar participar de um dos dispositivos não implica a obrigatoriedade de participação no seguinte.
5. Importante esclarecer que sua participação nesta pesquisa é totalmente voluntária, portanto fica garantida a sua liberdade de se recusar a participar ou retirar o seu consentimento em qualquer fase, inclusive durante a realização de qualquer etapa, sem que haja qualquer insistência na sua permanência, pedido de justificativa ou penalidade por sua desistência, bem como poderá se recusar a responder questões com a qual possa sentir algum constrangimento ou não se sentir à vontade para discorrer sobre o assunto, seja em qualquer dos dispositivos utilizados (Questionário - Entrevista).
6. Será solicitado ao(à) senhor(a) responder a um questionário impresso, contendo 10 questões estritamente relacionadas ao tema da pesquisa, acima exposto. Nesse Questionário haverá necessidade de incluir seu nome, porém em nenhum momento sua identidade será revelada. A identificação servirá apenas para um possível convite para participar da próxima etapa da pesquisa (Entrevista), cuja participação também será totalmente livre. Além de mim, como pesquisadora, ninguém mais terá acesso às suas respostas.
 - 6.1 O Questionário respondido será coletado para análise dos dados, atendendo aos fins da pesquisa. Findada essa etapa, o formulário será arquivado e só será acessado por mim, enquanto pesquisadora, podendo ser solicitada uma cópia para sua guarda.
 - 6.2 O Questionário poderá ser respondido onde melhor lhe convier, em seu tempo livre.
7. Uma vez vencida a etapa do Questionário, o(a) senhor(a) poderá ser convidado(a) a participar de uma Entrevista, em que serão trazidas questões estritamente relacionadas ao tema da pesquisa, a fim de que possa trazer suas impressões acerca dos itens propostos.
 - 7.1 Participando da Entrevista, sua identificação será por pseudônimo (nome fictício). Informo que haverá gravação por áudio, para que possa ser feita a transcrição das falas, que servirão de base para análise do tema pesquisado, em conformidade com os objetivos pretendidos. Certifico que o acesso à gravação será feito exclusivamente por mim, pesquisadora, havendo total anonimato dos participantes.
 - 7.2 No intuito de preservar os dados e a garantia do sigilo, a gravação de áudio e as respectivas transcrições da Entrevista serão arquivadas e só serão acessadas por mim, enquanto pesquisadora, podendo ser solicitada uma cópia da transcrição para sua guarda.
 - 7.3 A Entrevista acontecerá em horário livre de aula, em algum ambiente do campus, previamente comunicado, no horário que melhor convier.
8. O(A) senhor(a) tem o direito de pleitear indenização (reparação a danos imediatos ou futuros), por lei, a respeito de qualquer questão decorrente da participação na pesquisa, assim como ser ressarcido(a), caso tenha custo com a participação na pesquisa, mediante

justificativa e apresentação de comprovante(s) legal(is), porém adianto que não há custos previstos para os(as) respondentes.

9. Os dados coletados na pesquisa são especificamente para fins acadêmico-científicos (projetos de pesquisa, extensão e intervenção), fins de divulgação do trabalho e/ou da UFBA ou outra instituição que for autorizada pela Universidade (informativos, encartes, folders, jornais internos da universidade e/ou semelhantes, congressos). Os dados coletados, mantido o anonimato dos respondentes, poderão ser utilizados por outros pesquisadores e/ou professores da UFBA ou outra instituição que for autorizada pela Universidade a realizar projetos científico-acadêmicos com as mesmas finalidades e ficarão arquivados comigo, pesquisadora responsável, por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido esse tempo, avaliarei, na condição de pesquisadora, os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente.
10. O(A) senhor(a) terá a garantia do acesso aos resultados da pesquisa.
11. Esta pesquisa será pautada na Resolução nº 510/16, do CNS, uma vez que toda pesquisa envolve riscos, o que neste caso poderá ser, em alguma das etapas, sintoma de cansaço e desânimo, ou ainda sentir algum constrangimento na Entrevista. Ocorrendo alguma dessas eventualidades, haverá amparo por parte da pesquisadora. Reitero que, como participante da pesquisa, poderá optar por desistir de qualquer etapa, a qualquer momento.
12. Este TCLE segue em duas vias, sendo uma sua (participante) e outra minha (pesquisadora). Recomenda-se que o(a) senhor(a) guarde sua via em seus arquivos pessoais, para eventuais consultas futuras.
13. Na qualidade de pesquisadora responsável, declaro ter cumprido as exigências dos itens da Resolução nº 510/16, do CNS, que estabelecem as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO PARTICIPANTE DA PESQUISA

Eu, _____, portador(a) do RG nº _____, SIAPE nº _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado “***O meme como dispositivo para ampliação do repertório linguístico, comunicativo e cultural dos alunos em formação no Ifes***”. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Ainda, fui devidamente informado(a) e esclarecido(a), pela pesquisadora responsável Jussara Silva Campos, sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Santa Teresa, _____ de _____ de _____.

Assinatura por extenso do(a) Docente

Jussara Silva Campos
Pesquisadora - Mestranda do MPED/UFBA